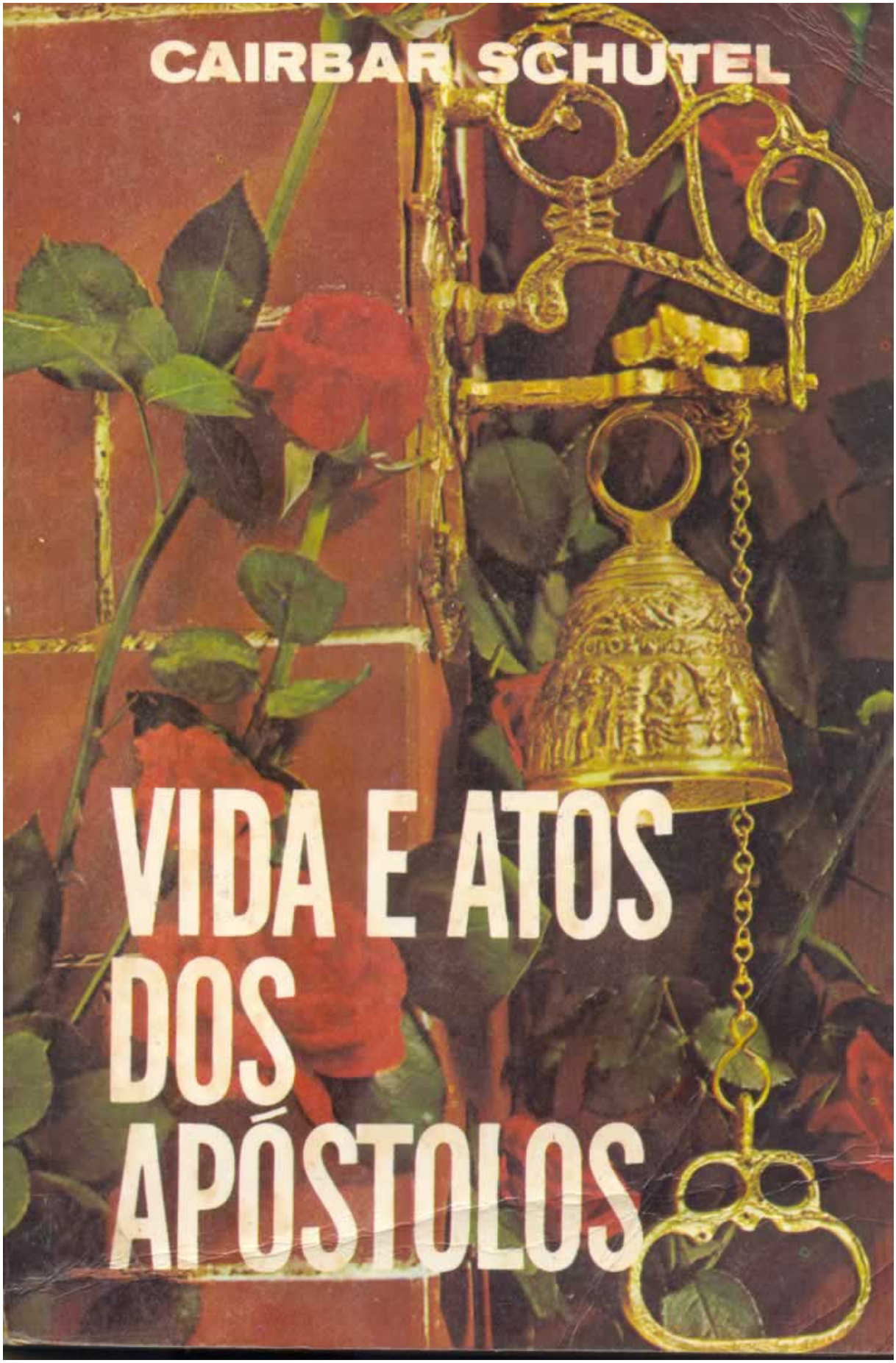
CAIRBAR SCHUTEL
VIDA E ATOS DOS APÓSTOLOS

Vida E Atos Dos Apóstolos

Cairbar Schutel

PREFÁCIO

"Vida e Atos dos Apóstolos" é uma compilação de "Atos dos Apóstolos" comentada e ampliada com dados históricos que pudemos obter sobre a vida dos Apóstolos e sua ação sob os auspícios dos Espíritos mensageiros de Deus, ante a suprema direção de Jesus Cristo.

Esforçamo-nos o quanto nos foi possível para dar nesta obra uma interpretação espiritual sobre a Doutrina que os Discípulos de Jesus anunciaram e pela qual viveram e se sacrificaram.

De acordo com a orientação Espírita, que tem por fim restabelecer a Religião de Jesus Cristo, desnaturada pelos papas e concílios, a "Vida e Atos dos Apóstolos" vem revestida de uma exegese nova, em harmonia com a lógica, a razão, e os fatos, que constituem o seu princípio fundamental. É uma obra didática para os estudantes do Novo Testamento que, estamos certos, encontrarão nela, novas luzes para se aproximarem da Verdade e bem se orientarem no Caminho que vai ter a Jesus, o supremo autor e consumador da Fé.

"Vida e Atos dos Apóstolos" foi escrita ao correr da pena, em um mês e cinco dias numa época de lutas intestinas que ensangüentaram o solo paulista.

Os leitores devem encontrar nela muitas lacunas que nos teriam passado desapercebidas. Além disso, a nossa incompetência intelectual não nos permitia fazer obra de mestre. Mas esforçamo-nos tanto quanto nos foi possível para, dóceis às inspirações dos Caros Espíritos que dirigem o nosso movimento, expor com clareza e precisão, o que sabíamos sobre os Apóstolos, bem como fazer um estudo sintético das elucidações doutrinárias, pondo de lado dissertações inúteis e logomaquias vãs.

Se esta obra alcançar o fim a que se destina, isto é, esclarecer de certo modo a vida e os atos dos Apóstolos, e guiar mesmo que seja uma única alma para Deus, nós nos daremos por felizes.

Matão, 3 de outubro de 1932.

ATOS DOS APÓSTOLOS

"Atos dos Apóstolos" é um dos livros do "Novo Testamento", escrito em grego pelo Evangelista Lucas, o autor do 3º Evangelho. Esse livro contém a história do Cristianismo, desde a ascensão de Jesus Cristo, até a chegada de Paulo, em Roma, segundo dizem, no ano 63. Parece ser a continuação do referido Evangelho também dedicado a Teófilo. Consta de 28 capítulos.

Se quiséssemos resumi-lo, nele veríamos a história da fundação dos primeiros núcleos cristãos (Igrejas) até a morte de Herodes; o cumprimento de muitas

promessas do Cristo; a prova da ressurreição e aparições do Divino Mestre; a difusão do Espírito no Cenáculo de Jerusalém; o desinteresse, a caridade dos primeiros Apóstolos, enfim, o que sucedeu a estes até a sua dispersão, para pregarem o Evangelho em todos os lugares ao seu alcance.

O Evangelista Lucas, foi um dos grandes discípulos de Paulo. Nascido na Antióquia, exercia a medicina e afirmam ter sido um bom artista. Daí o haverem-no escolhido os médicos por seu Patrono. Mas o principal de Lucas não é ter sido médico, mas sim um grande Apóstolo do Cristianismo nascente. Pelo seu Evangelho e Atos, vê-se que era um homem ilustrado, de vistas largas, pois bem interpretava o movimento de reforma religiosa que se operou em seu tempo, movimento que mereceu todo o seu auxilio prestado à Causa Cristã com rara abnegação.

Foram unicamente estes os dados mais acertados que conseguimos obter sobre tão ilustre personalidade, que assinalou sua passagem pela Terra como um super-homem, entidade dotada, pelo que se vê, de faculdades admiráveis que eram as insígnias de tão ilustre quão elevado Espírito.

EXEGESE HISTÓRICA DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

No primeiro livro relatei, ó Teófilo, todas as coisas a fazer e a ensinar, até o dia que foi recebido em cima, depois de haver, dado preceitos pelo Espírito Santo aos Apóstolos que escolhera; aos quais Ele também, depois de haver padecido, apresentou-se vivo, dando disto muitas provas, aparecendo-lhes por espaço de quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus. — Atos, I – 1 – 4.

A leitura e meditação dos "Atos dos Apóstolos", assim como acontece com todos os livros do Novo Testamento, nos proporcionam agradáveis momentos de instrução e, ao mesmo tempo, de consolação.

Muitas proposições ressaltam aos nossos olhos, ao abrir este livro, pequenino na verdade, mas grande no seu extraordinário escopo de levar a todos os lares os dados históricos da Missão Apostólica, em suas fases gloriosa e dolorosa, mas sempre proveitosas aos extraordinários seguidores do Ressuscitado da Galiléia e bem assim àqueles que quiseram e aos que querem seguir-lhes as pegadas.

O que logo ressalta às nossas vistas nesta tirada de Lucas, é a confirmação que o ilustre Evangelista faz do primeiro livro por ele escrito, ou seja, do 3º Evangelho, em que há tudo o que é necessário fazer e ensinar sobre os Preceitos de Jesus, desde o nascimento do Senhor em Belém, até o dia de sua ascensão, inclusive as lições recebidas durante os quarenta dias em que o Mestre esteve com eles, aparecendo-lhes por esse espaço de tempo após sua morte.

Este fato das aparições de Jesus, relatado por todos os Evangelistas e confirmado nas diversas Epístolas inseridas no Novo Testamento, é muito significativo e não pode deixar de constituir a base fundamental da Religião Cristã, como já temos dito em outras obras.

Essas aparições são as provas positivas da continuidade da Vida do Divino Mestre e, portanto, do prosseguimento da sua Missão, tal como Ele mesmo declarou, segundo refere o Evangelista João: "Não vos deixarei órfãos, eu voltarei a vós. Ainda

um pouco, e depois o mundo não me verá mais, mas vós me vereis, porque eu vivo e vós vivereis". (XIV, 19). "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e ME MANIFESTAREI A ELE" – (XIV, 21).

O último trecho é a recomendação solene do Mestre para que eles não saíssem de Jerusalém, a fim de esperarem a promessa feita pelo Pai, a qual (disse Ele) de mim ouvistes. Essa promessa se refere à difusão do Espírito, bem caracterizada primeiramente no cap. VII, 37 – 39 de João: "No último, no grande dia da festa, levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tiver sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como disse a Escritura, do seu interior manarão rios de água viva. Disse isto a respeito do Espírito que iam receber os que nele cressem, porque o Espírito ainda não fora dado, pois, Jesus não tinha sido ainda glorificado", E depois nos capítulos: XIV — "Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu rogarei ao Pai, Ele vos dará outro Parácleto, a fim de que fique sempre convosco; o Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque Ele habita convosco e estará em vós" (15,17). Eu vos tenho falado estas cousas, estando ainda convosco; mas o Parácleto, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse" (25, 26). Cap. XV: "Quando, porém, vier o Parácleto, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, esse dará testemunho de mim; e vós também dareis testemunho porque estais comigo desde o princípio" (26, 27). Cap. XVI: "Ainda tenho muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que estão para vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar" (12-14).

Na parte final do trecho acima transcrito, nós observamos a íntima ligação existente, entre a vinda do Parácleto e o Batismo referido pelo Batista: "Eu vos batizei com água, mas atrás de mim vem quem vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mateus, III, 11).

Jesus confirma o que disse João Batista: "Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias" (Atos, 1, v. 5).

O ESPIRITO SANTO E A ASCENSÃO DE JESUS

Eles, pois, estando reunidos outra vez, perguntaram-lhe: Senhor, é agora, porventura, que restabeleces o reino de Israel? E Ele lhes respondeu: A vós não vos compete saber os tempos e as épocas, que o Pai fixou por sua própria autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até as extremidades da Terra, E tendo dito estas coisas, foi Jesus elevado à vista deles, e uma nuvem o recebeu e ocultou aos seus olhos. E estando eles com os olhos fitos no céu enquanto Ele subia, eis que dois varões com vestiduras brancas se puseram ao lado deles, e lhes

perguntaram: Galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós foi recebido no céu, assim virá do modo como o viste ir para o céu. – (Atos, I – v. 6 a 11) .

Em uma obra anterior, fizemos esclarecimentos a respeito da palavra Espírito Santo, que a cada passo se encontra nos Evangelhos.

Não será demais, entretanto, estendermo-nos em certas considerações a esse respeito, para que os leitores melhor compreendam o sentido das Escrituras, especialmente os "Atos dos Apóstolos" que nos propomos a respigar.

As antigas Escrituras não continham o qualificativo santo quando se falava do Espírito.

Todos os Apóstolos reconheciam a existência de Espíritos, mas entre estes, bons e maus.

No Evangelho de Lucas, X, lê-se: "Aquele que pede, obtém; o que procura, acha; abrir-se-á ao que bater; se vós sendo maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do Céu um bom Espírito àqueles que o pedirem". (10 a 13).

Foi só com a tradução das antigas Escrituras e constituição da Vulgata que esse qualificativo foi acrescentado, com certeza para fortificar o "Mistério da Santíssima Trindade", tirado de uma lenda hindu, aventado por comentadores das Escrituras, que desde logo após a morte de Jesus, viviam em querelas, em discussões sobre modos de se interpretar as Escrituras. Essa mesma "Trindade" é que foi proclamada como "artigo de fé", pelo Concílio de Nicéia, em 325, após ter sido rejeitada por três concílios.

O mistério da "S. S. Trindade" veio criar uma doutrina nova sobre a concepção do Espírito, atribuindo a este, quando revestido do qualificativo Santo, um ser misterioso, incriado, também Deus e coeterno com o Pai.

Desvirtuada por completo de sua verdadeira significação, a promessa de Jesus não representa para as Igrejas Romana e Protestante, a difusão do Espírito, ou antes dos Espíritos, que, por ordem de Deus e enviados por Jesus, viriam restabelecer todas as coisas, mas sim um dom sobrenatural, um movimento de cérebro e de coração que Deus operou unicamente nos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

Nós vamos ver adiante, pelo enredo dos trechos dos "Atos", que esta doutrina é absolutamente errônea, não só errônea como também obstrutiva dos princípios cristãos, inutilizando por completo as Palavras de Jesus, sua vida e os Ensinos Apostólicos, únicos capazes de quando recebidos em sua verdadeira significação, transformar o homem, guiando-o bem aos seus destinos imortais.

Para maior esclarecimento desta tese, convidamos o leitor a consultar a importante obra de Léon Denis — "Cristianismo e Espiritismo", lendo, com especialidade, o 4º, 5º, e 6º cap. desta obra, bem como a 6ª Nota Complementar.

Ao estudar a Bíblia, todo o juízo preconcebido nos obscurece o entendimento.

O qualificativo Santo que se encontra na Bíblia para designar espírito bom, não deve absolutamente, ser interpretado como um ente misterioso, sibilino, que constitui a 3ª pessoa da S. S. Trindade. Mas sim, como sendo um Espírito adiantado, de bondade, de amor e sabedoria.

Nós vemos, por exemplo, no Antigo Testamento (Daniel, XIII, 45), a seguinte notícia: “O Senhor suscitou o espírito santo de um moço chamado Daniel”.

Por aí se conclui claramente, que, tratando a Bíblia, em sua moderna publicação, de Espírito Santo, o qualificativo santo representa as qualidades superiores de um indivíduo.

É bom que os leitores tomem nota desta elucidação, pois, ao transcrever as passagens dos “Atos”, havemos de encontrar muitas vezes a palavra Espírito Santo, que não pode deixar de ser ligada a uma pessoa.

Desejavam os discípulos saber de Jesus a época do restabelecimento do Reino de Israel, mas o Senhor lhes respondeu que a eles não competia saber tempos, nem épocas, pois a sua tarefa era serem suas testemunhas não só em Jerusalém, como em toda a Judéia, Samaria e até nas extremidades da Terra.

Ora, sabemos que as extremidades da Terra, ao tempo de Jesus, eram muito limitadas, e se essa tarefa ficasse adstrita unicamente àqueles seus discípulos, excluindo-se a lei da Reencarnação e o prosseguimento da sua ação do Mundo Espiritual em estado de Espíritos, ela ficaria absolutamente resumida a uma nação, e então a Religião do Cristo seria uma religião nacional, e não uma Religião Mundial, como é o seu verdadeiro caráter.

Sendo a Doutrina de Jesus permanente, eterna, palavra que não passa, só considerando-a espiritualmente, sem o véu da letra, poderemos acolhê-la hoje com um cérebro forte e um coração que palpita, desejoso de Verdade e de progresso.

Ficamos compreendendo, além de tudo, que Jesus conversava com os seus discípulos, depois de ter morrido, dando-lhes instruções e ordenando-lhes a observância de seus Ensinos. Esses quarenta dias em que o Mestre esteve com eles, foram aproveitados, para lhes repetir os seus Ensinamentos, firmar-lhes a Fé, e tornar àqueles que deveriam levar por todo o mundo a Palavra da Ordem, fiéis obreiros, trabalhadores dedicados e intemeratos, pois teriam a seu lado Espíritos para os auxiliar em todas as conjunturas e fazerem com que persistissem até o fim.

E foi só depois de lhes ter dito tudo o que era preciso, de lhes ter dado todas as instruções necessárias que, segundo refere Lucas, o Mestre elevou-se às alturas, desmaterializando-se diante dos olhos de todos.

Os espíritas compreendem bem esses fenômenos de materialização e desmaterialização, tão extraordinariamente verificados com Jesus e referidos nos Evangelhos.

E diz o texto que, enquanto eles tinham os olhos fitos no céu, maravilhados da ascensão de Jesus, eis que apareceram e se puseram ao lado deles dois varões com vestiduras brancas e lhes perguntaram: “Galileus, porque estais olhando para o céu? esse Jesus que dentre vós foi recebido no céu, assim virá do modo como o viste ir para o céu”.

Esta sessão foi verdadeiramente imponente, pois até os varões, materializados, falaram, dando explicações e revelando coisas futuras, como a nova vinda de Jesus, como todos esperamos, e não reencarnado, mas sim semelhante à sua estada, quando ressuscitado, ou seja, materializado.

E quem seriam esses varões, que vieram trazer-lhe o seu testemunho? O Evangelista não o diz, mas nós julgamos que foram os mesmos que se mostraram aos Apóstolos no Tabor, como testemunhos da Excelsa Missão de Jesus, Moisés e Elias: um representando a Lei, outro os Profetas, que, ao ver de Jesus, são incluídos nos seus preceitos de Amor a Deus e ao próximo.

A ELEIÇÃO DE UM APÓSTOLO EM JERUSALÉM

Então voltaram para Jerusalém do Monte chamado Olival. que está perto de Jerusalém, na distância da jornada de um sábado. E quando entraram, subiram ao Cenáculo, onde assistiam Pedro, João, Tiago e André; Felipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu e Simão, o Zelote e Judas, filho de Tiago. Todos esses perseveraram unanimemente em oração com as mulheres e com Maria, mãe de Jesus e com os irmãos d'Ele.

N'aquele dia levantou-se Pedro no meio dos irmãos (estava ali reunida uma multidão de cerca de cento e vinte pessoas) e disse: Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse por boca de David acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus, porque era ele contado entre nós e tomou parte neste ministério. Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da sua iniqüidade e, precipitando-se de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. E tornou-se isto conhecido de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Akeldama, isto é, campo de sangue. Pois está escrito no livro Salmos: “Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu ministério”.

É necessário, pois, que dos homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, começando desde o batismo de João, até o dia em que dentre nós foi recebido em cima, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição. E, apresentaram dois — José, também chamado Barsabás, que tinha por sobrenome Justo e Matias. E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, para tomar parte deste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou para ir ao seu próprio lugar. E a respeito deles deitaram sortes; e caiu a sorte sobre Matias, e foi ele contado com os onze Apóstolos. — Atos, Cap. I, vv. 12-26.

Os Apóstolos não são eleitos, mas sim escolhidos e a sua escolha não pode deixar de ser feita sem o assentimento dos Espíritos encarregados da Espiritualização da humanidade.

Assim compreenderam aqueles que foram chamados por Jesus para a alta investidura de transmitir as Novas da Salvação às gentes.

Neste capítulo se verifica que, obedientes às ordens do Divino Mestre, eles permaneceram em Jerusalém, onde perseveraram unanimemente em oração e juntamente a eles as mulheres, inclusive Maria, mãe de Jesus, os irmãos do Senhor e mais pessoas que constituíam uma multidão de cerca de cento e vinte indivíduos.

Este trecho dos Atos é digno de recordação, porque vamos verificar que não foram só os doze Apóstolos que receberam o espírito, mas sim todos os que lá estavam.

Havia falta de um membro entre os principais Apóstolos, pois estavam só onze, quando deveriam ser doze, ou seja os representantes das Doze Tribus de Israel, que continuariam a se esforçar para o estabelecimento do Reinado de Deus, na Terra.

Então, Pedro, fazendo referência a Judas que havia falido em sua tarefa, pelo que deliberou suicidar-se, lembrando que esse fato dava cumprimento a uma profecia muito remota narrada nos Salmos, propôs a escolha de um dos presentes para preencher o lugar ocupado anteriormente.

Mas era preciso que o escolhido tivesse acompanhado a Jesus, desde o tempo do seu Batismo, até o dia da Ascensão.

Foram encontrados dois que se achavam nestas condições: José Barsabás, também cognominado o Justo, e Matias.

Eles fizeram uma súplica ao Senhor, para que escolhido fosse o substituto e tirando sortes, recaiu esta em Matias, ficando assim completo o número dos Apóstolos maiores.

Dizemos Apóstolos maiores, porque julgamos que os demais que ali se achavam não deixavam também de ser Apóstolos, como se vai ver ao tratarmos da explosão de Pentecostes.

Faz-se interessante insistir mais uma vez sobre o número de pessoas que se achavam em constante oração no Cenáculo, calculado em cento e vinte pessoas.

Estando este capítulo em íntima relação com o que segue, é preciso que o estudante evangélico o retenha para bem compreender o relato de Lucas de que nos vamos ocupar em seguida.

O DIA DE PENTECOSTES – A DIFUSÃO DO ESPÍRITO

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam sentados; e lhes apareceram umas como línguas de fogo, as quais se distribuíram, para repousar sobre cada um deles; e todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

E habitavam em Jerusalém judeus, homens religiosos, de todas as nações em baixo do céu: e quando se ouviu este ruído, ajuntou-se ali a multidão e ficou pasmada, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E estavam atônitos e maravilharam-se, perguntando: Não são galileus todos esses que estão falando? E como os ouvimos falar, cada um na língua do nosso nascimento, partos, medas, e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, a Pamfilia, o Egito e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, sendo uns judeus e outros prosélitos, cretenses e árabes; como é que o ouvimos falar em nossas línguas as grandezas de Deus? E ficaram todos atônitos e

perplexos e perguntavam uns aos outros: Que quer dizer isto? Outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto. — Atos, II, 1–13.

A explicação deste capítulo já foi dada em uma obra anterior — "Parábolas e Ensinos de Jesus" — pág. 317, que recomendamos à atenção dos leitores.

Vamos limitar a nossa exposição aos interessantes fenômenos de Xenoglossia, ou seja — "a faculdade de falar ou escrever em uma ou mais línguas estranhas, desconhecidas do médium, durante o transe mediúnico".

Este fenômeno, está bem caracterizado por Paulo, em sua 1ª Epístola aos Coríntios, cap. 12, v. 10, com o título — "diversidade de línguas". Essa faculdade mediúnica vem de tempos imemoriais.

Parece que nos tempos de Paulo, era bem avultado o número de indivíduos que gozavam desse dom, e naturalmente se jatavam, julgando que bastava-lhes possuí-lo para já serem considerados no Reino do Céu. Foi provavelmente o que levou o Apóstolo a dizer no Cap. XIII, Epístola 1ª aos Coríntios: "Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, e não tiver caridade, tenho-me tornado como o bronze que soa, ou como o sino que tine".

O "dom de línguas" não tem absolutamente o caráter sobrenatural que as Igrejas de Roma e Protestante lhe querem dar, atribuindo-o a um milagre peculiar, exclusivamente dado aos Apóstolos, pela 3ª Pessoa da S. S. Trindade. Essas manifestações foram inúmeras na época do Cristianismo nascente e delas participavam homens e mulheres, livres e servos, como se irá verificar na continuação do estudo dos Atos dos Apóstolos.

A mediunidade poliglota, na fase espírita, desde o seu início, se salienta, de modo admirável, nos relatos dos sábios e investigadores.

Para não multiplicar citações, limitamo-nos a lembrar o caso da filha do Juiz Edmonds, de New York.

João W. Edmonds, 1º Juiz do Tribunal Supremo, de New York, foi um habilíssimo magistrado, homem muito benquisto pela sua honorabilidade. Ocupou nos últimos tempos os mais elevados cargos judiciais com talento, perspicácia e valor.

Referindo-se aos trabalhos do Juiz Edmonds, o grande sábio Alfred Russel Wallace escreveu:

"Os trabalhos do Juiz Edmonds são provas convincentes de fatos resultantes das experiências desse magistrado. Sua própria filha tornou-se médium, e pôs-se a falar línguas estrangeiras que lhe eram totalmente desconhecidas o Ele exprime-se do seguinte modo sobre o assunto:

"Ela não seu, salvo ligeiro conhecimento de francês, aprendido na escola. Não obstante isso, tem conversado freqüentemente em nove ou doze idiomas diferentes, muitas vezes durante uma hora, com a segurança e a facilidade de uma pessoa falando sua própria língua. Não é raro que estrangeiros se entretenham, por seu intermédio com seus amigos espirituais e em seu próprio idioma. Cumpre-nos dizer como se passou tal fato em uma das circunstâncias.

Uma noite em que doze ou quatorze pessoas se achavam em meu pequeno salão, o Sr. E. D. Green, um artista desta cidade, foi introduzido em companhia de um

cavalheiro que se apresentou como sendo Evan Gelides, natural da Grécia. Pouco depois, um Espírito falou-lhe em língua inglesa, por intermédio de Laura, e tantas cousas lhe disse que ele reconheceu estar por seu intermédio em relação com um amigo que falecera em sua casa alguns anos antes, mas de quem ninguém tinha ouvido falar. Nessa ocasião, por intermédio de Laura, o Espírito disse algumas palavras e pronunciou diversas máximas em grego, até que, enfim, o Sr. E. perguntou se ele poderia ser compreendido quando falasse em grego. O resto da conversação transcorreu durante mais de uma hora, da parte do Sr. E. inteiramente em língua grega; Laura também falava em grego e algumas vezes em inglês. Em certos momentos, Laura não compreendia a idéia sobre a qual ela ou o Sr. Gelides falavam; mas, em outras ocasiões, a compreendia, posto que falasse em grego e ela própria se servisse de termos gregos".

Vários outros casos são conhecidos e está averiguado que essa jovem tem falado as línguas espanhola, francesa, grega, italiana, portuguesa, latina, húngara, hindu, assim como em outras que eram desconhecidas das pessoas presentes. Esses idiomas eram falados em nome de pessoas falecidas que conversavam com os seus parentes e conhecidos presentes.

Ultimamente as revistas psíquicas e espíritas têm noticiado muitos casos de "Xenoglossia" observados por pessoas de responsabilidade moral e científica.

Foram esses fenômenos que se verificaram no dia de Pentecostes, no Cenáculo, e maravilharam povos de todas as partes da Judéia, da Ásia, do Egito, etc.

Mas, como diz o Eclesíastes — "o que foi, é o que é, e o que é, é o que há de ser" — ontem como hoje, não faltaram negadores sistemáticos que, sem saber o que pensavam, nem o que diziam, afirmavam que todas aquelas pessoas reunidas no Cenáculo, em número de cento e vinte almas, já à hora terceira (9 horas da manhã) se achavam embriagadas.

O homem continua a julgar os outros por si, sem pensar nos juízos temerários que externa. Se o homem julgasse pela reta justiça, ficaria compreendendo que aqueles fatos, outra cousa não eram que manifestações de Espíritos que vieram dar cumprimento à Promessa de Jesus.

Outro fenômeno, muito clássico hoje, que tem sido observado em inúmeras sessões espíritas e tem sido relatado pelos experimentadores, são as luzes, flocos de luzes, bolas de luzes, que assinalam a presença dos Espíritos, fenômenos verificados no Cenáculo e qualificados por Lucas como — "umas como línguas de fogo".

O DISCURSO DE PEDRO – A PROFECIA DE JOEL

Mas Pedro, estando em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Homens da Judéia e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e prestai ouvidos às minhas palavras. Pois estes homens não estão embriagados, como vós supondes, visto que é ainda a hora terceira do dia; mas cumpre-se o que dissera o profeta Joel:

"E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos

terão visões; e os vossos velhos sonharão; e também sobre os meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.

E mostrarei prodígios em cima no céu e sinais em baixo na Terra; sangue e fogo, vapor e fumo; o Sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". – v. v. 14–21.

O discurso de Pedro não termina nestes versículos. Continua até o versículo 36. Para não tomar espaço deixamos de transcrever a última parte, recomendando-a à atenção dos leitores, pois em qualquer "Novo Testamento" com facilidade encontrá-la-ão. Nessa parte o Apóstolo lembra aos Israelitas os grandes poderes de Jesus, os prodígios por Ele operados e os sinais que Deus fez por meio d'Ele, bem como o seu crucificamento por mãos de iníquos, a sua ressurreição, a incorruptibilidade de seu corpo, as antigas profecias avisando tudo o que ia suceder, etc.

Pedro foi um dos primeiros discípulos que Jesus escolheu. Se lermos atentamente os Evangelhos, veremos que esse homem era um excelente médium, intuitivo e inspirado. Já anteriormente ele tomara a palavra e falara inspirado pelo Espírito, em nome dos Doze.

No cap. XVI de Mateus, v. v. 15 e 16 os leitores verão que perguntando o Mestre aos seus discípulos quem diziam eles ser o Filho do Homem, foi Pedro quem falou em nome dos doze, e falou inspirado pelo Espírito, transmitindo a REVELAÇÃO, sobre a qual Jesus disse que edificaria sua igreja.

Pedro começou o seu discurso citando a profecia de Joel, profecia esta incerta no "Antigo Testamento" e que anuncia os acontecimentos que se realizariam não só naquela época, como, com mais precisão ainda, na em que nos achamos e num futuro próximo.

Essa profecia é bem clara e se verificou no Cenáculo com a produção de línguas estrangeiras, pelos médiuns poliglotas, que em número de cento e vinte, ali se achavam. Mancebos tiveram visões, pois, viram "as chamas como que ínguas de fogo" repousando sobre todos.

Não consta, entretanto, dos "Atos", que os "velhos tivessem sonhos", o que quer dizer que a profecia não foi realizada em sua totalidade.

Mas depois, conforme veremos no decorrer dos nossos estudos, outras manifestações, como curas, etc., foram verificadas, até que chegada à Era Nova, em que nos achamos, têm-se dado manifestações de todo o gênero, como as que temos observado, segundo os relatos transmitidos pelos sábios e experimentadores que, com o auxílio de poderosos médiuns, tão poderosos como os Apóstolos e, talvez mais ainda, têm prestado todo o seu serviço para desmoronar o "templo do materialismo", erguendo sobre a grande pirâmide do Amor, o belo farol da Imortalidade.

Nós cremos, entretanto, que, por ocasião do Cristianismo nascente, muitos médiuns, (quantidade inumerável, mesmo) se desenvolveram e foram desenvolvidos, o que levou Paulo a estabelecer regras para o bom sucesso das reuniões que se efetuavam naquela época.

Na Epístola aos Romanos, cap. XII, 4, diz Paulo:

"Pois assim como temos muitos membros em um só corpo, e todos os membros não têm a mesma função; assim nós, sendo muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. E tendo dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada: se é profecia, profetizemos, segundo a proporção da nossa fé; se é ministério, dediquemo-nos ao nosso ministério; ou o que ensina, dedique-se ao que ensina; ou o que exorta, à sua exortação; o que reparte, faça-o com simplicidade; o que preside, com zelo; o que usa de misericórdia, com alegria" .

É bastante este trecho para nos deixar ver qual era a vida dos Discípulos e seus atos. Tarefa toda espiritual que não poderia dispensar o auxílio dos Espíritos encarregados de fazer reviver neles as Palavras de Jesus, e guiá-los em todas as suas ações. Aí está bem clara a missão do profeta, que deve salientar a profecia.

O Apóstolo da Luz comparando a diversidade de membros do nosso corpo, cada qual com sua serventia e seu mister, fez ver a diversidade de dons, de faculdades psíquicas, faculdades essas que devem ser orientadas pelos Preceitos do Cristo, que é a Cabeça (o Chefe), assim como todos os nossos membros sujeitos estão à cabeça.

Na 1ª aos Coríntios, XII, 4 – 31, o Doutor dos Gentios é ainda mais explícito, mostrando que todas as manifestações são orientadas, ou para melhor dizer, permitidas por Deus. Todos os rios de água viva, aos quais o Mestre se referiu, que manariam do ventre daquele que n'Ele cresse, fazendo alusão ao Espírito que haviam de receber, tinham uma só Fonte que é Deus.

Vamos aproveitar a palavra de tão ilustre Doutor:

"Ora, há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito; e há diversidade de ministérios, mas um mesmo é o Senhor; e há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um porém, é dada a manifestação do Espírito para proveito. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro fé, no mesmo Espírito; a outro, dons de curar, em um só Espírito; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, diversidade de línguas, e a outro a interpretação de línguas; mas todas estas coisas opera um só e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um particularmente o que lhe apraz".

O "Dom do Espírito Santo", como dizem as Igrejas, vê-se bem claro que é o dom da mediunidade e comunicação dos Espíritos. Cada médium tem a sua missão: sabedoria, ciência, fé, curas, maravilhas, profecia, línguas, etc., etc. Mas é preciso não esquecer que existem também os que têm o dom de discernimento dos Espíritos. Ora, se existem indivíduos encarregados do discernimento dos Espíritos, e se este dom foi enumerado por Paulo, parece claro e lógico que não é só um Espírito que produz tudo, não é sempre o mesmo Espírito que produz maravilhas, curas, profecias, etc., etc., mas sim, muitos, sendo que ha adiantados e atrasados, senão não haveria necessidade de discernimento. Quis Paulo dizer, que todos os Espíritos são provenientes de Deus, e não como julgavam os judeus, que os havia por parte do diabo.

Na conclusão do capítulo, Paulo trata da necessidade da unidade espiritual da congregação, repetindo o que havia dito aos Romanos e acrescentando várias

considerações elucidativas, muito ao alcance de todos e da compreensão dos que nos lêem.

Depois, porém, de terminado o discurso de Pedro, a multidão que o ouvia, perguntou a Pedro e aos Apóstolos, o que se deveria fazer para se tornar cristão. Eles responderam: "Arrependei-vos e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão do pecado, e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois, para vós é a promessa e para os vossos filhos e para todos os que estão longe, e a quantos chamar o Senhor nosso Deus. E os exortava: Salvai-vos desta geração perversa. E os que receberam a palavra foram batizados, e foram admitidas naquele dia quase três mil pessoas; e perseveraram na doutrina dos Apóstolos, e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor e muitos prodígios e milagres eram feitos pelos Apóstolos. E todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum, e vendiam as suas propriedades e bens e os repartiam por todos, conforme a necessidade de cada um".

Este trecho caracteriza perfeitamente a conversão positiva daquela gente simples e humilde que foi incluída nas fileiras da Nova Doutrina, de abnegação, de humildade, de bondade, de desapego, de amor, que o Cristo havia anunciado, e pela qual não temeu nem recuou à morte afrontosa da cruz.

O batismo de que fala os Atos, é o batismo de adoção da Nova Fé. Não se julgue este batismo, nem se o compare com os batismos das Igrejas que desnaturaram o Cristianismo, estabelecendo cultos e sacramentos exóticos, que não falam à alma, nem ao coração e só têm servido para produzir incrédulos e fanáticos.

O batismo dos Apóstolos era um sinal que deveria imediatamente produzir outro sinal visível de demonstração de Fé, tornando o indivíduo uma nova criatura, no seu falar, no seu proceder, na sua palavra, nas suas ações e até nos seus pensamentos. Não passava de um sinal, sinal invisível, porque era feito com água que não deixa marca, mas que servia tão somente no indivíduo para dar uma impressão de que tinha necessidade de produzir sinais visíveis da sua regeneração, da sua conversão. A água nenhum valor tinha. Mera exterioridade para satisfazer exigências pessoais, ela não podia representar o batismo de Jesus, ou do Espírito, recomendado por João Batista.

E isto se conclui com toda lógica, lendo-se com atenção o cap. II**,** v. v. 43 e seguintes, que assinalam o modo de vida dos conversas; "E em cada alma havia temor, e muitos prodígios e milagres eram feitos pelos Apóstolos. E todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum, e vendiam as suas propriedades e bens e os repartiam por todos, conforme a necessidade de cada um".

O batismo produziu neles este sinal visível e os fazia queridos de todos.

A CURA DE UM COXO E O DISCURSO DE PEDRO

Pedro e João subiram ao templo, para a oração da hora nona. E era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham cada dia à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam; e este vendo a Pedro e a João, que iam entrar no templo, implorava-lhes que lhe dessem uma esmola. Pedro fitando os olhos

nele, juntamente com João, disse: Olha para nós. E ele, esperando receber deles alguma coisa, olhava-os com atenção. Mas Pedro disse: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou; em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda. E tomando-o pela mão direita, o levantou; e logo os seus pés e artelhos se firmaram e, dando um salto, pôs-se de pé, e começou a andar; e entrou com eles no templo, andando, saltando, e louvando a Deus. E todo o povo o viu andar e louvar a Deus, reconhecendo ser este o homem que se assentava a esmolar à Porta Formosa do Templo, todos ficaram cheios de admiração e pasmo pelo que lhe acontecera. — Atos, III – 1 a 10.

Esta narrativa muito simples, cujo fato nenhum caráter miraculoso encerra, pois, são inúmeros os casos de curas narrados nos Evangelhos e até no Antigo Testamento, vem demonstrar mais uma vez que a "Cura dos Enfermos", por ação psíquico-magnética faz parte do programa de Jesus, como bem compreenderam os Discípulos e o Espiritismo apregoa.

De fato, o trabalho, ou antes, a missão do Apostolado não consiste em cultos, nem está sob a ação de ritos desta ou daquela espécie. O seu desiderato não pode deixar de ser o de fazer o bem.

"Ide por toda a parte, disse o Cristo, curai os enfermos, expeli os demônios e anunciai o Evangelho". E estudando a vida dos Apóstolos e seus atos, nós vemos que todos eles, assistidos pelos Espíritos do Senhor, a essas recomendações limitaram a sua tarefa Espiritual.

A vida dos Apóstolos começou com a aprendizagem destes durante o tempo que seguiram a Jesus, desdobrando-se em grande atividade após a passagem do Mestre para a Outra Vida, depois de terem recebido o Espírito no Cenáculo. Antes do Pentecostes nada, absolutamente nada eles fizeram, a não ser aprenderem com o Senhor o modo pelo qual deveriam agir, para que a grande Religião, o Cristianismo, pudesse ser, ou antes, pudesse constituir-se a Religião Mundial.

Nesta passagem observamos: 1º que os Apóstolos eram destituídos de bens; prata e ouro não tinham; mas tinham coisa muito superior à prata e ao ouro, coisas que com estes metais não se pode fazer, pois que, eles as faziam com o "dom de Deus"; 2º que a cura do coxo foi feita por processo psico-magnético; tendo eles empregado a fixação dos olhos ("olha para nós", disse Pedro), e também estabelecido o contato com o doente (Pedro tomando-o pela mão direita, o levantou). A cura foi rápida, os membros entorpecidos adquiriram vigor, firmando-se os pés e artelhos do paciente.

Como é muito natural, todo o povo, cheio de admiração e pasmo pelo que acontecera, ficou em torno de Pedro e João, de olhos fixos para estes dois Apóstolos, sem compreender o escopo dessa cura e como puderam eles operar.

Foi quando Pedro, no Pórtico de Salomão, deliberou falar-lhes exaltando o poder do Deus, de Abrahão, de Isaac e de Jacob, que glorificou a Jesus, com o auxílio de quem e por cuja fé, aquele homem se havia restabelecido.

"Não foi, disse Pedro, por nosso poder ou por nossa piedade, que o fizemos andar". E estendeu-se em considerações doutrinárias, relembrando a Paixão do Cristo, as profecias feitas a esse respeito, as recomendações de Moisés aos israelitas

sobre a adoção do Moço Profeta que Deus deveria suscitar, assim como as profecias de Samuel e os que o sucederam, a tal respeito.

No cap. que respigamos o leitor encontrará, do v. 11 ao 26, o discurso de Pedro no templo.

Deixamos de nos estender em mais considerações sobre a "Cura do Coxo", porque, na nossa obrinha — "Histeria e Fenômenos Psíquicos — As Curas Espíritas" já deixamos essa tese bem defendida, pelo que, convidamos os estudantes do Evangelho a passar em revista dita obra.

Não convém repetir e repisar o assunto, pois, o nosso tempo é escasso, e não nos convém sair da tese anunciada, que é "Vida e Atos dos Apóstolos".

A PRISÃO DE PEDRO E JOÃO

Enquanto Pedro e João falavam ao povo, sobrevieram-lhes os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus, enfadados. por ensinarem eles ao povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dos mortos; e deitaram mão neles e os detiveram até o dia seguinte; pois já tinha chegado a tarde. Muitos, porém, dos que ouviram a palavra, creram; e elevou-se o número dos homens a quase cinco mil. — Atos. IV – 1 – 4.

Desde que a classe sacerdotal entrou no mundo, tem sido perene a luta que essa classe promoveu contra os Apóstolos. Um sacerdote, seja do credo que for, não suporta absolutamente um Apóstolo. Para os sacerdotes, os Apóstolos são os perversores da consciência, são magos, feiticeiros e têm demônio.

Dotados de atroz orgulho, imbuídos de um egoísmo mortífero, os sacerdotes, de todos os tempos, têm-se como os representantes de Deus na Terra, os chefes de tudo e de todos. Só eles são sábios, só eles são virtuosos, só eles são santos, só eles interpretam a vontade de Deus. Nos banquetes, nas festas, na sociedade, na família, os primeiros lugares são sempre ocupados pelos padres (sacerdotes). Nas praças públicas querem ser cumprimentados; as suas sentenças são irrevogáveis e a sua palavra, infalível.

Passe o leitor uma vista d'olhos no sacerdotalismo hebreu, no sacerdotalismo levítico, e atualmente no sacerdotalismo romano e protestante, para melhor se inteirar da nossa afirmação.

No tempo, ou no início do Cristianismo, conforme depreendemos dos Evangelhos, foi tão abjeta a ação dos sacerdotes que Jesus, o Manso, o Humilde Filho de Deus, viu-se obrigado a apostrofá-los.

Quase no fim do seu trabalho messiânico nas vésperas de sua condenação, Jesus não se conteve e ergueu o brado dos sete ais contra o sacerdotalismo que, no dizer do Mestre: "Fechou aos homens o Reino dos Céus".

Abstemo-nos de transcrever esse libelo, não porque deixemos de ser solidários com o Mestre, mas porque em qualquer Novo Testamento, católico ou protestante, o leitor encontrá-lo-á no cap. XXIII, 13-39, de Mateus.

São eles os perseguidores de profetas, os assassinos de sábios e dos mensageiros de Deus. Raça de víboras, desconhecem a justiça, a misericórdia e a fé.

São cheios de rapina e podridões. Devoram as casas das viúvas e seus olhos estão sempre voltados para as ofertas. O seu Deus é o ventre, como disse Paulo.

Como poderiam eles, que a ninguém curavam, suportar a cura operada por Pedro e João? Como poderiam, os incrédulos e materialistas saduceus, ouvir falar na ressurreição de Jesus e na ressurreição dos mortos?

Não podendo vedar a palavra aos Apóstolos e proibir-lhes a cura dos enfermos, deliberaram prender os intimoratos da Nova Fé.

E não é isto que também temos observado na época atual em que o sacerdotismo protestante e romano, principalmente este, desenvolve uma atividade guerreira nunca vista, concorrendo direta e indiretamente para uma luta fratricidade que enche os campos de cadáveres?

Onde está o 5º Mandamento da Lei de Deus, que a "Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana" mandou transcrever nos seus catecismos, e a "Santa Igreja Protestante" também mandou imprimir em seus livretos?

O mandamento é só para ficar escrito; e não para ser cumprido?

Felizmente, os tempos passam, como relâmpagos e o Reino de Deus se avizinha. Esses poderosos que semeiam a desolação e a morte, já estão nos seus últimos estertores, pois com a próxima vinda do reino de Jesus, tudo será renovado e a seara será entregue a quem der frutos de fé e de misericórdia.

Diz, finalmente, o texto, que apesar da grande pressão sacerdotal, que dominava com os governos de então, as conversões eram verificadas em massa, já contando o Cristianismo, em poucos dias, só nas circunvizinhanças de Jerusalém, quase cinco mil homens.

PEDRO E JOÃO PERANTE O SINÉDRIO

No dia seguinte reuniram-se em Jerusalém as autoridades, os anciãos, os escribas, Anaz que era o sumo sacerdote, Caifaz, João, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote; e pondo-os no meio deles, perguntavam: Com que poder ou em que nome, fizestes vós isto? Então Pedra cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos, se nós hoje somos inquiridos sobre o benefício feito a um enfermo como foi ele curado; seja notório a todos vós e a todo povo de Israel que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, neste Nome está este enfermo aqui são diante de vós. Ele é a pedra, desprezada por vós, edificadores, a qual foi posta como a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu, não há outro nome dado entre os homens em que devamos ser salvos. — v. v. 5 – 12.

O Sinédrio era, entre os judeus, o Supremo Conselho onde se decidiam os negócios do Estado e da religião. Pela narrativa acima, pode-se bem julgar a justiça daquele tempo, cuja maioria de membros pertencia à classe sacerdotal, cotados ainda dentre os maiores, como Anaz e Caifaz.

Imagine o leitor que atmosfera premente havia naquele meio, absolutamente hostil aos Apóstolos. Não era um conselho em que a Justiça teria a sua cadeira

principal, mas sim um conselho bastardo, apaixonado, no qual predominava o ódio, o despeito e o desejo de vingança e de morte.

Mas o Espírito domina tudo. Contra o Espírito nada pode prevalecer; nem a opressão, nem o suborno, nem a malícia, nem a força, nem as potestades terrestres.

Movidos pelos espíritos, Pedro, como outrora nas bandas de Cesaréia; e no Cenáculo de Jerusalém, pôs-se de pé, e em tom severo, sem vacilar, manejando a espada de dois gumes que é a palavra da Verdade e da Justiça, repetiu, com todo o ardor do seu coração, o que já havia dito em seu discurso no templo, acrescentando que o nome de Jesus está sobre todos, sobre tudo e foi em virtude desse Nome que o coxo, então presente, havia obtido o uso dos membros enfermos.

Cheios de intrepidez, sem temer a condenação e a morte, os dois Apóstolos aproveitaram a oportunidade para externarem entre os maiorais que constituíam o Conselho, os motivos da sua Fé, acrescentando corajosamente que abaixo do céu não há outro Nome em que nos pudéssemos salvar, senão no de Jesus Cristo.

A IMPOTÊNCIA DO SINÉDRIO – PEDRO E JOÃO SOLTOS

E ao verem a intrepidez de Pedro e João, e tendo notado que eram iletrados e indoutos, maravilharam-se; e reconheciam que haviam eles estado com Jesus; vendo com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário. Mandaram-nos sair do Sinédrio, e consultavam entre si dizendo: Que faremos a esses homens? Pois na verdade é manifesto a todos os que habitam em Jerusalém que um milagre notório foi feito por eles, e não o podemos negar, mas para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los que de ora em diante não falem nesse Nome a homem algum. E chamando-os ordenaram-lhes que absolutamente não falassem nem ensinassem em o nome de Jesus. Mas Pedro e João responderam-lhes: Se é justo diante de Deus ouvir-vos a vós, antes do que a Deus, julgai-o vós, pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos. E depois de os ameaçarem ainda mais, soltaram-nos, não achando motivo para os castigar por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera; pois tinha mais de quarenta anos o homem em que se operara essa cura milagrosa. — v. v. 13–22.

Por mais ardis que os sacerdotes lançassem contra os dois Apóstolos, não lhes foi possível manter aqueles homens na prisão. Eles mesmos reconheceram os poderes dos Apóstolos manifestados publicamente no Sinédrio, por Pedro e João. Diziam abertamente que eles haviam feito “um grande milagre”. Mas não lhes convinha absolutamente que a glória de Deus fosse proclamada com a manifestação de maravilhas que seus Apóstolos tinham o poder de operar.

Se eles se curvassem, se eles se submetessem à Voz dos Apóstolos, teriam que renunciar ao mando, às primazias, aos primeiros lugares, ao braço de Cesar e se aniquilariam, não seriam mais sacerdotes, e seu egoísmo e orgulho não lhes permitiam tal renúncia.

A ambição de mando, a submissão ao dinheiro, o desejo de figurar constituem e tem constituído, em todos os tempos, o apanágio do sacerdotalismo.

Não os podendo manter em prisão, pois, seria bem fácil que, se isso acontecesse, houvesse uma rebelião do povo, não tiveram remédio senão soltá-los. Mas ainda assim só o fizeram após grandes ameaças e promessas macabras caso eles "falassem ou ensinassem em nome de Jesus".

Mas os Apóstolos retorquiram imediatamente que não podiam submeter-se às ordens deles, em detrimento às ordens de Deus. Que eles mesmos julgassem a questão: se era possível obedecer a eles ou a Deus.

Libertos da prisão eles receberam grande manifestação de regozijo do povo, e ergueram ao Senhor fervorosa prece de graças por tê-los livrado de inimigos tão tigrinos, restituindo-os ao trabalho do Apostolado, sãos e salvos, e ainda com mais fé e mais vigor do que antes.

A bela oração, digna de ser lida, está no mesmo capítulo, em que nos detemos, v. v. 23–31.

Diz Lucas que, terminada a prece, tremeu o lugar onde eles estavam reunidos, o Espírito se manifestou novamente entre todos e com liberdade eles falavam a palavra de Deus.

Um trecho de dita oração é verdadeiramente edificante.

"Senhor! olha para as ameaças dos nossos inimigos, e concede a teus servos, que com toda a liberdade falem: a tua palavra enquanto tu estendes a mão para curar, e para que se façam milagres e prodígios pelo nome do teu santo servo Jesus".

COMUNIDADE CRISTÃ

E da comunidade dos que creram, o coração era um e a alma uma, e nenhum deles dizia que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas tudo entre eles era comum. E com grande poder os Apóstolos davam o seu testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as traziam o preço do que vendiam e depositavam-no aos pés dos Apóstolos; e repartia-se a cada um conforme a sua necessidade. — v. v. 32–35.

A Doutrina de Jesus é a Religião da Paz, da Fraternidade, do Desapego, finalmente, do Amor não fingido. Jesus não admitia o orgulho e o egoísmo, fatores principais da desorganização social.

No encontro do Mestre com Zaqueu, das propostas deste e da proclamação de Jesus: "Hoje entrou a salvação nesta casa", pode-se perfeitamente concluir o pensamento íntimo do Senhor.

A sua Palavra sobre o Rico e Lázaro, também é muito frisante.

O trecho do seu Sermão no Monte que assim começa: "Não ajunteis para vós tesouros na Terra" é mais que categórico. No cap. VI – 19–34, Mateus, os leitores ajuizarão melhor esses preceitos.

As ordenações do Senhor para que seus discípulos não carregassem ouro nem prata, nem alforges, demonstram muito bem o desapego aos bens terrenos que todos deveriam ter.

E o interessante é ainda que todas essas ordenações concordam perfeitamente com os preceitos de João Batista, que foi o precursor de Jesus. A pregação de João é um apelo à humildade, ao arrependimento e ao desapego aos bens da Terra.

No cap. III, 10, quando o povo perguntou a João o que deveria fazer, o Batista respondeu: “Aquele que tem duas túnicas, dê uma ao que não tem; e aquele que tem comida faça o mesmo”.

A dizer com franqueza, segundo a linguagem dos tempos atuais, os dois grandes Revolucionários Cristãos, eram francamente comunistas.

Ninguém há que lendo os Evangelhos e o Novo Testamento, nos possa contestar esta verdade.

Naturalmente que não se tratava de um Comunismo Materialista, que degenera em Anarquismo, mas poderíamos intitulá-lo Comunismo Cristão, com todas as insígnias de Fraternidade, Igualdade e Liberdade.

Estas três palavras, sob a Paternidade de Deus, representam a trilogia divina.

Elas se estreitam e interpenetram. Não é possível desuni-las, pois, perderiam o seu significado verdadeiro.

De fato, como pôr em prática e ajuizar a Igualdade sem a Fraternidade, quando só a Fraternidade poderá regular com justiça a Igualdade!

A Igualdade, tomada arbitrariamente é de impossível execução. No próprio Universo nós vemos que a Lei que reina é de absoluta desigualdade. Não há uma estrela semelhante em absoluto à outra: não há um rio que seja igual ao outro na Terra; não há duas folhas de uma árvore, assim como não há duas árvores iguais. Nas nossas próprias mãos não temos dois dedos iguais.

A desigualdade é o brazão do Universo. Entretanto, tudo vive, tudo progride, tudo se movimenta, porque tudo é regido por uma Lei, que tanto tem ação sobre o grande como o pequeno; sobre uma gota de água, um grão de areia, como sobre os mais volumosos rios, o mais poderoso Sol, a mais portentosa Estrela que se balança no Éter. O próprio Éter está debaixo da direção dessa Lei de Unidade que rege a Diversidade.

A lei da relatividade descoberta por Einstein, é uma pura verdade e não vigora unicamente para as grandes coisas, mas também para as mínimas, A Igualdade como a Liberdade são, portanto, leis que só podem ser regidas pela Lei da Fraternidade.

Na “Comunidade Cristã”, conforme deparamos nos Atos, todos os bens dos Cristãos eram reduzidos a dinheiro, sendo estes haveres depositados em bem da comunidade, isto é, de 'todos, e administrados pelos Apóstolos. Está bem claro no texto que a repartição se efetuava periodicamente a cada um segundo sua necessidade.

Não havia, na “Comunidade”, propriedades reservadas, bens pessoais, mas o que havia pertencia a todos, por isso que, nenhum necessitado havia entre eles.

Essa união, solidariedade fraterna, constituía uma contribuição forte para que o poder de Deus se manifestasse por meio deles. O testemunho que eles davam de sua Fé, da obediência severa aos preceitos de Cristo, tornava-os respeitados e até temidos, devido às maravilhas que se iam verificando..

Diz o texto que José, companheiro de Matias, havia sido convidado pelos onze, para tomar parte no Apostolado, mas que a sorte recaiu neste, e possuindo José uma propriedade, um campo, vendeu-o, entregando o dinheiro aos Apóstolos. José foi cognominado Barnabé, que quer dizer — filho da exortação ou seja da consolação. José era da Tribo de Levy, natural de Chipre.

Não podemos terminar este capítulo, sem fazer referências ao modo por que tem sido interpretada pelas Igrejas oficiais, com especialidade a Romana, essa resolução dos Apóstolos sobre a constituição da "Comunidade Cristã".

As Igrejas, umas instituindo o dízimo, outras vivendo, com as suas numerosas associações, confrarias, conventos, templos e sacerdotes, padres e frades, freiras, à custa do povo, baseiam essa sua atitude, nos versos acima descritos, dos Atos, transviando assim por completo, o pensamento Apostólico.

Nas congregações primitivas, como a que reuniu em Jerusalém 5.000 almas, todos participavam dos bens, todos comiam do mesmo bolo, todos se vestiam da mesma linhagem.

Na Congregação Católica é muito diferente, são os sacerdotes que vivem à custa do povo e com as espórtulas e donativos que recebem, enchem as suas arcas de ouro, prata, pedras preciosas; adquirem fazendas e terrenos, edificam quintas e palácios, chegando a constituir um Estado separado, como é o Vaticano. Não lhes faltam carruagens, automóveis, rádios, telefones, telégrafos. Os párocos de todas as cidades, quando não têm propriedades, têm depósitos mais ou menos avultados nos Bancos.

Em todo o mundo as construções — igrejas e catedrais — são feitas à custa do povo, e, entretanto, são propriedades do Catolicismo.

O "Comunismo Romano" é uma obra de astúcia admirável. A Igreja tudo recebe e nada dá.

Entretanto, são também "Comunidades", onde todos os clérigos participam do produto recolhido em seus cofres.

Não podíamos deixar de salientar esse fato digno de menção, para deixar ver, mais uma vez, que a obra sacerdotal é a antítese da obra Apostólica. Enquanto os Apóstolos se esforçam para pôr em prática os Preceitos do Senhor, os sacerdotes desnaturam e desvalorizam a obra do Cristianismo.

Os Apóstolos e seus discípulos viviam para a Religião, chegando a sacrificar seus bens em benefício da Comunidade.

Os sacerdotes vivem da Religião, traficando com as coisas santas e sugando o dinheiro dos homens para viverem comodamente, sempre fora da lei do máximo esforço.

ANANIAS E SAFIRA

Mas um homem chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, e reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher e, levando uma parte, depositou-a aos pés dos Apóstolos. E Pedro disse-lhes: Ananias, porque encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do

preço do terreno? Porventura, se não o vendesse, não seria ele teu, e vendido não estava o preço no teu poder? Como formaste este desígnio no teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus. Ananias ao ouvir estas palavras, caiu e expirou; e sobreveio grande temor a todos os ouvintes. E levantando-se os moços, amortalharam-no e levando-o para fora, sepultaram-no. Depois de um intervalo de cerca de três horas entrou sua mulher, não sabendo o que tinha sucedido. E Pedro perguntou-lhe: Dize-me se vendeste por tanto o terreno? Ela respondeu: sim, por tanto. Mas Pedro disse-lhe: Por que é que vós combinastes provar o Espírito do Senhor? Eis à porta os pés dos que sepultaram teu marido, e eles te levarão a ti para fora. Imediatamente caiu aos pés dele e expirou; e entrando os mancebos, acharam-na morta e levando-a para fora, sepultaram-na junto ao seu marido. E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos que ouviram estas coisas. — Atos, V, 1–11.

A missão dos Apóstolos, desde o seu início no Cenáculo de Jerusalém, foi acompanhada por larga contribuição de fenômenos ostensivos verdadeiramente surpreendentes e maravilhosos.

O estudante dos Atos fica absorto ao contemplar a descrição de tais fatos que, ora se assemelhavam à brisa que cicia, ora à faísca que atroa e aterroriza. Uma palavra dos Apóstolos cura enfermos, saneia membros paralisados. De outro lado, uma acusação que qualquer deles faz, subjuga o delinqüente, fui mina, abate.

O caso de Ananias e Safira é, verdadeiramente, subjugador, e se meditarmos maduramente sobre o que ocorreu ao casal que aspirava entrar na Comunidade Cristã, não podemos deixar de ver a ação destruidora de um inimigo da Nova Fé, arremessando exânime no chão tanto o marido como a mulher, simultaneamente, ao verem-se descobertos e censurados por Pedro, como o tentador que queria deprimir o Espírito Santo, trazendo para a nova agremiação indivíduos submissos à sua nefasta influência. Esta expressão de Pedro nos esclarece bem este ponto: “Ananias, porque encheu Satanás o teu coração para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço do terreno?”

Seria, porventura, esta uma frase mortífera para infundir temor àqueles que, candidatos ao Cristianismo nascente, deveriam ter submissão às exortações do Alto, e bastante humildade para poderem participar das dádivas celestes?

O caso que acabamos de ler nos parece um desses casos de possessão de Espírito que deixou o casal Ananias em estado de catalepsia, ou seja de morte aparente. Esses fenômenos eram muito vulgares na Judéia, segundo lemos no Novo Testamento.

Nos Evangelhos temos, por exemplo, o caso da “filha de Jairo”, do “filho da viúva de Naim”, e mais semelhante ainda ao que estudamos, o “epilético que era arremessado na água e no fogo pelo Espírito” (Marcos, IX, 14-29) e que ao ser ordenada a sua retirada por Jesus, arremessou o menino ao chão, deixando-o como morto, a ponto de o povo dizer, “Morreu” (v. 26).

Em outras obras [1] já tratamos mais circunstanciadamente desses casos de catalepsia, e no "Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, os leitores estudarão melhor esses fenômenos de subjugação e possessão.

Essas crises, outrora, na Judéia, eram tomadas como estado de morte e seguidas de quase imediato enterramento.

Seja como for, no caso de Ananias e Safira, somos propensos a crer que tal enterramento não se tivesse efetuado, mas que ambos, retirados pelos moços da Comunidade; passada a crise que lhes sobreviera, tornaram a si.

A narração de Lucas é incompleta, nada mais refere sobre o casal Ananias e a conseqüência de sua "morte", pela qual seriam responsabilizados e severamente punidos os Apóstolos. Nos Atos não é registrado processo algum a tal respeito. A prisão de todos eles, relatada nos versos 17 e seguintes, não foi absolutamente por crime de morte, mas sim por crime de curas.

Ora, se a audácia e o absolutismo sacerdotal naquele tempo chegavam ao auge de encerrar os Apóstolos na prisão por curarem doentes, o que não fariam tais sacerdotes se algum deles matasse qualquer indivíduo!

E seria possível que os sacerdotes, a polícia, os agentes do Governo, poderiam ignorar numa época de opressão como aquela em que se achavam os discípulos de Jesus e de terrível perseguição, que os padres e governos de então moviam contra os Discípulos de Jesus, caso se tivesse verificado a morte de Ananias e Safira?

O que podemos concluir do capítulo transcrito dos Atos, é que os Apóstolos não admitiam na sua Comuna, hipócritas nem mentirosos, e por isso julgaram de bom alvitre expulsar dela aqueles neófitos que, no dizer de Jesus, não se achavam, como é preciso aos que comparecem ao Grande Banquete, com a túnica nupcial.

Não se diga também que os Apóstolos exigiam aos que ingressavam em suas fileiras todos os seus bens. Por estas palavras de Pedro, se observa que eles desejavam dádivas expontâneas e não forçadas: "Porventura, se não o vendesses, não seria ele teu; e vendido, não estava o preço em teu poder?"

OS MILAGRES E AS CURAS – A PRISÃO DOS APÓSTOLOS

E faziam-se muitos milagres e prodígios entre o povo pelas mãos dos Apóstolos; e todos estavam de comum acordo no pórtico de Salomão; dos outros, porém, nenhum ousava ajuntar-se a eles, mas o povo os engrandecia; e cada vez mais se agregavam crentes ao Senhor, homens e mulheres em grande número; a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os porem em leitos e enxergões, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse algum deles. E também das cidades circunvizinhas de Jerusalém afluía uma multidão, trazendo enfermos e atormentados de espíritos imundos; os quais eram todos curados.

---

[1] "Espírito do Cristianismo" e "Parábolas e Ensinos de Jesus", 3ª edição. Vede também: "A Vida no outro Mundo".

Levantando-se, porém, o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (que eram da seita dos saduceus), encheram-se de inveja, prenderam os Apóstolos e os recolheram à prisão pública. Mas um anjo do Senhor abriu de noite as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, disse-lhes: Ide e, no templo, postos em pé, falai ao povo todas as palavras desta vida. E tendo ouvido isto, entraram ao amanhecer no templo e ensinavam. Mas comparecendo o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel, e enviaram os oficiais ao cárcere para trazê-los. Mas os oficiais que lá foram não os acharam no cárcere; e tendo voltado, relataram: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e os guardas às portas, mas abrindo-as, a ninguém achamos dentro. E quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas palavras ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto, e chegou alguém e anunciou-lhes: eis que os homens que meteste no cárcere, estão no templo postos em pé e ensinando o povo. Nisto foi o capitão e os oficiais e os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. E tendo-os trazido, os apresentaram no Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos admoestamos que não ensinásseis nesse Nome, e eis que tendes enchido Jerusalém com o vosso ensino e quereis trazer sobre nós o sangue desse homem. Mas Pedro e os Apóstolos responderam: importa antes obedecer a Deus que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, que vós matastes, pendurando-o num madeiro; a Eles elevou Deus com a sua dextra a príncipe e Salvador, para dar arrependimento a Israel e remissão de pecados. E nós somos testemunhas destas coisas e bem assim: o Espírito Santo, que Deus deu aos que lhe obedecem. – Atos, V – 12 – 32.

O Cristianismo é uma reunião, um congregado completo de boas obras. Assim como o mundo não consiste unicamente de terras, de mares e de rios, mas é tudo o que nele existe de bom, de útil, de indispensável à vida, à instrução e ao progresso, também o Cristianismo é substância, é luz, é vida para todos os que ingressam em suas fileiras.

Todos os dons, todas as faculdades, quais clareiras abertas a um mundo novo, tudo o que é indispensável à vida moral e espiritual, que exalta o coração, que consubstancia o cérebro, que enobrece a alma, que eleva, dignifica e espiritualiza o homem, tudo encontramos no Cristianismo.

Observemos a união daqueles crentes que formavam a Comuna Cristã, — o seu desinteresse, o seu espírito de concórdia, de paz, de humildade, e de outro lado as extraordinárias lições que os Espíritos Santos lhes davam por intermédio dos Apóstolos; observemos os fatos maravilhosos que se desdobravam a todo o momento às suas vistas, o desenrolar de cenas admiráveis, patéticas que repercutiam de quebrada em quebrada na Judéia, atraindo homens, mulheres, crianças; são os que iam beber no Cálice da Revelação a Sabedoria que enaltece, o Amor que embalsama, a Fé que salva; enfermos — uns caminhando trôpegos, mas por seus próprios pés, — outros carregados por mãos piedosas em leitos e enxergões, para que ao passar Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse algum deles!

Imaginai as romarias que enchiam as estradas, vindas de todas as cidades circunvizinhas em direção a Jerusalém, conduzindo atormentados pelas

enfermidades, e subjugados por Espíritos obsessores, que recebiam a saúde, o remédio que os libertavam do mal!

Observai ainda mais as pregações dos Apóstolos que conduziam numa urna triunfal a Doutrina do Ressuscitado, ao mesmo tempo que enfrentavam a sanha herodiana, dos sacerdotes e governos com aquele denodo que lhes era peculiar, com aquela coragem que só mesmo os Santos Espíritos lhes podiam dar, e tereis estampado às vossas vistas um quadro ainda muito mal delineado, do heroísmo em sua mais alta expressão, da Verdade com suas fulgurações modeladas em cores inéditas, não só para aquele povo de então, como até para o povo de hoje!

Poderemos, porventura, admitir que os grandes daquele tempo, os sacerdotes que se diziam guardas da Lei, não vissem diante de seus olhos o que outros, de longínquas terras observavam e compreendiam?

Viam e sabiam que uma Nova Luz havia baixado ao mundo, mas a inveja quando chega a denegrir a alma, modifica todas as cores, obscurece todo o entendimento, endurece o coração e desorienta o espírito, atirando-o nos báratros da descrença e da materialidade.

O Sumo Sacerdote e todos os que estavam com ele, feridos no seu orgulho, cheios de inveja, pois, apesar de sua grandeza não podiam fazer o que faziam os Apóstolos, a despeito da sua sabedoria, sendo absolutamente impotentes para imitar os humildes pescadores, fizeram-nos prender e os recolheram na prisão.

Eles não podiam prever que aquele recurso extremo que usavam, contra a lei, contra a justiça, contra a verdade, seria mais uma oportunidade, proporcionada ao Espírito, para a sua ostensiva manifestação, destruindo o poder dos poderosos e dando forças aos humildes.

E assim aconteceu, o Espírito que movimenta os ares e faz tremer a terra, o Espírito que traz em suas mãos potentes, as chaves de todas as prisões, o fogo que tudo consome, não poderia permitir que seus representantes e intermediários permanecessem no cárcere sob o jugo dos grilhões.

E deste modo libertos da prisão e com ordem expressa para pregarem no templo, assim foram encontrados aqueles que, seqüestrados, afastados de sua tarefa espiritual, tiveram, a seu turno, ocasião de ver e sentir a misericórdia de Deus e seu grande poder.

Que fenômenos maravilhosos! E quem os poderá esclarecer, explicar, confirmar e melhor glorificar do que o Espiritismo!

Pois, mesmo após a deslumbrante manifestação a que acabavam de assistir, o sumo sacerdote e seus companheiros, não se deram por vencidos e tentaram, mais uma vez, subjugar os Apóstolos, valendo-se para isso da sua autoridade e seu prestígio.

Mas suas pretensões não surtiram efeito, “Importa antes obedecer a Deus que aos homens”, disse Pedro.

Quão luminosas são estas palavras e quão poucos são os que as obedecem no dia de hoje, mesmo decorridos 1900 anos desde a manifestação do Filho do Altíssimo na Terra!

A vida dos Apóstolos e seus atos constituem um espelho que reflete as luzes do Puro Cristianismo. Quem os estudar e se esforçar por imitá-los não deixará de ter as bênçãos de Jesus, e a proteção dos eminentes Espíritos que dirigem a falange do Consolador que já se acha no mundo.

O PARECER DE GAMALIEL

Mas eles, quando ouviram isto, se enfureceram, e queriam matá-los. Levantando-se, porém, no Sinédrio um fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os Apóstolos por um pouco, e disse: Israelitas, atentai bem o que ides fazer a estes homens. Porque faz algum tempo que Teudas se levantou, dizendo ser alguma coisa, ao que se juntaram uns quatrocentos homens; e ele foi morto e todos quantos lhe obedeciam, foram dissolvidos e reduzidos a nada. Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento e levou muitos consigo; esse também pereceu, e todos quantos lhe obedeciam, foram dispersos. E agora vos digo: Não vos metais com esses homens, mas deixai-os; porque se este conselho ou esta obra for de homens, se desfará; mas se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não sejais, porventura, achados, até pelejando contra Deus. E concordaram com ele; e tendo chamado os Apóstolos, açoitaram-nos e ordenaram-lhes que não falassem em o nome de Jesus, e soltaram-nos. Eles, pois, saíram do Sinédrio, regozijando-se por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus; e todos os dias no templo e em casa não cessavam de ensinar e pregar a Jesus, o Cristo. Cap. V – 33 – 42.

O Apóstolo disse: “eu, com Deus, sou tudo; e sem Deus, embora esteja com os homens, nada sou”.

Aqueles que estão sob o Amor de Deus, são retos de juízo e suas sentenças são sábias.

O parecer de Gamaliel é lembrado a cada passo para iluminar aqueles que caminham nas sombras da morte.

Todos os conselhos e todas as obras só podem prevalecer se forem sustentados pelo influxo divino.

Jesus disse: “Tudo passa, passa a Terra, passam os céus, mas a minha palavra não passará”. E em outra ocasião acrescentou: “A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim o Pai me diz como devo falar”.

Quantas obras têm desaparecido neste mundo! Quantos conselhos se têm dissolvido!

Do Templo de Jerusalém, que custou quarenta anos de trabalho, não ficou pedra sobre pedra.

Onde estão os grandes monumentos que eram o orgulho das civilizações extintas! Tudo passou e tudo passa.

Se os homens, antes de derruírem uma obra, ou extinguirem um conselho, observassem se tal obra ou tal conselho provinha ou não de Deus, tomariam, sem dúvida, resoluções mais acertadas e evitariam sofrimentos e dores causados por julgamentos injustos.

Gamaliel, sábio doutor da lei, membro do Sinédrio, conquanto também fariseu, não se deixou levar pelo absolutismo sacerdotal, e, erguendo a voz naquele momento em que tinha de dar prova da sua consciência perante Deus, começou lembrando o fracasso dos que perseguiram a Teudas, a Judas e ao galileu.

Mais hoje, mais amanhã, os perseguidores serão perseguidos e seus juízos revelar-se-ão manifesta obra de iniqüidade.

O mundo, infelizmente, está sob a ação da iniqüidade, mas todos aqueles que temem a Deus, devem abster-se de julgamentos injustos, baseados sempre em juízos infundados, pois a justiça divina virá sem misericórdia sobre aquele que não tiver misericórdia.

Os Apóstolos, pelo que estamos observando, executaram a sua tarefa com grande coragem, independência das injunções clericais, contrariando as ordens arbitrárias dadas pelos representantes do governo de Jerusalém; açoitados, injuriados, caluniados e perseguidos, eles se glorificavam nas suas próprias chagas, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus. E não se cansavam de ensinar no templo e pregar a Jesus, o Cristo.

Exemplo edificante que nos legaram!

Quem será capaz de lhes seguir as pegadas? Quem será capaz de imitar essa abnegação, o espírito de sacrifício, o desapego às cousas terrestres, esse grande amor à Verdade?

Só assim praticando, só observando estritamente os seus preceitos e os seus atos é que poderemos aproximar-nos de Jesus e merecer do Mestre, o nobre título de discípulos seus.

Concluindo, relembramos aos leitores, a sentença de Gamaliel, — mestre que foi de Saulo: — Quando tiverem de julgar os seus semelhantes e se arvorarem em juizes dos homens: "Se este conselho ou esta obra for dos homens, se desfará por si mesma; mas se for de Deus, não podereis desfazê-la, para que não sejais, por ventura. achados, até pelejando contra Deus".

DISPENSEIROS DA COMUNA

Nesses dias, porém, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas daqueles eram esquecidas na distribuição diária. E os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é justo que nós abandonemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós, sete homens de boa reputação, cheio de Espírito e de sabedoria aos quais encarregaremos deste serviço; e nós atenderemos de contínuo à oração e ao ministério da palavra. E o parecer agradou a toda a comunidade, e eles escolheram Estevão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filippe, Procoro, Nicanor, Timon, Parmenas, e Nicolau, prosélito de Antióquia, e apresentaram-nos perante os Apóstolos, e estes, tendo orado, lhes impuseram as mãos. — Cap. VI, – 1–6.

O Estabelecimento da Comuna, entre os cristãos, tornou-se um fato. Foi necessário a nomeação de dispenseiros, sem o que ficaria prejudicado o trabalho dos Apóstolos. Como poderiam eles satisfazer seus compromissos doutrinários, dedicarem-se à oração, à cura de enfermos, etc., se ficassem ocupados com a recepção das coisas materiais e sua repartição entre toda a comunidade!

Demais, não queriam a seu cargo as finanças da Comuna. Deliberaram entregar essa tarefa a pessoas dedicadas, solícitas, de espírito de justiça e sem outros compromissos especificados. Foi assim que concordaram escolher sete varões, dentre os quais se salientava o poderoso médium (homem cheio de fé e do Espírito Santo) Estevão, que, como veremos adiante, sofreu grande perseguição do farisaísmo, sendo apedrejado, de cuja morte participou Saulo, como ele próprio afirmou depois de convertido em Paulo.

A organização da Comuna tornou-se um fato de grande importância na Judéia, tendo sido esta instituição provavelmente muito combatida, pois, de forma alguma poderia agradar ao sacerdotalismo dominante, nem ao capitalismo, que viam naquelas idéias novas um perigo para a sua fortuna, para seu apego ao mando e às posições.

Os "Atos" não dão notícia circunstanciada da nova instituição cristã, mas é presumível que ela se mantinha como uma organização admirável. Basta ver a boa vontade com que todos os aderentes se despojavam do que tinham, entregando seus haveres à Comunidade, para compreender que a classe laboriosa congregada à Comuna, fazia o mesmo com seus salários para a manutenção de tal instituição.

Esta afirmação é concludente, pois não se poderia conceber que uma multidão composta de mais de cinco mil homens vivesse em completa indolência, unicamente rezando. Naturalmente antes de irem para o trabalho deveriam fazer suas orações, e à noite, estudos evangélicos sob a direção de alguns Apóstolos, bem como orações, mas durante o dia entregavam-se ao labor cotidiano, tanto mais que a Comuna se compunha de homens do trabalho, lavradores, operários, pescadores, tecelões, etc.

A concepção dos Apóstolos sobre a fundação da Comuna, pode ser considerada como uma idéia muito adiantada para aqueles tempos. Mesmo agora, se ela fosse estabelecida, não vingaria. Idéia prematura, é idéia irrealizável, e quando chega a realizar-se a sua execução é de pouca duração. Foi o que aconteceu no tempo da propaganda do Cristianismo.

Não discutiremos nesta obra as vantagens ou desvantagens do estabelecimento das Comunas na nossa época. Basta dizer que a Comuna Cristã não deu resultado. Aquele que quer praticar a Doutrina de Jesus Cristo, não trabalha mesmo para si, mas sim para a Comunidade. Somos devedores à Humanidade de tudo o que possuímos, porque esta vive perfeitamente sem o concurso de qualquer de nós e qualquer de nós não pode viver sem ela.

As doutrinas personalistas, que têm por mira o Capitalismo, são egoístas e anticristãs, pois o Cristo ordenou a seus discípulos o "amor do próximo" e o Capitalismo é o amor pessoal, quando muito limitado ao amor da família.

Seja como for, as pregações dos Apóstolos, assistidos pelos Espíritos da sábia falange, deram magníficos resultados, aumentando todos os dias o número de crentes, e até sacerdotes se convertiam à nova Fé.

ESTEVÃO NO SINÉDRIO

E Estêvão, cheio de graça e poder, fazia grandes prodígios e milagres entre o povo. Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga, chamada dos libertos, dos cirineus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia, e disputavam com Estêvão; e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito pelo qual ele falava Então subornaram homens que diziam: Temo-lo ouvido proferir palavras de blasfêmias contra Moisés e contra Deus; e também .sublevaram o povo, aos anciãos os e aos escribas, e investindo contra ele, arrebataram-no e levaram-no ao Sinédrio, e apresentaram falsas testemunhas que diziam: Este homem não cessa de proferir palavras contra o lugar santo e contra a Lei; porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, há de destruir este lugar e há de mudar os costumes que Moisés nos deixou. E todos os que estavam sentados no, Sinédrio, fitando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo. — v. v. – 8–15.

As manifestações de Espíritos ilustram todos os livros sagrados. Tanto no Velho, como no Novo Testamento, elas constituem o fundamento sobre o qual se assenta o monumento da Fé que um dia há de abrigar a Humanidade inteira.

Estêvão foi um grande médium. Além de prodígios que fazia publicamente, gozava do dom da sabedoria, de que Paulo fala em sua Epístola aos Coríntios, e ainda era médium de transfiguração, segundo se nota no trecho. O próprio Lucas, dirigindo-se a Teófilo, diz positivamente que ele falava com o auxílio do Espírito, ou para melhor dizer — que o Espírito falava por ele. Era, enfim, um grande médium falante, faculdade esta catalogada no “Livro dos Médiuns” — de Allan Kardec.

Mas, essas manifestações e esses dons não agradavam ao sacerdotalismo hebreu, como não agradam hoje ao sacerdotalismo Romano e Protestante, de modo que fez-se mister por um termo a todos aqueles fenômenos, chamados hoje psíquicos ou espíritas.

E como Estêvão era um homem impoluto, contra quem queixa nenhuma podia haver, arranjaram testemunhos falsos, homens sem pudor, sem caráter e sem brio, que se venderam para acusar o grande Profeta do Senhor.

Nunca faltaram, como não faltam, Judas no mundo para atraiçoarem o próximo e venderem até a sua própria alma aos plutocratas de todos os tempos. Assim como o mundo está sempre cheio de Herodes, de Pilatos, de Caifazes, a concorrer para o crucificamento do primeiro justo que encontrem.

Vemos, porém, em Atos, que apesar de toda a acusação lançada contra Estêvão, os seus próprios acusadores e inimigos fitando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo.

A DEFESA DE ESTÊVÃO E SUA MORTE

A defesa de Estêvão é uma peça oratória de grande valor histórico.

O profeta, homem de instrução, conhecia a fundo o Antigo Testamento, e, assistido pelo Espírito, para justificar a sua atitude, dissertou largamente sobre a

história do povo hebreu, lembrando as manifestações recebidas por esse povo, a lei Mosaica, e muitas outras passagens dignas de menção.

O sacerdotalismo judáico fundava a sua religião nos livros do Antigo Testamento, mas interpretavam-no à letra, fazendo o que fazem hoje os sacerdotes católicos e protestantes, torcendo o sentido das Escrituras, suprimindo passagens, saltando por sobre versículos, etc.

Estêvão já sabia de tudo isso, isto é, do sistema sacerdotal, mas quis cumprir o seu dever relembrando àqueles homens que concentravam em suas mãos o poder e a justiça, a história bíblica, na qual também Estêvão baseava a sua doutrina.

E logo que o sumo sacerdote o inquiriu sobre a acusação de que era vítima, ele começou a falar:

Irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, estando este na Mesopotâmia, antes de habitar em Charran, e disse-lhe: sai da tua terra e dentre tua parentela, e vem para a terra que eu te mostrar. Então saiu da terra dos caldeus e habitou em Charran. E dali, depois de falecer o pai, passou por ordem de Deus para esta terra, onde vós agora habitais, e nela não lhe deu herança nem sequer o espaço de um pé; e prometeu dar-lh'a em posse e depois dele à sua posteridade, não tendo ele ainda filho. E Deus disse que a sua posteridade seria peregrina em terra estrangeira, e que a escravizariam e matariam por quatrocentos anos; e eu, disse Deus, julgarei a nação da qual forem escravos, e depois disso sairão e me servirão neste lugar. E deu-lhe a aliança da circuncisão; e assim Abraão gerou Isaac e o circuncidou ao oitavo dia; e Isaac gerou Jacob, e Jacob aos doze patriarcas. E os patriarcas tendo inveja de José, venderam-no para o Egito, mas Deus era com ele e livrou-o de todas as suas tribulações e deu-lhe graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador do Egito e de toda a sua casa. Sobreviveu, porém, uma fome em todo o Egito e em Canaan, e grande tribulação, e nossos pais não achavam que comer. Mas quando Jacob soube que havia trigo no Egito, enviou ali nossos pais pela primeira vez; e na segunda, José descobriu-se a seus irmãos, e sua linhagem tornou-se manifesta a Faraó.

E tendo José enviado mensageiros, mandou vir seu pai Jacob, e toda sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas. Jacob desceu ao Egito, e ali morreu ele e nossos pais; e foram trasladados para Sichem e postos num túmulo que Abraão comprou por certo preço em prata aos filhos de Emor em Sichem. A proporção que se aproximava o tempo da promessa que Deus fez à Abraão, crescia o povo e multiplicava-se no Egito, até que levantou-se ali outro rei, que não conhecia a José. Este rei usou de astúcia contra a nossa raça e afligiu nossos pais, ao ponto de fazê-los enjeitar seus filhos, para que não vivessem. Por esse tempo nasceu Moisés, e era formosíssimo; e por três meses criou-se na casa de seus pais; e quando ele foi exposto, a filha do Faraó o recolheu e criou como seu próprio filho. E Moisés foi instruído em toda a sabedoria do Egito e era poderoso em palavras e em obras. Mas quando ele completou quarenta anos, veio-lhe ao coração visitar seus irmãos, os filhos de Israel. E vendo um homem tratado injustamente, defendeu-o e vingou ao oprimido, matando o egípcio. Ora, ele julgava que seus irmãos entendiam que por mãos dele Deus os libertava; mas eles não o entenderam. E no dia seguinte apareceu

a dois, quando brigavam e procurou reconciliá-los dizendo: Homens, vós sois irmãos; para que maltratais um ao outro? Mas o que fazia injúria ao seu próximo, repelia-o, dizendo: Quem te instituiu chefe e juiz entre nós? Queres tu matar-me, como ontem mataste o egípcio? Moisés ouvindo isto fugiu e tornou-se peregrino na terra de Madian, onde gerou dois filhos. Passados mais quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do Monte Sinai um anjo do Senhor numa sarça ardente. Quando Moisés viu isto, maravilhou-se da visão; e ao chegar-se para contemplá-la, ouviu-se esta voz do Senhor: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob. E Moisés ficou trêmulo, e não ousava contemplá-la. Disse-lhes o Senhor: Tira as sandálias de teus pés; porque o lugar em que estás, é uma terra santa. Vi, com efeito, o sofrimento do meu povo no Egito, ouvi o seu gemido, e desci para o livrar; vem agora, e eu te enviarei ao Egito. A este Moisés, a quem não conheceram dizendo: Quem te constituiu chefe e Juiz? a este enviou Deus como chefe e libertador por mão do anjo que lhe apareceu na sarça. Foi este que os conduziu para fora, fazendo prodígios e milagres na terra do Egito, no Mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos. Este é Moisés que disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta semelhante a mim. Este é aquele que esteve na igreja no deserto com o anjo que lhe falara no Monte Sinai; e com os nossos pais; o qual recebeu oráculos de vida para vô-los dar, e a quem nossos pais não quiseram obedecer, antes o repeliram e nos seus corações voltaram ao Egito, dizendo a Aarão; Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque quanto a este Moisés que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que foi feito dele. Naqueles dias fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, e alegravam-se nas obras das suas mãos. Mas Deus voltou deles a sua face e os entregou ao culto das hostes do céu, como está escrito no livro dos profetas:

Oferecestes-me, porventura, vítimas e sacrifícios por quarenta anos no deserto, ó casa de Israel, e não levantastes a tenda de Moloch e a estrela do deus Rempham, figuras que fizestes para as adorar? Assim remover-vos-ei para além da Babilônia.

Nossos pais tiveram no deserto o tabernáculo do testemunho, como ordenou o que falou a Moisés, dizendo que o fizesse conforme o modelo que tinha visto; o qual também nossos pais, sob a direção de Josué, tendo-o por suas vez recebido, o introduziram na terra, ao conquistá-la das nações, que Deus expulsou da presença deles até os dias de David; o qual achou graça diante de Deus, e pedia-os achar um tabernáculo para a Casa de Jacob. Salomão, porém, edificou-lhe uma casa. Mas o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos; como disse o profeta:

O Céu é o meu trono,
E a Terra o escabelo de meus pés;
Que casa me edificareis, diz o Senhor,
Ou qual é o lugar do meu repouso?
Não fez, porventura, a minha mão todas estas coisas

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais também vós o fazeis. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? eles mataram aos que dantes anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e homicidas, vós que recebestes a Lei por ministério dos anjos, e não a guardastes".

Este discurso, brilhante peça oratória do grande profeta do Cristianismo nascente, como se vai ver, não agradou ao sacerdotalismo e seus seqüazes. Estamos certos que não agradará também ainda hoje ao sacerdotalismo de batina e de casaca que continua, com suas doutrinas fratricidas a dividir a humanidade, concorrendo até com o ouro de suas Igrejas para a carnificina nos campos de batalha, como está acontecendo no momento presente com a calamidade que devasta o Estado de S. Paulo.

Ouvindo, portanto, o discurso de Estêvão, o Sinédrio, e mais a caterva de subservientes e fanáticos submissa ao sacerdotalismo Judaico, enfureceram-se nos seus corações, diz o texto dos Atos, e rangiam os dentes contra ele. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no Céu e viu a glória de Deus, e Jesus em pé à dextra de Deus, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à dextra de Deus.

Poderoso médium, pode-se dizer de todos os efeitos, sem mesmo lhe faltar a vidência das mais altas concepções do Espírito, ele não temia a morte, pois sabia que no Além túmulo se desdobrava uma Vida livre das injunções oprimentes da Terra, e livre dos carrascos e turiferários do Poder que viviam incensando o mal, perseguidos os justos, caluniando a virtude e negando a Deus!

Aquela gente, que se constituíra a guarda da Lei e os juizes da Justiça, embora tivesse diante dos olhos o quadro do Decálogo com os seus preceitos, para se orientar na tarefa que assumira, violando o reino dos céus, não tardaria a desobedecer o 5º mandamento que ensinava nas suas igrejas: NÃO MATARÁS.

E assim vemos em Atos que, tirando Estêvão fora da cidade, o apedrejaram.

Mas o profeta, que acreditava porque compreendia, observava e via — novos céus e novas terras onde existia a Justiça — erguendo sua voz, ajoelhado em sinal de humildade suplicante, clamou ao Senhor: "Senhor, não lhes. imputes este pecado; e rendeu o seu Espírito".

Diz Lucas que Saulo consentiu neste atentado.

Pode-se concluir, mutatis mutandis, que o sacerdotalismo do tempo de Estêvão é o mesmo dos tempos antigos, como é o mesmo da lutuosa época da inquisição. É o mesmo sacerdotalismo de hoje que absolve os assassinos e ladravazes e condena os justos; que benze espadas e batiza canhões; que dá comunhão com hóstias, representando Jesus Cristo, aos que vão para as trincheiras matar a seus irmãos; que empunha o sabre e o fuzil para levar a morte às populações e que de outro lado, pleiteia o vil metal por meio de ladainhas pelas ruas e missas por alma dos que foram vitimados pelos fuzis e metralhas benzidos com o hissope.

É a mesma gente que traz ao peito cruzes simbólicas ornadas de pedrarias para significar a Jesus; que tem sempre nos lábios o nome do Senhor, mas que não têm o Senhor no coração, e como os de antanho, fecham os ouvidos para não ouvirem as palavras do Evangelho.

GRANDE PERSEGUIÇÃO CONTRA OS CRISTÃOS

Naquele dia levantou-se uma grande perseguição contra a igreja de Jerusalém; e todos, exceto os Apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria. E homens piedosos sepultaram a Estêvão. Mas Saulo assolava a igreja entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, os entregava à prisão. Os que, porém, haviam sido dispersos, iam por toda a parte, pregando a palavra. – Cap. 8, 1–4.

Cometida a primeira arbitrariedade, as demais são de fácil execução, pois é sempre a primeira que abre o caminho para as demais.

Nem bem haviam enterrado os despojos de Estêvão, quando o governo de Jerusalém, de que faziam parte os principais sacerdotes, decretou a dissolução da Comuna e perseguição de todos os cristãos que dela faziam parte.

E como contra a força não pode haver resistência, deu-se a dispersão dos crentes que se espalharam pelas regiões da Judéia e Samaria, onde atemorizados aguardavam melhores tempos em que pudessem novamente se reunir ao influxo do Espírito.

O déspota nunca age pela razão, mas sim pela força e força bruta, porque para o despotismo não há força moral.

A força moral é companheira da virtude, ela censura, ensina, orienta e corrige. É por meio dela que a convicção se faz e a verdadeira fé se estabelece.

A força física não conhece moral nem virtude; age arbitrariamente, ceifando vidas, desorientando, desunindo, criando fanáticos capazes de apedrejarem os justos.

O déspota não conhece Deus, o seu deus é o mando, o ouro, o ventre. Não se lhe peça justiça porque desta virtude ele só conhece a palavra; sacrifica o Cristo e absolve Barrabás.

Foi o que aconteceu com os primeiros cristãos. Enquanto os ladrões e assassinos caminhavam impunes por Jerusalém, os crentes em Jesus eram dissolvidos e dispersos por paragens ignotas.

Foi a estes e a outros discípulos que haviam dispersado, e se haviam constituído mais tarde em diversas regiões como Ponto, Galáccia, Capadócia, Ásia e Bithínia, que Pedro dirigiu depois, as suas Epístolas, incertas no Novo Testamento, Epístolas essas cheias de substância e que deixam aparecer claramente a excelente Doutrina que ele pregava, muito diferente desses princípios catequistas que deslustram e desnaturam o Cristianismo.

Não resistimos ao influxo que nos guia de transcrever trechos do grande Apóstolo, sem querer por essa forma deixar de recomendar a todos, não só a leitura, mas o estudo atencioso de todas as Epístolas.

Logo no 1º cap. lê-se:

"Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo, dentre os mortos, para uma herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós que sois guardados pelo poder de Deus mediante a fé para a salvação prestes a se revelar no último tempo. No qual exultais, ainda que agora por um pouco de tempo, sendo necessário, haveis sido entristecidos por várias provações, para que a prova da vossa fé, mais preciosa que o ouro que perece, mesmo quando provado pelo fogo, seja achada para louvor, glória e honra na

revelação de Jesus Cristo; a quem, sem o terdes visto, amais; no qual, sem agora o verdes, mas crendo, exultais com gozo indizível e cheio de glória, alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas. Da qual salvação inquiriram e indagaram muito os profetas que profetizaram acerca da graça que devia vir e vós, indagando quando e que tempo era essa que o Espírito de Cristo que estava neles indicava ao testificar anteriormente os sofrimentos que haviam de vir a Cristo e as glórias que os seguiriam; aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós, eles administravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do Céu, vos pregaram o Evangelho; para as quais coisas os anjos desejam atentar.

Mais adiante diz:

"Se invocar como Pai aquele que, sem deixar de se levar por respeitos humanos, julga segundo a obra de cada um, vivei em temor durante o tempo da vossa peregrinação, sabendo que fostes resgatados das vossas práticas vãs que por tradição recebestes de vossos pais, não por coisas corruptíveis, como o ouro e a prata, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e imaculado, conhecido, na verdade, antes da fundação do mundo, mas manifestado no fim dos tempos por amor de vós, que por Ele tendes fé em Deus que o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de modo que a vossa fé e esperança fossem em Deus. Uma vez que tendes purificado as vossas almas na vossa obediência à verdade que leva ao amor não fingido dos irmãos, de coração amai-vos uns aos outros ardentemente, sendo regenerados, não da semente corruptível, mas da incorruptível pela palavra de Deus, o qual vive e permanece. Porque toda a carne é como a herva: toda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a flor, mas a palavra do Senhor permanece eternamente. (I, 17-25).

A doutrina apostólica exclui culto e holocausto: nada tem ela em comum com os ídolos, estátuas e os sacramentos das igrejas: é uma doutrina essencialmente espiritual, de culto interno, que exorta a alma ao progresso, à luz, ao amor.

A AÇÃO DE FILIPE – CONVERSÃO DE SIMÃO, O MAGO

E Filipe, descendo à cidade de Samaria, proclamava-lhes Cristo. A multidão unânime estava atenta às coisas que Filipe dizia, ouvindo-o e vendo os milagres que estava fazendo. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saiam, clamando em alta voz: e muitos paralíticos e coxos foram curados; e houve muito regozijo naquela cidade.

Ora, havia ali desde algum tempo um homem chamado Simão, que praticara a mágica e fizera pasmar o povo de Samaria, dizendo ser ele um grande homem; e a este atendiam todos, desde os pequenos até os grandes, dizendo: Este é o poder de Deus, que se chama — Grande. Eles o atendiam, porque com as suas mágicas por muito tempo os tinha feito pasmar. Mas quando creram em Filipe que lhes pregava acerca do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, faziam-se batizar homens e mulheres. O mesmo Simão também creu e, depois de batizado, estava continuamente

com Filipe e admirava-se, vendo os milagres e grandes prodígios que se faziam. – v. v. 5 – 13.

Os apóstolos são impertérritos, intimoratos porque agem sob o influxo do Espírito.

É o Espírito que vivifica, que encoraja, conforta, anima e faz, de fato, todas as obras. Aqueles que estão sob a direção de um bom Espírito, operam maravilhas.

Haja vistas ao que ocorreu a Elias, a Eliseu, a Daniel e a tantos outros de que fala a antiga dispensação que chegaram a tapar as bocas dos leões, fizeram cessar as chuvas e depois fizeram chover sobre a terra.

Filipe era um agraciado do Espírito. Onde chegava reproduzia os milagres de Jesus: os espíritos imundos eram expelidos dos possessos, os paralíticos e coxos eram curados e o Evangelho era anunciado.

Muitos existiram no mundo que operaram maravilhas mas nenhum deles pode reproduzir totalmente o que fizeram os profetas e Apóstolos do Senhor.

No Egito os Magos só conseguiram reproduzir três maravilhas das que Moisés operou, mas mesmo as serpentes que se tornaram das suas varas, foram tragadas pela serpente que o Legislador Hebreu transformou de seu bastão.

Nos primeiros tempos do Cristianismo também houve o Simão Mago, que operou muitas maravilhas, pois era dotado de todas as mediunidades, exceto uma, como se vai ver.

Mas como era homem que recebia o Espírito dobrou a cerviz ante Filipe e proclamou sem reserva a sua nova crença em vista da pregação do Evangelho, que anuncia a recepção do Espírito para todos os que crêem em Jesus. E tão inclinado era Simão às coisas espirituais que estava continuamente com Filipe e se admirava vendo os milagres e grandes prodígios que se faziam.

Mas Simão era homem de dinheiro e ambicionava mais dons; não conhecia a doutrina, por isso tinha pretensões que não estavam concordes com o Espírito do Cristianismo, como vamos ver adiante.

Enfim, Samaria toda estava agitada ante um homem que havia operado naquela região grande revolução.

Os crentes aumentavam todos os dias, o Evangelho era anunciado e os discípulos da Nova Fé cresciam em número e em virtude, apesar de todas as perseguições que lhes moviam os grandes de então.

CHEGADA DE PEDRO E JOÃO À SAMARIA – EXORTAÇÃO A SIMÃO

Os Apóstolos que se achavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe a Pedro e João; os quais foram para lá, e oraram por eles, para que recebessem o Espírito Santo; porque sobre nenhum deles havia ainda descido, mas somente tinham sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então sendo-lhes impostas as mãos de Pedro e João, recebiam o Espírito Santo. Quando Simão viu que pela imposição das mãos dos Apóstolos se dava o Espírito, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também este poder, que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo. Mas Pedro disse-lhe: Pereça contigo o

teu dinheiro, pois, julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus. Arrepende-te, portanto, desta tua maldade, e roga ao Senhor que, se é possível, te seja perdoado este pensamento do teu coração; pois vejo que estás em um fel de amargura e nos laços da iniqüidade. Disse Simão: Rogai vós ao Senhor por mim, para que nada do que haveis dito, venha sobre mim.

Eles, pois, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém, e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos. — Cap. 8, v. v. 14 – 25.

A primeira coisa que se aprende nesta passagem, é que havia no tempo apostólico uma forma de mediunidade que consistia em fazer desenvolver nas pessoas aptas para receberem o Espírito, a sua faculdade mediúnica. Essa mediunidade era rara. Pedro e João tinham essa faculdade, assim como Paulo também a possuía, como veremos adiante.

Os apóstolos adotavam o sistema de rogarem primeiramente ao Senhor para que os crentes recebessem o Espírito. Era ao mesmo tempo uma oração a Deus e uma invocação aos Espíritos. Depois faziam a imposição das mãos sobre os novos prosélitos.

Foi o que aconteceu em Samaria. Como nenhum dos convertidos por Filipe houvesse recebido o Espírito, Pedro e João impuseram as mãos sobre eles, e eles davam a manifestação dos Espíritos que lhes serviam de Protetores, de Guias Espirituais.

Ora, Simão, o Mago, possuidor como dissemos, de todas as mediunidades, e que já havia observado os prodígios operados por Filipe, não conhecia esse novo dom ficando, por isso, maravilhado e desejoso de possuí-lo. Como ele poderia fazer para alcançar o seu desiderato, o seu desejo, aliás, muito natural?

Neste mundo o que há de melhor, de mais útil, de mais atraente, de mais belo, de mais poderoso, de mais caro é o dinheiro. Simão estava disposto, tal a sua inclinação para as coisas espirituais, a entregar aos Apóstolos, todo o seu dinheiro, em troca desse dom espiritual.

Também o rabiscador destas linhas, se tivesse muito dinheiro e tivesse certeza que qualquer dom espírita se poderia alcançar com dinheiro, não relutaria em se despojar de bens, para a conquista de um tesouro que os ladrões não alcançam e as traças não corrompem.

Pedro, que conhecia o coração de Simão, teve compaixão dele, mas precisava redargüir com energia para nos deixar um exemplo de que a Divindade não se suborna, nem se deve pagar com o dinheiro da Terra, as coisas do Céu. Então, formalizando-se, deu a importante lição a Simão: “Pereça contigo o teu dinheiro, pois, julgastes adquirir por meio dele o dom de Deus”.

As graças do céu são incorruptíveis, não se pode permutá-las com o que é corruptível.

Não há dinheiro em todos os mundos que se equilibram no Éter, que possa comprar qualquer coisa que seja do Céu: nem batismo, nem indulgência, nem matrimônio, nem perdão de pecados, nem dons espirituais, nem a fé, nem a esperança, nem a sabedoria, nem coisa alguma.

Os sacerdotes atuais não entendem esta doutrina, mas entender-la-ão mais tarde.

Mas Simão, talvez porque não fosse sacerdote, compreendeu logo o que Pedro dissera, e lhe rogou, como a João, para que nada lhe acontecesse por aquela sua ousadia, e pediu aos Apóstolos por ele intercedessem junto ao Senhor.

Simão, homem inteligente, dotado de espírito, compreendeu logo a Nova Fé que viria trazer uma revolução religiosa indispensável ao progresso da humanidade, mas não estando inteirado sobre os princípios básicos do Cristianismo, e como quisesse armar-se de poderes espirituais, aventurou aquela proposta, que retirou imediatamente em vista da resposta categórica do Apóstolo.

Os Apóstolos voltaram, então, a Jerusalém, donde saiam para as aldeias dos samaritanos para anunciar o Evangelho.

Foi, provavelmente, de Jerusalém que Pedro dirigiu suas Epístolas aos estrangeiros dispersos. Na 2ª, cap. II, 1–22, lêem-se importantes considerações que servem perfeitamente para o nosso tempo, como uma exortação cheia de verdade e de fé a todos que se esforçam por palmilhar o caminho traçado por Jesus. Ei-las:

"Mas houve também entre o povo, falsos profetas, como entre vós haverá ainda falsos mestres, os quais introduzirão ainda heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou. trazendo sobre si repentina destruição: e muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade; e em avareza com palavras fingidas, farão de vós negócio; e a sua condenação já de longo tempo não tarda, e a sua destruição não dormita. Porque se Deus não poupou a anjos, quando pecaram, mas lançou-os no inferno e os entregou aos abismos da escuridão, para serem reservados para o juízo; se não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, com mais sete pessoas, quando trouxe o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; se, reduzindo a cinzas a cidade de Sodoma e Gomorra, condenou-as à total ruína, havendo-as posto para exemplo dos que vivessem impiamente; e se livrou ao justo Lot, atribulado pela vida dissoluta daqueles insubordinados, o Senhor sabe livrar da tentação aos piedosos e reservar aos injustos sob castigo para o dia de juízo, mas principalmente àqueles que, seguindo a carne, andam em desejos impuros e desprezam dominação. Atrevidos, obstinados, não receiam caluniar a dignidade, enquanto que os anjos, ainda que sejam maiores em força e poder, não ferem contra eles juízo caluniador diante do Senhor. Mas este, como animais sem razão, por natureza nascidos para serem presos e mortos, caluniando coisas que ignoram, na destruição que fazem, certamente serão destruídos, recebendo a paga da sua injustiça; homens estes que têm na conta de prazer o deleitarem-se à luz do dia, são manchas e defeitos, regalando-se nas suas dissimulações ao banquetear-se convosco; tendo os olhos cheios de adultério e que não cessam de pecar, engodando as almas inconstantes, tendo um coração exercitado na avareza, filhos da maldição; deixando o caminho direito, desviaram-se, tendo seguido o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o galardão da injustiça; mas que foi repreendido pela sua transgressão; um jumento mudo, falando em voz de homem, refreou a loucura do profeta. Estes são fontes sem água, névoas levadas por uma tempestade, para os quais tem sido reservado o negrume das trevas. Porque, proferindo palavras arrogantes de vaidades,

na concupiscência da carne, engodam com dissoluções aqueles que apenas estão escapando dos que vivem no erro, prometendo-lhes a liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção; porque o homem é feito escravo daquele por quem há sido vencido. Portanto, se depois de terem escapado das corrupções do mundo pelo pleno conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo. se deixam enredar nelas de novo e são vencidos, torna-se o seu último estado pior que o primeiro".

O Apóstolo conclui as suas epístolas com uma exortação muito eloqüente e que exprime magnificamente o dever de todo o cristão para alcançar as glórias de sua sabedoria bem fundada e uma religião pura aos olhos de Deus:

"Crescei no conhecimento e na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. A Ele seja dada a glória, tanto agora como para sempre."

A AÇÃO DE JOÃO EVANGELISTA

A ação de João Evangelista foi das mais eficazes no Apostolado. Homem de grande erudição tal como se depara do seu Evangelho, que começa com ênfase e o entusiasmo que o fervor da fé o arrebatou: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus", foi um dos doze Apóstolos escolhidos por Jesus para levar às gentes a sua palavra.

João era irmão de Tiago maior, pescador como ele, e estava a consertar as suas redes quando o Mestre lhe disse que o seguisse. Daí em diante sempre o acompanhou e esteve com o Nazareno até o seu comparecimento no tribunal que lavrou a sua condenação, bem como até à morte de Jesus. Depois da morte do Senhor, ele se encarregou de cuidar de Maria, mãe de Jesus.

Samaria, Jerusalém e Ásia Menor foram sucessivamente teatro do seu apostolado. Desterrado depois para a ilha de Patmos, uma das Sporades, teve visões que referiu no seu Apocalipse. O seu Evangelho, bem como suas três Epístolas, que foram escritas em grego, a nosso ver, são livros importantíssimos, indispensáveis de serem estudados com o máximo critério.

João desencarnou já bem velho, e diz-se que ultimamente não pregava mais. Quando comparecia a qualquer reunião de discípulos a sua palavra se limitava ao "Amai-vos uns aos outros". O que levou os seus discípulos, a lhe perguntarem, porque repetia sempre a mesma coisa? Ele respondia: "Porque é preceito do Senhor".

De fato, as suas Epístolas se podem resumir no preceito: "Amai-vos uns aos outros". Logo na primeira, cap. II, 7–11, ele diz: "Não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo que tendes tido desde o princípio; este mandamento antigo é a palavra que ouvistes. Entretanto é um novo mandamento que vos escrevo, o qual é o verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se estão dissipando e a verdadeira luz já brilha. Aquele que diz estar na luz e aborrece a seu irmão, até agora está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão, permanece na luz, não há nele motivo de tropeço; mas aquele que aborrece a seu irmão, anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos".

Nos vv. 18–29, o Evangelho trata das revelações, mas as divide em Revelação da Verdade e "revelação da mentira" .

Com efeito, há revelação da Verdade e revelação da mentira, porque existem profetas e existem falsos profetas; assim como existem espíritos que falam a Verdade e espíritos que falam a mentira.

Este capítulo é muito interessante, não podemos deixar de transcrevê-lo.

"Filhinhos, esta é a ultima hora; e como ouviste que vem o anticristo, já se têm levantado muitos anticristos; pelo que conhecemos que é a ultima hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque se fossem de nós teriam permanecido conosco; mas eles saíram, para que fossem conhecidos que todos estes não são de nós. E vós tendes uma unção do Santo e todos tendes conhecimento. Não vos escrevi porque ignorais a verdade, mas porque a sabeis, e porque mentira alguma vem da verdade. Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? O anticristo é aquele que nega o Pai e o Filho. Todo o que nega o Filho não tem o Pai, quem confessa o Filho tem também o Pai. O que vós porém ouvistes desde o princípio, permaneça em vós. Se o que ouvistes desde o princípio permanecer em vós, permanecereis vós também no Pai e no Filho".

Estas recomendações eram avisos preventivos contra a tal "trindade" estabelecida pelas igrejas de Roma e Protestante, Esses doutores não permanecem no que ouviram desde o princípio. Escolheram e decretaram a existência de três deuses (trindade) concretizados em um, sendo apesar de tudo, cada um, um deus. O pai já não é porque o Filho sendo de toda a eternidade, não podia ser gerado; e o Filho não é filho, pelo mesmo motivo, pois ninguém pode ser pai ou filho de si mesmo. O sinal do anticristo está bem caracterizado nos crentes da Trindade.

A religião para João era mesmo Amor e não deste ou daquele.

No cap. IV, ele define claramente (7-21):

"Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo aquele que ama é de Deus, e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós, em que Deus enviou o seu filho unigênito ao mundo, para que vivêssemos por meio d'Ele. O amor consiste, não em termos nós amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós e enviou a seu filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos nos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é em nós perfeito. Conhecemos que permanecemos n'Ele e Ele em nós, por Ele nos ter dado do seu Espírito. E nós temos visto e testificamos que o Pai enviou a seu filho como salvador do mundo. "Todo aquele que confessar que Jesus é o filho de Deus", Deus permanece nele e ele em Deus. E nós temos conhecido e crido o amor que Deus tem em nós. Deus é amor; e aquele que permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele. O amor é perfeito em nós, para que tenhamos coragem no dia do juízo; porque assim como Ele é, nós somos também neste mundo. No amor não há medo, mas o perfeito amor lança fora o medo porque o medo envolve o castigo; e aquele que tem medo, não é perfeito no amor. Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro. Se alguém disser: Amo a Deus, e aborrecer a seu irmão, é mentiroso; porque aquele que não ama a seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não

vê. E temos d'Ele este mandamento, que aquele que ama a Deus, ama também a seu irmão".

Finalmente, João Evangelista [(2)] foi um grande Apóstolo que soube definir, na verdade, o Cristianismo. O grande Evangelista foi para o Espiritismo, o que Joel e demais profetas foram para o Cristianismo. No seu Evangelho, cap. XIV, XV e XVI ele transcreveu textualmente a promessa de Jesus sobre a manifestação dos Espíritos, que constituem a falange poderosa da Verdade e da Consolação que vêm transformar o mundo, e realmente já deram começo a essa ascensão espiritual dos homens.

Bendito seja João, o Apóstolo amado de Jesus, e que ele nos auxilie a cumprir a vontade do grande Mestre.

FILIPE E O EUNUCO DE CANDACE

Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e "Vai em direção do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém a Gaza: este se acha deserto. Ele, levantando-se, partiu. E eis que um homem da Etiópia, eunuco, alto funcionário de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os tesouros, viera a Jerusalém fazer a sua adoração; e regressava e, sentado no seu carro, lia o profeta Isaías. Disse o Espírito a Filipe: aproxima-te e ajunta-te a esse carro. Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías, e perguntou: Entendes, porventura, o que estás lendo? Ele respondeu: Pois, como poderei entender, se alguém não mo explicar? E pediu a Filipe que subisse e .se assentasse com ele. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo, era esta:

Como ovelha foi levado ao matadouro; e como um cordeiro está mudo diante do que o tosquia, assim Ele não abre a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; quem contará a sua geração? Por que a sua vida é tirada da Terra.

Perguntou o eunuco a Filipe: peço-te que me digas de quem falou isto o profeta? de si mesmo ou de algum outro? Filipe .abriu a boca e, principiando por esta Escritura, anunciou-lhe a Jesus. Indo eles pelo caminho, chegaram a um lugar onde havia água, e disse o eunuco: Eis aqui água, que impede que seja batizado? E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, Filipe e o eunuco, e Filipe o batizou. Quando subiram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe; o eunuco não o viu mais, pois seguia o seu caminho, regozijando-se. Mas Filipe achou-se em Azot e, passando além, evangelizava todas as cidades, até que chegou a Cesaréa. – Cap. 8, v. v. 26 – 40.

Três fatos bem significativos se realçam desta narrativa: 1º – a ação dos Espíritos, seja atuando em Filipe para conversão do Emissário de Candace, seja para preparar o coração deste para receber a Boa Nova; 2º – A crença geral sobre a interpretação das Escrituras; 3º – O transporte de Filipe operado pelo Espírito, do caminho de Jerusalém para Azot.

Vamos examinar, embora sumariamente, cada um destes fatos.

---

[2] Leia "Interpretação Sintética do Apocalipse", do mesmo autor.

A AÇÃO DOS ESPÍRITOS

A ação dos Espíritos sobre os homens é um fato mais que comprovado. Seja em sua influência benévola, seja com sua influência malévola, Espíritos de diversas categorias e ordens hierárquicas agem decisivamente sobre os destinos humanos e outros sobre a vida particular dos indivíduos.

Todos os atos que ultrapassam a nossa esfera de ação, pode-se dizer que têm um fator oculto a nos incentivar para praticá-los.

Neste caso referido nos Atos, nós vemos claramente estabeleci da a comunicação do Espírito protetor de Filipe, com o seu protegido. Pelo que se vê, Filipe dentre outros dons que possuía, era ainda um médium ouvinte, pois ouviu a voz do "Anjo do Senhor", de quem recebeu ordens para ir ao encontro do Eunuco.

Interessante ainda é que o referido Espírito havia estado com o funcionário de Candace, pois, sabia que ele se achava a caminho de Jerusalém e que naquele momento, não havia na estrada transeunte algum que pudesse atrapalhar o encontro que seu protegido ia ter com o Eunuco (este trecho está deserto).

Provavelmente o espírito atuante deveria ter sido, não só um grande amigo de Filipe, como também amigo do funcionário de Candace, devido ao interesse que tomou pela conversão deste.

A facilidade com que se deu a aproximação de Filipe, do Eunuco, a humildade e a submissão deste, as relações amistosas que apareceram subitamente entre os dois "desconhecidos", deixam ver claramente a existência de um elo oculto entre ambos, para um fim altamente providencial. Essa união, essa fraternidade nascida repentinamente entre um cristão e um prosélito do judaísmo, deixam aparecer claramente a ação do Espírito, dividindo a barreira que separava aqueles dois homens, para a conversão definitiva do judeu.

Nos anais do Espiritismo são inúmeros os casos desta natureza.

Passemos agora à segunda questão.

A ESCRITURA NÃO É DE INTERPRETAÇÃO HUMANA

Paulo, o doutor dos gentios, disse com justa razão que a Escritura não é de interpretação humana.

Esta afirmação já havia sido pronunciada por Jesus Cristo, na sua promessa de enviar o Consolador, para nos ensinar todas as coisas e nos guiar em toda a verdade. (João, XIV, XV, XVI.)

Além disso nós observamos, no Novo Testamento, que mesmo os Apóstolos não conheciam o sentido espiritual das Escrituras: "Eram tardos de ouvido e incircuncisos de entendimento". Foi só depois que Jesus "soprou" sobre eles e Lhes abriu a comunicação com o Espírito, que eles despertaram para as coisas espirituais, como de um sono de longo tempo.

Era mesmo corrente nos tempos antigos que a Escritura não era de interpretação fácil, que a mente humana pudesse alcançá-la. Pelas palavras do Eunuco à pergunta de Filipe: "Entendes, porventura, o que estás lendo?" nós vemos

que, embora o funcionário de Candace fosse um homem de letras, pois era representante de um reino, não podia compreender aquela passagem de Isaías, que estava lendo. Foi preciso que Filipe lhe explicasse e Filipe, a seu turno, não lhe deu uma explicação pessoal, mas sim transmitiu, como médium que era, a mensagem explicativa do Espírito, que se relacionava com a conversão do funcionário de Candace.

A conversão foi rápida, não houve contestações e nem mesmo objeções. Quando o Espírito toca o coração do homem e lhe ilumina a inteligência, tudo é fácil. Mas para que assim aconteça é preciso que haja boa vontade e humildade da parte daquele que deseja as graças divinas.

ARREBATAMENTO DE FILIPE

Um dos fenômenos interessantes do Espiritismo, é este de "arrebatamento".

A Escritura narra vários fatos de indivíduos que foram arrebatados.

Na vida dos Apóstolos, nós vemos, por exemplo, o arrebatamento de Filipe. Da estrada que une Gaza a Jerusalém, Filipe foi transportado a Azot, localidade muito distante daquela estrada.

Esses fenômenos são, sem dúvida, interessantíssimos. Embora raros, na História do Espiritismo, podemos encontrar alguns desses fatos extraordinários. Por exemplo, os irmãos Pansini, dois meninos que foram transportados por mais de uma vez, de Bari, Itália, a uma distância de quarenta e cinco quilômetros, em quinze minutos.

Esta natureza de fenômeno pode ser catalogada no número das levitações e transportes.

No Antigo Testamento, nós lemos em Daniel XIV, 35, que Habacuc foi transportado pelos ares, do país da Judéia às Terras da Chaldéa. Elias também foi elevado aos ares.

A história dos santos está cheia desses casos, tidos antigamente como miraculosos.

Finalmente, nos diz Lucas que Filipe transportado pelo Espírito para Azot, continuando a sua excursão apostólica pelas cidades, evangelizava até que chegou a Cesaréa, sua terra.

CONVERSÃO DE SAULO

Saulo, respirando ainda ameaças e morte, contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote, e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, afim de que, caso achasse alguns que fossem do caminho, tanto homens como mulheres, os levasse presos a Jerusalém. Caminhando ele, ao aproximar-se de Damasco, subitamente resplandeceu em redor dele uma luz do céu; e caindo em terra, ouviu uma voz dizer-lhe: Saulo, Saulo, porque me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu Ele: Eu sou Jesus a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e dir-te-ão o que te é necessário fazer. Os homens que viajavam com ele,

pararam, emudecidos, ouvindo sim a voz, mas sem ver a ninguém. Levantou-se Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada viu; e guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. E esteve três dias sem ver e não comeu nem bebeu. – Cap. IX, v. v. 1–9.

Saulo nasceu em Tarso, na Cilícia e pertencia a uma família de judeus da seita farisaica. Foi educado em Jerusalém, sendo discípulo de Gamaliel, havendo também aprendido o ofício de tecelão, segundo o preceito da lei judaica, que impunha a todos os doutores da lei a obrigação de saberem um ofício.

Saulo era um moço vigoroso, de espírito forte. Por ocasião da luta entre os judeus que se conservavam fiéis aos preceitos do sacerdotalismo e os primitivos cristãos, Saulo entrou em ação forte contra estes, distinguindo-se pela sua coragem e papel saliente que desempenhava na ofensiva contra os discípulos de Jesus.

Certo dia, ele dirigiu-se ao sumo sacerdote e solicitou cartas para os padres de Damasco que dirigiam as Sinagogas (Igrejas).

O pontífice imediatamente acedeu ao pedido, e partiu instantaneamente em direção a Damasco, unido a alguns companheiros, o jovem doutor que, como diz o capítulo dos Atos, respirava ameaças e morte contra os discípulos do Senhor.

Foi justamente ao aproximar-se de Damasco que o Sublime Espírito que fundara o Cristianismo, no desempenho de sua excelsa missão, julgando apta aquela grande personalidade para colaborar na grande causa da redenção humana, vibra sobre ela a sua luz fulgente e brada em tom severo, mas verdadeiramente paternal: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”.

Este apelo penetrou súbito no coração do inimigo gratuito daquele que dentre poucos dias seria o seu maior amigo, o seu maior protetor e até a sua própria vida!

Mas o moço Saulo não se deixou levar unicamente pelas ânsias regeneradoras que transformavam o seu coração. Ele ergueu-se em sua lucidez racionalista, e retorquiu: “Quem és tu Senhor?” A voz se fez ouvir novamente: “Eu sou Jesus a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e dir-te-ão o que é necessário fazer” .

Estava feito o trabalho do Espírito; estava demonstrada a imortalidade da alma; estava estabeleci da a comunicação de Jesus, com aquele que viria a ser dentro em pouco o seu grande intermediário, para levar a gentios e a judeus a Nova Fé, que os viria libertar do cativeiro sacerdotal.

Já não era mais Saulo que vivia; não era o terrível perseguidor dos cristãos que andava no encalço dos que evangelizavam. Saulo desaparecera para dar lugar a um novo homem vestido da fé, com as armaduras da caridade e do amor,

Uma nova consciência se elaborava naquele homem que há pouco havia participado da morte de Estêvão. Cego, sem luz nos olhos para se guiar a Damasco onde pretendia acumular façanhas e dominar pelo terror, acolitado pelos padres daquela famosa cidade, foi-lhe preciso estender, súplice, as mãos para que o guiassem à cidade, onde esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

A conversão de Paulo é um dos fatos mais importantes da história.

O grito de Damasco reboa até agora a nossos ouvidos e repercute pelo mundo todo. Nem as vozes dos dissidentes puderam até agora abafá-lo. É o grito da Imortalidade, é o brado do Amor que ergue o edifício da Fé sobre a rocha da

Revelação, é a Esperança na Outra Vida que ressurge, é, finalmente, a Luz raiando das trevas e iluminando a todos nós com os esplendores da Eternidade.

A VISÃO DE ANANIAS – A VISÃO DE SAULO – O ESPÍRITO DAS INSTRUÇÕES

Havia em Damasco um discípulo chamado Ananías, e disse-lhe o Senhor em visão: Ananías. Respondeu ele: Eis-me aqui, Senhor. E o Senhor ordenou-lhe: Levanta-te e vai à rua que se chama Direita e procura na casa de Judas a um homem de Tarso, chamado Saulo; pois, ele está orando, e tem visto um homem por nome Ananías, entrar e impôr-lhe as mãos para recuperar a vista. Mas Ananías respondeu: Senhor, eu tenho ouvido a muitos acerca deste homem quantos males fez aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem autoridade dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam teu nome. Mas o Senhor disse-lhe: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome perante os gentios e os reis, bem como perante os filhos de Israel; pois, eu lhe mostrarei quanto lhe é necessário padecer pelo meu nome. Partiu Ananías e entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Saulo, irmão, o Senhor Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. Logo lhe caíram dos olhos umas como escamas, e recuperou a vista; e levantando-se, foi batizado; e depois de tomar alimento, ficou fortalecido. — v. v. 10–19.

Duas novas manifestações são assinaladas neste trecho dos Atos. A comunicação de Jesus a Ananías, poderoso médium vidente e auditivo, pois, viu a Jesus e ouviu as suas palavras; e a aparição do próprio Ananías, naturalmente enquanto o corpo se achava adormecido, a Saulo.

Estas duas manifestações, assinaladas nos "Atos dos Apóstolos" vêm corroborar a nossa tese sobre "Animismo e Espiritismo", ou seja, comunicações entre vivos e comunicações entre vivos e mortos.

Jesus, depois de ter morrido, apareceu a Ananías e lhe falou; Ananías a seu turno, segundo a afirmação de Jesus, como era, talvez, médium de bilocação, apareceu a Saulo, no momento em que este orava e lhe impôs as mãos para que recuperasse a vista.

Acresce ainda que esta manifestação é perfeitamente admitida pelo Espiritismo, como um fenômeno premonitório, fenômeno esse que teve a sua realização, como se depara no próprio trecho, com a ida de Ananías à casa de Judas, onde se achava Saulo, impondo de fato, sobre estes as mãos e curando-o da cegueira.

Ananías era um médium valoroso: auditivo, vidente, de desdobramento, curador, intuitivo, inspirado e, certamente, poliglota, mediunidade esta muito comum naquele tempo.

Uma coisa, porém, nós notamos, é que com a imposição das mãos de Ananías, Saulo não recebeu o Espírito Santo.

Como vimos nos trechos, ou capítulos anteriores, todos os convertidos por Pedro e João, a quem eram impostas as mãos, recebiam o Espírito Santo, mas com Saulo não aconteceu isto. O trabalho de Ananías se limitaria a restituir a vista ao

novo discípulo? Certamente que não. A missão de Ananías foi muito superior a esta. O principal escopo de Jesus, enviando Ananías a Saulo, foi fazê-lo confirmar a manifestação de Damasco, foi dar sanção à conversão iniciada na Estrada, manifestação essa presenciada por outras pessoas que, conquanto não tivessem visto Jesus, ouviram a sua voz.

Saulo era um homem de grande instrução, racionalista, não se converteria sem um conjunto de provas que pudessem convencê-lo da Verdade Cristã.

Nós aprendemos ainda mais que, segundo se conclui pela narrativa, Saulo não recebeu o Espírito Santo, porque recebera diretamente o próprio Espírito de Jesus Cristo, que é o Chefe da Falange denominada Espírito Santo.

Com efeito, o novo Apóstolo estava muito convencido que a sua ação no ministério, conforme se depreende das suas Epístolas, não era pessoal, mas o Cristo é que agia nele para fazer tudo.

Este trecho de Jesus, dito a Ananías, é característico: "Vai, porque este é para mim, um vaso escolhido para levar o meu nome perante os gentios e os reis, bem como perante os filhos de Israel".

A narrativa termina com o clássico "batizado" que não passava entre os discípulos, de uma formalidade, para relembrar a abolição da circuncisão e sua substituição pela imersão do catecúmeno na água, feita por João Batista, prática essa substitutiva e provisória que, como disse o próprio Batista, daria lugar ao "batismo do Espírito".

ESTRÉIA DO NOVO APÓSTOLO – PAULO EM DAMASCO E JERUSALÉM

Paulo demorou-se alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco, e logo nas sinagogas proclamava que Jesus era o filho de Deus. Pasmavam todos os que o escutavam, e diziam: "Não é este o que perseguia em Jerusalém aos que invocavam esse Nome, e que tinha vindo cá para os levar presos aos principais sacerdotes? Porém Saulo muito mais se fortalecia e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que Jesus era o Cristo.

Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida; porém esta cilada chegou ao conhecimento de Saulo. Guardavam também as portas, de dia e de noite para o matar. Mas os discípulos tomaram-no de noite e desceram-no pela muralha, baixando-o num cesto de vime.

Tendo chegado em Jerusalém, tentava juntar-se com os discípulos: e todos tinham medo dele, não crendo que ele fosse discípulo. Mas Barnabé, tomando-o consigo, levou-o aos Apóstolos, e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus. E estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando com coragem em nome do Senhor; e falava e disputava com os helenistas; mas eles tratavam de tirar-lhe a vida. O que tendo sabido os irmãos, levaram-no até Cesaréia, e enviaram-no a Tarso.

Assim, pois, tinha paz a igreja por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, sendo edificada no temor do Senhor, e crescia no conforto do Espírito Santo. – Cap. IX, v. v. 20 – 31.

A missão de Paulo começou em Damasco, justamente na cidade em que ele pretendia fazer grandes perseguições aos cristãos.

O moço Saulo havia concluído nesta cidade a sua tarefa reacionária para iniciar a grande missão para a qual foi chamado por Jesus Cristo.

O velho homem do ódio, da maldade, da vingança; o escravo do farisaísmo, do sacerdotalismo, havia desaparecido, para dar lugar à entrada do novo homem no ministério Cristão, no Apostolado, e por isso, não quis mais o iluminado de Damasco usar o seu antigo nome, que representava um ateísmo degradante, a desobediência de todos os Preceitos Divinos.

Não era mais Saulo quem vivia, mas sim Paulo o intemerato convertido, ilustre vaso escolhido por Jesus Cristo para levar a gentios e a judeus o nome, a Doutrina do seu grande Salvador.

Paulo, como dissemos, era um grande Espírito; homem severo, mas justo, intemerato, sábio, poliglota, orador e que, por fim, reuniu todos os dons que caracterizam o verdadeiro Apóstolo. Nem mesmo o de imposição de mãos para recepção do Espírito, lhe faltava.

Absolutamente independente, ele nunca se aproveitou de sua autoridade, para receber o que quer que fosse para seu uso particular. Dizia: “Para a minha subsistência e dos que estão comigo estes braços me serviram”. Era fabricante de barracas de campanha, tecelão, e sua indústria dava-lhe perfeitamente para viver, sobrando muito tempo para o desempenho da sua missão Apostólica.

A vida de Paulo é a imitação da vida de Jesus Cristo, com a diferença que Jesus nada escreveu e Paulo dirigiu várias Epístolas a diversas Igrejas ou agremiações.

A segunda metade da vida de Paulo foi absorvida pelo seu ardor do proselitismo, pelas missões em que se empregou e pelas viagens que empreendeu com o fim de ganhar almas para a nova crença. Residiu em Damasco, em Jerusalém, em Tarso.

Depois, acompanhado de Barnabé, foi para a Antióquia, um dos grandes centros literários e religiosos do Oriente. Aí esses dois Apóstolos fundaram uma grande associação religiosa, na qual eram admitidos não só gentios como judeus. Daí embarcaram para Chypre, e segundo se afirma, em Néo-Paphos, Paulo converteu o proconsul Sergio Paulo. De Antióquia eles foram acompanhados por João Marcos.

De Chypre, Paulo e Barnabé voltaram para a região da Galacia, que compreendia a Pamphilia, a Sisídia, a Lyaconia e parte da Phrygia. Os dois missionários detiveram-se algum tempo em Perge, Antióquia, Cesaréia, Lystres e Teonio, e por fim voltou a Antióquia, onde escreveu várias Epístolas.

Tendo, porém, sabido que havia discórdias em Jerusalém, visto que diversos Apóstolos mantinham as práticas da Lei de Moisés, Paulo foi a Jerusalém onde falou em assembléia, sobre a necessidade de propagar e difundir a Doutrina do Cristo com exclusão das práticas esdrúxulas da Antiga Lei.

Daí Paulo uniu-se a Timoteo e a Silas, deixaram a Ásia Menor, atravessaram o elesponto, e chegaram à Macedônia; visitaram Filipes, Anfípolis, Tessalônica, Berea, Atenas e Corinto, onde o Apóstolo escreveu as primeiras Epístolas. De Corinto foi a Éfeso, voltou a Jerusalém e depois à Antióquia, onde escreveu a sua Epístola aos

Gálatas. Voltou depois a Éfeso e daí dirigiu a primeira e depois a segunda Epístola aos Corintios. Passou à Macedônia, regressou a Corinto onde, escreveu a Epístola aos Romanos, que é uma das suas obras capitais. Passando outra vez pela Macedônia embarcou em Nápoles, tocou em Mytilene, Chio, Mileto, Cós, Tyro, Ptolemais; e tornando a Jerusalém foi preso, de onde foi transferido para Roma e onde fez muitos prosélitos. (3)

De perseguidor ele se tornou perseguido, desde o início da sua tarefa em Damasco, tendo os discípulos, para o livrarem da morte, preparado um grande cesto munido de cordas, no qual o desceram pela muralha, pois, nos portões da cidade haviam emboscadas para assassiná-lo.

Em Jerusalém, cidade central, o Apóstolo afrontou também o ódio dos seus adversários, e pregava ousadamente a Doutrina de Jesus e a aparição dos mortos, bem como a esperança na Outra Vida, que eram o motivo de escândalo para os judeus e gregos.

Finalmente, seguiu, a pedido dos discípulos, para Cesaréia e depois para Tarso, sua terra natal.

Diz o Evangelista que em toda a Judéia, Galiléia e Samaria, as manifestações dos Espíritos eram tão positivas e substanciosas que todos os crentes eram edificados e cheios de conforto e temor do Senhor.

PEDRO CURA A ENÉIAS

Passando Pedro por toda a parte, desceu também aos santos que habitam em Lyda. Achou ali um homem chamado Enéias, que havia oito anos jazia numa cama, porque era paralítico. Pedro disse-lhe: Enéias, Jesus Cristo te sara; levanta-te e faze a tua cama. Ele logo se levantou. Viram-no todos os que moravam em Lyda e Sarona, os quais se converteram ao Senhor. – Cap. IX, v. v. 32 – 35.

Um dos principais característicos dos Apóstolos, era a cura de enfermos. Pedro possuía esse dom em alta escala.

As curas espirituais produziam grande contribuição para conversão dos incrédulos. Não só era o enfermo curado que se convertia, mas todos os que tinham seguro conhecimento do caso.

Dotado de faculdades magnéticas e ainda auxiliado pelos Espíritos, que constituem a Falange do Consolador, que agiam em nome de Jesus, Pedro fez inúmeras conversões, mais por meio de curas do que mesmo pela palavra.

É que a cura é um fato que toca logo o coração, o sentimento, mais fácil de percepção do que a palavra que precisa passar pelo cérebro e atravessar o crivo do entendimento.

O amor opera milagres, ao passo que a Sabedoria é tardia em sua ação.

---

[3] Vide Larousse.

Enéias, cujos nervos se achavam entrevados, tendo recebido os fluídos vitalizantes de que necessitava para pô-los em ação, à voz de Pedro, ergueu-se e ficou são.

As curas espíritas constam, como se vê, dos anais do Cristianismo, e acrescentando estas palavras à narrativa de Lucas, não fazemos mais do que confirmar o que já temos dito em outras obras anteriores, principalmente a intitulada "Histeria e Fenômenos Psíquicos — Curas Espíritas", que recomendamos aos leitores.

PEDRO RESSUSCITA A DORCAS

Havia em Joppe uma discípula, por nome Tabitha, que quer dizer Dorcas; esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia. Naqueles dias, adoecendo ela, morreu; e depois de a levarem, puseram-na no cenáculo. Como Lyda era perto de Joppe, os discípulos, ouvindo que Pedro se achava lá, enviaram-lhe dois homens, e rogaram-lhe: Não te demores em vir ter conosco. Pedro levantou-se e foi com eles; e tendo chegado, conduziram-no ao cenáculo; e todas as viúvas cercaram-no, chorando e mostrando-lhe as túnicas e capas que Dorcas fazia enquanto estava com elas. Mas Pedro tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e voltando-se para o corpo, disse: Tabitha, levanta-te. E ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. Ele dando-lhe a mão, levantou-a; e chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva. Isto se tornou conhecido por toda Joppe, e muitos creram no Senhor. Pedro ficou em Joppe por muitos dias em casa de um curtidor chamado Simão. — v. v. 36 – 43.

As boas obras são o grande atrativo dos Espíritos do Senhor. A caridade que obra com humildade, não pode deixar de atrair as Potestades Celestes.

Se Dorcas não tivesse boas obras não teria certamente merecido a proteção dos discípulos, os testemunhos das viúvas, a presença de Pedra e a assistência do Espírito mensageiro de Jesus, que operou, com o auxílio de Pedra, para a sua "ressurreição".

Esses casos de "ressurreição" não se deram, como se vê, só no tempo em que Jesus predicava, mas também no tempo dos discípulos. Em Dorcas, como nos demais, não havia, tal como se observa, a desligação completa do Espírito do corpo. Havia algum laço fluídico que ainda não havia rompido, e a ação espiritual, por intermédio de Pedro, conseguiu a volta da mulher já quase exânime. Já tratamos desta questão na 3ª edição de "Parábolas e Ensinos de Jesus", cap. "Ressurreição de Lázaro".

Não pretendemos repisar o assunto.

O fenômeno repercutiu por toda a circunvizinhança e novos crentes foram admitidos entre os discípulos.

AS VISÕES DE CORNÉLIO E PEDRO – RECOMENDAÇÕES DO ESPÍRITO MENSAGEIRO

Um homem em Cesaréia, por nome Cornélio, centurião de uma corte chamada italiana, piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que fazia muitas esmolas ao

povo e de contínuo orava a Deus, viu em visão claramente, cerca da hora nona do dia, um anjo chegando e dizendo: Cornélio. Este fitando nele os olhos, e cheio de temor, perguntou: Que é, Senhor? O anjo acrescentou: As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para lembrança diante de Deus. Agora envia homens a Joppe e manda chamar um certo Simão, que tem por sobrenome Pedro; este se acha hospedado em casa de um curtidor chamado Simão, a qual fica junto ao mar. Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou a dois de seus domésticos, e a um soldado piedoso dos que estavam a seu serviço e, havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Joppe.

Ao outro dia seguindo eles o seu caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao eirado para orar, cerca da hora sexta. Teve ele fome e quis comer; mas enquanto lhe aprontavam a comida, veio-lhe um êxtase; e viu o Céu aberto, e descer um objeto, como se fora uma grande toalha, o qual era baixado terra pelas quatro pontas; e nele havia de todos os quadrúpedes e répteis da terra e aves do Céu. E uma voz disse-lhe: Levanta-te Pedro: mata e come. Mas Pedro replicou; De nenhum modo, Senhor; porque jamais comi coisa alguma impura e imunda. Segunda vez a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não faças tu impuro. Sucedeu isto por três vezes e logo o objeto foi recolhido ao Céu. — Cap. X, 1 – 16.

Dois casos interessantes, dignos de meditação e de estudo.

Vimos no capítulo anterior a grande influência das boas obras, para a obtenção das coisas espirituais.

A caridade e a prece são as duas alavancas que removem as mais pesadas barreiras e nos conduzem a Deus.

Na "Parábola do Homem Rico", Jesus disse que era mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que salvar-se um rico. Inquirido por seus discípulos, quem poderia, então, se salvar, respondeu, que "O que era impossível aos homens era possível a Deus".

Cornélio, homem rico, da corte italiana, naturalmente achava difícil a sua salvação, e por isso porfiava com o auxílio de oração e boas obras, para chegar à Vida Eterna. E como são estes mesmos os meios que Deus nos facultou para obtenção de tão alto desideratum, lhe foi dado o Espírito, sem medida, pois, "àquele que muito tem, mais ainda lhe será dado", e Cornélio teve uma visão: apareceu-lhe um Mensageiro de Jesus (anjo, quer dizer mensageiro), que lhe aconselhou mandar chamar a Pedro, o Profeta e ao mesmo tempo Apóstolo, a fim de lha ser dito o que precisava fazer para ter a posse de tal vida, que nunca acaba.

Cheio de temor, pois a aparição dos Espíritos, quando o paciente vê e ouve, produz quase sempre temor, mas ciente de que era uma manifestação de um ente bom, Cornélio obedece às ordens, movimenta o seu pessoal, em busca de Pedro.

Enquanto se dirigem para Joppe, o mesmo Espírito ou algum outro companheiro seu, arrebata a Pedro num êxtase e lhe dá a significativa visão, simbolizada na apresentação de um lençol descido do céu, contendo tudo o que Deus criou. Esse quadro alegórico queria, sem dúvida, insinuar ao Apóstolo que não deveria se negar ao chamado de Cornélio, que embora grande e rico, havia merecido as graças do Céu, não pelo dinheiro e posição que possuía, mas pela boa aplicação

desse dinheiro e pela humildade com que se portava em suas funções como membro da côrte italiana.

Do verso 17 ao verso 34 dos Atos, cap. X, o leitor terá a descrição de Lucas, evitando assim que a passemos para estas páginas, mas que se refere à chegada de Pedro à casa de Cornélio e à conversa que ambos entabularam a respeito da visão.

Pedro anunciou a Cornélio a Doutrina de Jesus e lhe narrou a Vida do Nazareno, que fora constituído Juiz dos vivos e dos mortos, estendendo a sua palavra aos gentios que se achavam nas proximidades.

O resultado foi inúmeras conversões, feitas pelo "Espírito Santo", cujos mensageiros desenvolveram seus dons, muitos falavam várias línguas, como no Cenáculo os discípulos, no dia de Pentecostes.

A visão de Pedro era categórica em sua interpretação. Os gentios deviam também receber o Espírito. O dom não pertencia só aos judeus, mas a todos, porque o profeta Joel havia dito: "Eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne".

Concluímos reafirmando que "a caridade é a âncora da salvação".

Quem quiser dons, quem quiser herdar a Vida Eterna, seja caridoso e humilde, porque será, de fato, discípulo do Cristo, conhecerá a Verdade, e a Verdade o libertará do jugo sacerdotal que pesa sobre todos.

DISSENÇÕES PARTIDÁRIAS – A PALAVRA DE PEDRA

Os Apóstolos e os irmãos que estavam na Judéia souberam que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. E quando Pedro subiu a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão, dizendo: Entraste em casa de homens incircuncisos e comeste com eles. Mas, Pedro, começando a falar-lhes fez uma exposição por ordem, dizendo: Eu estava na cidade de Joppe, orando e em êxtase tive uma visão em que via descer um objeto como se fora uma grande toalha que era baixada do céu pelas quatro pontas, e chegar até perto de mim; e olhando-a atentamente, eu notava, e vi quadrúpedes da terra, feras, répteis e aves do céu. Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. Mas eu respondi: De nenhum modo, Senhor, porque nunca entrou na minha boca, coisa impura ou imunda. Segunda vez falou a voz do Céu: Ao que Deus purificou, não faças tu impuro. Isto sucedeu por três vezes. E tudo tornou a recolher-se ao Céu. Logo três homens enviados a mim de Cesaréia, pararam em frente a casa onde estávamos. E o Espírito disse-me que eu fosse sem escrúpulo com eles. Foram comigo também estes seis irmãos, entramos na casa daquele homem. E ele nos referiu como vira o anjo em pé, em sua casa e que lhe dissera: Envia a Joppe e chama a Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te anunciará as coisas pelas quais serás salvo, tu e toda a tua casa. Começando eu a falar, desceu o Espírito Santo sobre eles, como no princípio descera também sobre nós. E lembrei-me da palavra do Senhor, corno disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizado com o Espírito Santo. Pois, se Deus lhes deu o mesmo dom que dera também a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para que pudesse resistir a Deus? Eles, depois de ouvir estas

palavras, se apaziguaram, e glorificaram a Deus dizendo: Assim, pois, Deus também aos gentios deu o arrependimento para a vida. – Cap. XI, 1–18.

Este capítulo é a reprodução do anterior com a sua explicação, dada já por nós em páginas anteriores.

É muito interessante a confirmação de Pedro sobre a recepção do Espírito Santo.

Os sacerdotes não rezam pela cartilha de Pedro, embora se digam representantes dos Apóstolos.

Na igreja romana, por exemplo, só *os* romanos são dignos das graças de Deus.

Na igreja protestante é a mesma teoria.

Esses sacerdotes estão sempre prontos a resistir a Deus. Eles não podem compreender, até agora, o significado da visão de Pedro.

Antigamente só *os* circuncidados se julgavam merecedores e dignos da graça celeste, embora a circuncisão fosse um estigma exterior feito na carne.

O Apóstolo Paulo doutrinava muito bem, que nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem coisa alguma, mas sim a Fé que obra por Caridade.

Finalmente, a doutrina de Pedro merece a atenção dos estudantes dos Evangelhos, para melhor compreenderem o Caminho, a Verdade e a Vida, exemplificados por nosso Senhor Jesus Cristo para a nossa redenção.

A PROPAGANDA NA DISPERSÃO – PAULO NA ANTIOQUIA

Aqueles, pois, que foram dispersos pela tribulação que houve por causa de Estêvão, passaram até Fenicia, Chypre e Antióquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Mas alguns deles que eram de Chypre e de Cyrene, quando foram a Antióquia, falavam também aos gregos, pregando-lhes o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles, e um grande número dos que creram converteu-se ao Senhor. A Igreja em Jerusalém, tendo notícia disto, enviou Barnabé à Antióquia; o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou, e exortava a todos a perseverar no Senhor com firmeza de coração; porque era homem bom e cheio do Espírito Santo e de Fé. E muita gente uniu-se ao Senhor. Barnabé partiu para Tarso, em busca de Saulo e, tendo-o achado, levou-o a Antióquia. E durante um ano inteiro reuniram-se com a igreja e instruíram muita gente; e em Antióquia os discípulos pela primeira vez foram chamados cristãos. – Cap. VI, v. v. 19–26.

Dissolvida a Comuna, os cristãos dispersaram-se, passando por diversas localidades, Fenícia, Chypre e Cyrene, até chegaram à Antióquia.

Eles não quiseram falar a respeito de Jesus e sua doutrina, devido ao medo de que se achavam possuídos, do atentado de que fora vítima Estêvão. Mas na Antióquia, lugar onde havia mais garantia, pois, também já havia passado algum tempo, eles começaram a pregar o Evangelho.

A congregação de Jerusalém, que era a mais forte, tendo ouvido isso, tendo tido notícia, enviaram a Antióquia, Barnabé, grande médium, com ótima assistência espiritual (cheio do Espírito Santo). Era um homem muito digno, estimado e de autoridade.

Chegando a Antióquia, conhecendo a situação em que se achava o Cristianismo nessa cidade, partiu para Tarso em busca de Paulo, o grande Apóstolo, que pelo espaço de tempo de um ano, fez preleções aos neófitos. Instruindo muita gente, a ponto de os discípulos que ali se reuniam, receberem, pela primeira vez, o nome de cristãos.

A não ser novas conversões e aumento do proselitismo, nenhum outro fato se nota neste capítulo, digno de comentário.

FALA AGABO PROFETIZANDO UMA FOME

Agabo, que se achava em Jerusalém, era um dos luminares do Cristianismo.

Por ocasião em que Paulo se achava na Antióquia, alguns profetas de Jerusalém deliberaram ir à Antióquia. Um deles, Agabo, erguendo-se, tomado pelo Espírito, profetizou que haveria uma fome por toda a parte. E esta, de fato, verificou-se, como diz o capítulo XI, vv. 27 a 30, dos Atos, cuja leitura recomendamos aos leitores.

Os fenômenos de previsão do futuro se salientam, como se vê, no Novo Testamento.

Antigamente, como hoje, existiam homens, assistidos pelos Espíritos que davam avisos sobre os acontecimentos futuros.

São fatos de contribuição para a demonstração da existência da alma e continuidade da vida, sem dependência do corpo carnal.

Tendo que se retirar Paulo e Barnabé, para a Judéia, os discípulos de Antióquia se cotizaram e enviaram, pelos dois, auxílio pecuniário para os que se achavam na Judéia, a fim de ser acelerada a obra de propaganda.

Infelizmente, a propaganda não dispensa auxílio monetário, e os antigos cristãos bem compreendiam essa necessidade.

A fraternidade no Cristianismo era tudo. Foi devido a ela que o Cristianismo, com o auxílio dos Espíritos, lançou raízes e se estendeu em pouco tempo por toda a parte.

A MORTE DE TIAGO – PEDRA É NOVAMENTE PRESO – MARAVILHOSAS MANIFESTAÇÕES NA PRISÃO

A vida dos Apóstolos foi cheia de sofrimentos de um lado, e de triunfos de outro. É o que Léon Denis chamava a medi unidade gloriosa e o martirológio dos médiuns.

As perseguições, as calúnias, as injúrias, as cadeias cobriam sempre de labéu os discípulos de Jesus; mas, por outro lado, os Espíritos operavam, por seu intermédio, maravilhas que Lhes davam alegrias e felicidades íntimas.

Uns eram sacrificados ou lapidados em praça pública, como Estêvão, outros eram mortos à espada, como Tiago. Mas nenhum parecia abandonado. O Céu abriu-se sobre suas cabeças e eles arrostavam encorajados todos os martírios.

Pedro foi um herói das primeiras cruzadas. Bafejado sempre pelo Espírito, era intemerato, fazia prodígios, e maravilhas se operavam sob seus olhos, a ponto de ficar boquiaberto ele próprio.

Após os maus tratos que Herodes ordenou contra diversos discípulos, e a morte de Tiago, que foi passado a fio de espada, Pedro foi preso por ordem do mesmo Herodes, como se vai ler da narrativa de Lucas, incerta no capítulo XII, 1–9.

Tiago era irmão de João Evangelista e André, estes últimos também Apóstolos; o chamado Tiago maior, filho de Zebedeu, foi o quarto dos doze Apóstolos escolhidos por Jesus, e um dos quatro que acompanharam a Jesus na Paixão, no Jardim das Oliveiras e na Transfiguração no Tabor.

Depois da ressurreição do Senhor, Tiago voltou para Jerusalém donde saíra, por ocasião da morte do Mestre, e pregou o Evangelho com tanto zelo que os membros do Sinédrio exigiram de Herodes Agrippa a morte do Apóstolo. Foi ele o primeiro discípulo intemerato que se sacrificou pela religião.

Passemos à transcrição do capítulo:

"Naquele tempo o rei Herodes mandou prender alguns da igreja para os maltratar. E ordenou que matassem à espada a Tiago, irmão de João. Vendo que isto agradava aos judeus, fez ainda mais, mandou prender também a Pedro — e eram os dias dos pães asmos — e tendo-o feito prender, lançou-o no cárcere, entregando-o a quatro escoltas de quatro soldados cada uma para o guardarem, tencionando apresentá-lo ao povo depois da Páscoa. Pedro, pois, estava guardado no cárcere; mas a igreja orava com insistência a Deus por ele. Quando Herodes estava para apresentá-lo, nessa mesma noite, dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere. E eis que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz brilhou na prisão, e ele tocando o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E as cadeias caíram-lhe das mãos. O anjo acrescentou: Cinge-te e calça as suas sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Cobre-te com a tua capa e segue-me. Pedro saindo, seguia-o, e não sabia que era real o que se fazia por meio do anjo, mas julgava que era uma visão. Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se lhes abriu por si mesmo; e saindo, andaram uma rua, e logo o anjo o deixou. Pedro, tornando a si, disse: agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que esperava o povo judaico. Depois de refletir foi à casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam. Quando ele bateu ao postigo do portão, veio uma criada chamada Rhode ver quem era; e reconhecendo a voz de Pedro, de gozo não abriu o portão, mas correndo para dentro, contou que Pedro estava ali. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, assegurava que era ele. Diziam; e o seu anjo. Mas Pedro continuava a bater; e quando abriram o portão, viram-no e ficaram atônitos. Mas ele, acenando-lhes com a mão que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirou do cárcere, e acrescentou: Anunciai isso a Tiago e aos irmãos, e saindo retirou-se para outro lugar. Logo que amanheceu, houve grande alvoroço entre os soldados sobre o que teria acontecido a Pedro. Herodes tendo-o procurado e não o achando, inquiriu as

sentinelas e mandou que fossem justiçadas; e descendo da Judéia a Cesaréia, ali se demorou".

Este magnífico relato extraído ipsis verbis dos Atos, reproduz todos os fenômenos físicos observados por iminentes sábios nas suas experiências espíritas: quebra das cadeias de ferro, materialização de Espírito, etc.

Nota-se de outro lado que todos os da congregação em casa de Maria, estavam muito a par das aparições dos Espíritos, sem o que não podiam ter dito que era o "Anjo de Pedro" (perispírito) e não Pedro.

A grande proteção que tinha Pedro, o livrou, como se vê, de muitas tribulações.

Se se fizesse um confronto entre a vida de Pedro e a vida dos Papas, ver-se-ia como a destes é a absoluta antítese à daquele.

Como seria bom se os Papas fossem mesmo sucessores de Pedro; o mundo hoje estaria reformado. A Igreja não seria de Roma, nem da terra, não haveria prata e ouro nos templos, com tanta sobra que dão até para fomentarem o morticínio contra os próprios irmãos, mas haveria prodígios, haveria amor, haveria fraternidade e fé.

MORTE DE HERODES

Ora, Herodes estava irritado contra os de Tyro e de Sidon; porém eles de comum acordo, se apresentaram a ele e, depois de alcançar o favor de Blasto, camarista do rei, pediam paz, porque, era do país do rei que se abastecia o país deles. Num dia designado, Herodes vestido de traje real, sentado no trono, dirigia-lhes uma fala; e o povo clamava: É a voz de um deus e não de um homem. No mesmo instante, um anjo do Senhor o feriu, por ele não haver dado glória a Deus; e comido de vermes, expirou. Cap. XII, v. v. 20 – 23.

A morte de Herodes não está no programa deste livro — "Vida e Atos dos Apóstolos". E se fizemos referência a ela é porque deveria com certeza ser um fato de monta em que a perseguição atroz movida contra os Apóstolos e discípulos, deveria diminuir ou, ao menos, mudar deforma.

É o que vamos ver.

INSTRUÇÕES DO ESPIRITO – EXCURSÃO DE PROPAGANDA

Havia na Igreja da Antióquia profetas e doutores, Barnabé, Simão que tinha por sobrenome Niger, Lucio de Cyrene, Manaen, colaço de Herodes, o tetrarea, e Saulo. Enquanto eles ministravam perante o Senhor e jejuavam, disse-lhes o Espirito Santo: Separai-me a Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado; então, depois que jejuaram, oraram e lhes impuseram as mãos e os despediram.

Eles, pois, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Seleucia e dali navegaram para Chypre e chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus; e também tinham João como ajudante. – Cap. XIII, 1 – 5.

A agremiação cristã de Antióquia, pelo que se nota, crescera de um modo notável, chegando a ter entre si muitos doutores e profetas. Pessoas gradas já não se envergonhavam mais do nome de Jesus e pleiteavam um lugar na agremiação. Vemos

por exemplo, entre os cristãos de Antióquia, o "irmão de leite" (colaço) de Herodes, rei da Judéia, e o próprio governador de Antióquia (tetrarca).

Foi numa das reuniões, as quais eram feitas com grande religiosidade, que o Espírito Guia se manifestou, ordenando a escolha de Barnabé e Paulo, para uma excursão de propaganda, que se devia realizar, sob a sua direção.

Estes Apóstolos, depois de receberem o testemunho do amor fraterno e de solidariedade de todos, que impuseram neles suas mãos, saíram, desceram a Seleucia, dali tomaram a embarcação, navegando para Chypre e foram à Salamina, onde encontraram João, naturalmente João Marcos, que os auxiliou no trabalho espiritual que aí fizeram.

Cumpre não esquecer que os Apóstolos não obedeciam cegamente às ordens de terceiro, mas ouviam sempre a deliberação da agremiação quando esta se achava sob a visível influência do Espírito.

Todas as grandes resoluções eram tomadas pelo Espírito Chefe do Grêmio.

As igrejas antigamente não eram como hoje sinônimos de casas, edifícios erguidos para cultos. Igreja, na expressão evangélica, é a reunião dos crentes, agindo cada qual com os seus dons espirituais.

O PROCONSUL SÉRGIO PAULO – ELYMAS, O FALSO PROFETA

Havendo atravessado toda a ilha até Pafos, acharam um judeu chamado Bar Jesus, mago, falso profeta, que estava com o proconsul Sérgio Paulo, varão sensato. Este tendo chamado a Barnabé e a Saulo, mostrou desejo de ouvir a palavra de Deus. Mas Elymas, o mago (porque assim se interpreta o seu nome) opunha-se-lhes, procurando desviar da fé o proconsul. Mas Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito de Deus, fixando nele os olhos, disse: ó filho do Diabo, cheio de todo o engano e toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás tu de perverter os caminhos retos do Senhor? Agora, eis a mão do Senhor sobre ti, e ficarás cego, não vendo o Sol por algum tempo. No mesmo instante caiu sobre ele uma névoa e trevas e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão. Então, o proconsul vendo o que havia acontecido, creu, maravilhando-se da doutrina do Senhor. – Cap. XIII, v. v. 6 – 12.

Os falsos profetas, desde os tempos do Cristianismo, 'Se achavam espalhados por toda a parte.

João Evangelista, em sua 1ª Ep. Cap. 4, recomendava naquele tempo: "Não creiais a todo o espírito, mas provai os espíritos, se vêm eles de Deus; porque muitos 1alsos profetas têm aparecido no mundo".

Neste capítulo dos Atos, vemos Paulo em luta com um falso profeta, que servia de barreira para que o proconsul Sérgio recebesse o Evangelho.

Em todos os tempos tem havido falsos médiuns, como há até agora entre nós. É preciso que nos acautelemos contra esses "magos" de fancaria, que torcem o sentido da doutrina e procuram locupletar-se com as coisas santas, sem se incomodarem com o prejuízo espiritual que dão a seus irmãos.

Elymas sofreu uma merecida corrigenda, um castigo que, sem dúvida, deveria concorrer para sua regeneração futura.

Saulo, cego pela descarga fluídica que recebeu na Estrada de Damasco, recebeu depois a Palavra de Jesus e as ordenações que lhe foram dadas, como novo Apóstolo do Cristianismo. O mesmo deveria ter acontecido, quiçá, com Elymas?

Não o sabemos, porque mui diferente era a natureza de Saulo da de Elymas. Aquele era um homem de caráter, sincero, leal, e se estava no erro, errava convencido de que acertava. Por isso Jesus conhecendo a sua têmpera e a sua honradez, o escolheu como vaso primoroso para levar a fé aos gentios. Elymas não; está-se vendo que era um indivíduo interesseiro, de má-fé e sem caráter.

Seja como for, a ação potente do Espírito se fez sentir e o mistificador não pode mais embaraçar o caminho da verdade.

O Evangelista diz que caiu sobre os olhos de Elymas uma névoa e trevas, querendo significar os fluídos expendidos por ação magnética que naturalmente paralisaram a visão do mago.

Este fenômeno concorreu muito para a conversão do procônsul que logo após recebeu o complemento da Doutrina que o havia de salvar.

DISCURSO DE PAULO EM ANTIÓQUIA

Tendo Paulo e seus companheiros navegado de Pafos, foram a Perga, na Panfília; João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém. Mas eles, passando de Perga, foram à Antióquia da Pisídia e, entrando na sinagoga no dia de sábado" sentaram-se. Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os chefes da sinagoga mandaram-lhes dizer: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação ao povo, dizei-a. – Cap. XIII, v. v. 13 – 15.

Após o trabalho efetuado em Pafos, Barnabé e Paulo seguiram para Perga na Panfília. João Marcos partiu parra Jerusalém. De Perga os Apóstolos se dirigiram para Antióquia da Pisídia. Foi ai que Paulo fez o seu grande discurso, com narrativas históricas colhidas no Antigo Testamento.

Os chefes da Sinagoga foram os primeiros a oferecer a palavra aos Apóstolos, para exortação ao povo.

Foi quando Paulo erguendo-se dentre eles começou o seu discurso, incerto no Cap. XIII, v. v. 17-41, que temos o grande prazer de transcrever:

"Israelitas, e vós que temeis a Deus, ouvi: O Deus deste povo de Israel escolheu nossos pais, e exaltou a este povo no tempo em que habitou a terra do Egito, donde os tirou com braço excelso, e suportou-lhes os maus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos; e havendo destruído sete nações na terra de Chanaan, deu-lhes esta terra por herança durante cerca de quarenta e cinco anos. Depois disto deu-lhes juizes até o profeta Samuel. Em seguida eles pediram rei, e Deus por quarenta anos lhes deu Saul, filho de Kis, da tribo de Benjamim; e tendo deposto a este, lhes levantou a David, como rei, ao qual também dando testemunho, disse: Achei a David, filho de Gessé, homem segundo o meu coração e ele fará todas as minhas vontades. Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel

um Salvador que é Jesus; havendo João primeiro pregado, antes da vinda d'Ele, o batismo do arrependimento a todo o povo de Israel. Quando João completava a sua carreira dizia: eu não sou o que vós supondes; mas após mim vem aquele, de cujos pés não sou digno de desatar as sandálias. Irmãos, descendência de Abraão, e os que entre vós temem a Deus, a nós foi enviada a palavra desta salvação. Pois os que habitavam em Jerusalém, e os seus magistrados, não conhecendo a Jesus nem os ensinos dos profetas que se lêem cada sábado, condenando-o, cumpriram as profecias; e se bem que não achassem causa alguma de morte, pediram a Pilatos que o fizesse morrer. Quando tiveram cumprido tudo o que d'Ele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos; e Ele foi visto muitos dias por aqueles que com eles subiram da Galiléia a Jerusalém, os quais agora são as suas testemunhas para com o povo. Nós vos anunciamos as boas novas da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nossos filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu filho; hoje te gerei. E o que ressuscitou dentre os mortos para nunca mais tornar à corrupção, Ele o disse dessa maneira: Dar-vos-ei as santas e firmes coisas prometidas a David. Pelo que também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu santo experimente a corrupção. Porque, na verdade, tendo David no seu termo servido ao conselho de Deus, adormeceu e foi reunido a seus pais e experimentou corrupção; porém, aquele que Deus ressuscitou dentre os mortos, não experimentou corrupção. Seja-vos, pois, notório, irmãos, que por Este se vos anuncia a remissão dos pecados; e de tudo aquilo de que não pudestes ser justificado pela lei de Moisés, por Este é justificado todo o que crê. Guardai-vos, pois, de que não venha sobre vós o que foi dito nos profetas:

"Vede, ó desprezadores, maravilhai e desaparecei.
Porque eu faço uma obra nos vossos dias.
Obra que, de modo algum crereis, ainda que alguém vô-la refira".

Diz-nos Lucas que o discurso de Paulo foi tão bem recebido, que todos pediram aos Apóstolos que a palavra fosse novamente repetida no sábado seguinte. Houve muitas conversões de judeus e prosélitos devotos, que seguiram a Paulo e Barnabé, que lhes persuadiram a perseverar na graça. de Deus.

PAULO E BARNABÉ SE DIRIGEM AOS GENTIOS

No sábado seguinte reuniu-se quase a cidade toda para ouvir a palavra de Deus. Mas os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava. Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Era a vós que se devia falar primeiramente a palavra de Deus; mas visto que a rejeitais e vos julgais indignos da vida eterna, eis que nos viramos agora para os gentios. Porque assim nô-lo ordenou o Senhor:

Eu te tenho posto para luz dos gentios.
A fim de que sejas para salvação até os confins da terra.

Os gentios ouvindo isto regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que estavam destinados para a vida eterna; e divulgava-se a palavra

do Senhor por toda aquela região. Mas os judeus instigaram as mulheres devotas de alta posição e os principais da cidade, e excitaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé, e expulsaram-nos do seu território. Mas havendo estes sacudido contra aqueles o pó de seus pés, foram a Icônio, e os discípulos estavam cheios de gozo e do Espirito Santo. Cap. XIII, v. v. 44 – 52.

O judaísmo se reproduz perfeitamente no Romanismo. É o mesmo espírito de ódio, de absolutismo, de privilégio, de superioridade.

Os judeus, sob a direção sacerdotal, como se depara na narração dos Atos, não suportavam a palavra apostólica e contradiziam-na sempre, mas faziam-no sem base, sem lógica, sem motivo plausível que justificasse suas condenações. E como o povo aplaudisse e concorresse às. pregações dos Apóstolos, eles instigaram, como fazem atualmente os sacerdotes romanos, as mulheres devotas de alta posição e os principais do povo, para perseguirem os discípulos de Jesus, expulsando-os do território.

Não há dúvida, que, com armas tão infames, não podiam deixar de vencer aqueles em cujo coração só palpitava a humildade, o amor e a resignação.

Os Apóstolos retiraram-se, mas não se esqueceram de por em prática a recomendação do Mestre, sacudindo contra os inimigos do Bem o pó de seus pés.

Entretanto, os gentios, cuja religião não era outra que o Paganismo inciente e idólatra, receberam de braços abertos os novos pegureiros e abriram seus corações para as irradiações da Luz Celeste que lhes devia iluminar o caminho da Vida Eterna. E os gentios se regozijavam e glorificavam a palavra do Senhor, proferida por aqueles portadores da Redenção.

Enfim, partiram os Apóstolos para Icônio, e os que ficaram e se converteram alegravam-se no Senhor permanecendo na oração e no estudo para a conquista de maiores graças.

OS DISTÚRBIOS EM ICONIO – PAULO E BARNABÉ EM ICONIO E LYSTRA

Em Icônio, Paulo e Barnabé, entraram juntos na sinagoga dos judeus, e falaram de tal modo que creu uma grande multidão de judeus como, de gregos. Mas os judeus que não creram, excitaram e exasperaram o ânimo dos gentios contra os irmãos. Entrando, demoraram-se ali bastante tempo, falando ousadamente no Senhor, que dava testemunho da palavra da sua graça, concedendo que por mãos deles se fizessem milagres e prodígios. Mas dividiu-se o povo da cidade; e uns eram pelos judeus, e outros pelos Apóstolos. E como houvesse um movimento dos gentios e dos judeus juntamente com as suas autoridades, para os ultrajar e apedrejar, eles, sabendo-o, fugiram para Lystra e Derbe, cidades da Lyacônia, e para circunvizinhança, e ali pregavam o Evangelho. – Cap. XIV, v. v. 1 – 7.

A tarefa apostólica não deslizou num mar de rosas; eles tiveram de arrostar embaraços e afrontar o espírito de sistema arraigado nas massas materializadas.

A seu turno, as autoridades, em vez de desempenhar o seu papel como distribuidoras da Justiça, vão sempre de encontro às verdades que surgem e o espírito liberal que incentiva os pegureiros do Bem.

Autoridades e padres, sempre de braços dados, representando a nobreza e o capitalismo, em todas as épocas têm sido a vergasta dos libertadores que empunhando o farol divino do progresso, se esforçam para iluminar aos homens, o grande Ideal da Perfeição.

Uma coisa interessante, entretanto, se nota: que no tempo do Cristianismo, apesar do ódio judaico, se dava aos Apóstolos permissão para falarem nas sinagogas. Os espíritos romanos e protestantes nesse ponto são mais estreitos, mais acanhados, mais sectários. Quem poderá se erguer numa dessas igrejas para expor as suas idéias? Ninguém. Entretanto, as igrejas e templos são propriedades do povo, é o povo quem as constrói, quem as mantém, quem as embelezam. Mas o padre é o seu legítimo proprietário, ele faz das "casas de oração" o que quer; permite e veda a entrada nos templos a quem lhe apraz.

Enfim, nós concluímos desta tirada, que uma grande parte do povo recebeu a crença e ficou do lado dos Apóstolos. Estes, vendo-se ameaçados, retiraram-se para Lystra e Derbe, onde foram com o fim de pregar o Evangelho.

Em Icônio os Apóstolos fizeram grandes prodígios; muitos fatos espíritas se desdobraram aos olhos do povo para lhes fortificar a crença e demonstrar que a Doutrina de Jesus não é uma coisa abstrata como pensam alguns, mas um todo concreto, composto de filosofia e moral, alicerçado por fatos psíquicos demonstrativos da Imortalidade.

PODER E HUMILDADE DOS APÓSTOLOS – A CURA DO COXO

Em Lystra estava sentado um homem aleijado dos pés, coxo desde o seu nascimento, e que nunca tinha andado. Ele ouvia falar Paulo, e este, fitando os olhos nele e vendo que tinha fé de que seria curado, disse em alta voz: Levanta-te direito sobre os teus pés. E ele saltou e andava.

A multidão, vendo, o que Paulo fizera, levantou a voz em língua Iycaônica, dizendo: Os deuses em forma humana desceram a nós, e chamavam a Barnabé, Júpiter e a Paulo, Mercúrio, porque era este quem dirigia a palavra. O sacerdote de Júpiter, que estava em frente da cidade, trouxe para as portas touros e grinaldas e queria sacrificar com a multidão. Mas os Apóstolos Barnabé e Paulo, quando ouviram isto, rasgaram os seus vestidos e saltaram para o meio da multidão clamando: Senhores, porque fazeis isto? Nós também somos homens da mesma natureza que vós e vos anunciamos o Evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o Céu, e a Terra, o Mar e tudo o que neles há; o qual nos tempos passados e permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos; e, contudo, não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do Céu chuvas e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimento e os vossos corações de alegria. Dizendo isto, com dificuldade impediram a multidão de lhes oferecer sacrifícios. – Cap. XIV, v. v. 8 – 18.

A cura do coxo de Lystra foi efetuada pelo mesmo processo que a cura do coxo do templo da porta Formosa, efetuada por Pedra.

Paulo possuía também, como Pedro, o grande dom de curar os doentes. Era, como dissemos, um dos sinais que envolviam os Apóstolos. A fé contribui muito para o sucesso dessas curas. Jesus dizia aos que lhe pediam o restabelecimento da saúde: "Se tiveres fé, tudo é possível".

Sem dúvida, esse fenômeno, como todos os demais catalogados nos Evangelhos e que o Espiritismo reproduz, produzem grande sensação.

Foi o que aconteceu em Lystra. Admirados do fato; surpreendente que acabavam de observar, não só o cura do, como todos os que presenciaram o fato, julgaram, de acordo com suas idéias primitivas, que Paulo e Barnabé eram deuses baixados à terra.

Submissos ao politeísmo, sem noção da verdadeira religião que ensina aos homens todas as coisas, estavam eles já prontos para oferecer a "esses deuses" touros e grinaldas, como era de seu costume, mas os Apóstolos, compenetrados de seus deveres e fiéis à missão que desempenhavam repudiaram imediatamente as ofertas, os holocaustos e as ovações, fazendo-lhes ver que Deus não permite essas coisas, pois, sendo Ele o dono de tudo, não compete a nós oferecer-lhe dádivas nem sacrifícios.

O sinal do aposto lado é o desinteresse e a humildade, e estes Apóstolos deviam fazê-lo realçar para que a doutrina que pregavam fosse aceita em seus princípios constitutivos, a fim de verdadeiramente poder salvar as almas.

Observe com atenção o leitor a vida dos Apóstolos, os seus atos, a sua pregação e digam com a mão na consciência, se os sacerdotes atuais imitam, por ventura, algum dos feitos desses grandes instrutores da humanidade.

Eles davam e não recebiam, eram perseguidos e não perseguiam, todas as suas palavras, todos os seus atos eram outros tantos louvores ao Deus vivo, que fez a Terra, o Céu, o Mar e tudo o que neles há. Repeliam as glórias, repudiavam os louvores, execravam o maldito ouro que tanto escraviza os sacerdotes do nosso tempo, e sofriam injustas perseguições, louvando sempre ao Senhor e dando bom testemunho que, de fato, eram cristãos.

Eles eram cheios de poder, porque eram humildes e verdadeiros, por isso o Espírito seguia seus passos provendo-os de tudo o que necessitavam.

REGRESSO DE PAULO E BARNABÉ

Sobrevieram, porém, alguns judeus de Antióquia e Icônio e, havendo ganhado o favor do povo, apedrejaram a Paulo, e arrastaram-no fora da cidade dando-o por morto. Mas quando os discípulo o rodearam, ele se levantou e entrou na cidade. No dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe. Evangelizando aquela cidade e tendo feito muitos discípulos, voltaram para Lystra, Icônio e Antióquia, confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé e dizendo que por muitas tribulações nos é necessário entrar no remo de Deus. Tendo feito eleger para eles presbíteros em cada igreja, depois de orar com jejuns, encomendaram-nos ao Senhor, em quem haviam crido. Atravessando a Psídia, foram à Panfília. e, tendo anunciado a palavra em Perga, desceram à Atalia e dali navegaram para Antióquia, de onde

haviam sido encomendados à graça de Deus para a obra que tinham cumprido. Quando ali chegaram e reuniram a igreja, contaram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira a porta da fé aos gentios. E demoraram-se muito tempo com os discípulos – Cap. XIV v. v. 19 – 28.

A excursão evangélica ordenada pelo Espírito no Cenáculo de Antióquia, estava quase concluída.

Como se depara, os Apóstolos tiveram grande gozo, muitos prosélitos foram incluídos no número dos cristãos, tanto judeus como gentios. Conversões de valor foram feitas, como a do procônsul Sérgio Paulo, a do sacerdote de Júpiter e muitos outros chefes de sinagogas que ouviram, pela primeira vez, pelos lábios de Paulo, a palavra de Salvação. Em Chypre, Salamina, Pafos, Perga, Panfília, Antióquia da Psídia, Icônio, Lystra, o sucesso foi grande. Nesta última cidade o sacerdócio de Antióquia e de Icônio, sabendo do sucesso de Lystra, enviaram apaniguados que alvoroçaram turbulentos dentre o povo e apedrejaram a Paulo, dando-o como morto o Mas, embora bem maltratado, Paulo voltou a Lystra onde recebeu dos discípulos o tratamento de que precisava, partindo no dia seguinte para Derbe. Nesta cidade ele anunciou o Evangelho fazendo muitas conversões, e, com seu companheiro Barnabé, regressaram, passando novamente por Lystra, Icônio e Antióquia da Psídia, tendo falado intemeratamente em todas essas cidades, onde exortou os discípulos a permanecerem na fé e dizendo que o reino de Deus se ganha afrontando as tribulações e lutando pela espiritual idade. Nessas cidades, eles fizeram os discípulos elegerem companheiros aptos para prosseguirem na tarefa por eles iniciada, e após as orações de costume, seguiram para Panfília, onde novamente falaram, como em Perga, desceram a Atalia e chegaram, finalmente, em Antióquia.

Reunida a agremiação de Antióquia, em assembléia os ilustres missionários expuseram o que fizeram durante aquela excursão, narraram todos os fenômenos que se verificaram por seu intermédio, e como Deus abrira as portas da fé aos gentios,

Nesta cidade descansaram de suas fadigas, para prosseguirem depois no seu trabalho de evangelistas.

INÍCIO DAS QUERELAS DOGMÁTICAS

Alguns homens, descenda da Judéia, ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o rito de Moisés, não podeis ser salvos. Tendo tido Paulo e Barnabé uma grande contenda e discussão com eles, os irmãos resolveram que Paulo e Barnabé e alguns outros dentre eles subissem aos Apóstolos e presbíteros em Jerusalém acerca desta questão. Ele, pois, sendo acompanhado até uma parte do caminho pela igreja, passavam pela Fenícia e Samaria, narrando a conversão dos gentios, e davam grande alegria a todos os irmãos. Chegados a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos Apóstolos e pelos. presbíteros, e referiam tudo o que Deus tinha feito com eles. Mas levantaram-se alguns que tinham sido da seita dos fariseus e que haviam crido, dizendo: É necessário circuncidar os gentios e mandar-lhes que observem a Lei de Moisés. – Cap. XV, v. v. 1 – 5.

O culto externo e o dogmatismo têm sido os terríveis adversários da Religião. Em todos os tempos o culto e o dogma, dois terríveis entraves do progresso têm desnaturado os princípios morais e científicos que são, na verdade, o fundamento, ou antes o escopo das revelações religiosas.

Não é o Cristianismo a primeira vítima imolada no altar da religião. Não poderia ele, portanto, passar sem esse batismo da perseguição que as águas lamacentas do culto e do dogma derramam sobre a cabeça dos inovadores.

Ainda não haviam dado, pode-se dizer, os primeiros passos para o erguimento da Doutrina do Cristo Jesus, nos corações, quando os conservadores da bagagem farisaica, alvoroçando os novos cristãos que haviam passado da gentilidade para a nova Fé, já lhes queriam impor a circuncisão, prática adotada nos primitivos tempos por Moisés, como operação preventiva de uma moléstia que grassava entre os judeus, devido ao clima em que se achavam. Eles não podiam compreender, como não o podem os conservadores do "batismo sacerdotal", que "o que se faz na carne é carne" e, portanto, corruptível e sem valor, e somente o que prevalece para o tempo é o que se faz no espírito.

Mas a circuncisão, como era uma prática tradicional, não podia, segundo o espírito de sistema, ser rejeitada, tendo os Apóstolos grandes controvérsias com os fariseus-cristãos, a tal respeito.

Felizmente o colégio apostólico repeliu com toda a energia esse enxerto que os falsos discípulos pretendiam fazer na Árvore do Cristianismo, e congregados em Jerusalém, demonstraram que os corações não se purificam nos cultos, mas pela fé sincera que Deus nos concede.

Pedro, falando no Cenáculo de Jerusalém, segundo referem os versos 6 a 11, a respeito da circuncisão, diz: "Irmãos, vós sabeis que há muito tempo Deus escolheu-me dentre vós, para que da minha boca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, apresentou testemunho a favor deles, dando-lhes o Espírito Santo, como também a nós, e não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, porque privais a Deus, pondo um jugo sobre a cerviz dos discípulos, o qual em nossos pais, nem nós podemos suportar? Mas cremos que) pela graça do Senhor Jesus seremos salvos, assim como eles".

Após a palavra de Pedro, Paulo e Barnabé, ergueram-se e narraram as peripécias que passaram na sua excursão e os prodigiosos fenômenos que Deus fizera, por meio deles, entre os gentios. (v. 12)

Terminada a exposição dos dois Apóstolos, Tiago deu seu parecer sobre a matéria em questão, terminando com as textuais palavras: "julgo que não se deve perturbar os gentios que se estão convertendo a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das viandas oferecidas aos ídolos, da dissensão, dos animais sufocados e do sangue. Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade homens que o pregam nas sinagogas, onde é lido iodos os sábados. (v. 13-21).

Esta resolução é sábia e essencialmente cristã.

Outra coisa não se poderia esperar de Tiago, que também foi discípulo de Jesus, tendo sido chamado pelo Mestre no segundo ano de sua pregação. Era filho de Alfeu e de Maria Cleofas, que era irmã de Maria, mãe de Jesus.

Depois do Pentecostes, Tiago, o menor, foi chamado para diretor do núcleo de Jerusalém.

Tiago é o autor da extraordinária Epístola Universal que traz o seu nome. Antes de terminar este capítulo, transcrevemos algo dessa "Carta Magna", que é um verdadeiro primor de Fé e Caridade.

Mas dado o parecer de Tiago na assembléia, aprovado por todos, foram escolhidos Judas, chamado Barsabás, e Silas, homens principais entre os irmãos para seguirem para a Antióquia, em companhia de Paulo e Barnabé, como portadores de uma mensagem que os Apóstolos enviavam ao núcleo daquela cidade, cujo teor é o seguinte:

"Os Apóstolos e presbíteros irmãos, aos irmãos dentre os gentios em Antióquia, na Syria e Cilícia, saúde. Visto que soubemos que alguns dentre nós, aos quais não ,demos mandamento, vos têm perturbado com palavras, subvertendo as vossas almas, pareceu-nos bem, chegados a um acordo, escolher homens e enviá-los a vós com os nossos amados irmãos Barnabé e Paulo, que têm exposto as suas vidas pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, pois, Judas e Silas, que também por palavras ,dirão as mesmas coisas. Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor maior peso além destas coisas necessárias: que vos abstenhais de coisas sacrificadas aos ídolos, de sangue, de animais sufocados e de libertinagem; e destas coisas fareis bem de vos guardar. Saúde".

A carta foi lida em reunião geral, na Antióquia e a congregação muito se regozijou o Falaram por essa ocasião, Judas e Silas, que também eram profetas, transmitindo aos irmãos palavras de fortaleza e consolação.

Judas e Silas descansaram alguns dias em Antióquia, deliberando este último ali ficar, sendo que depois acompanhou a Paulo numa outra excursão evangélica, e Barnabé seguiu depois a Jerusalém com João Marcos, ficando Judas nesta última cidade.

Pelo que se verifica nos tempos apostólicos, a circuncisão foi um "sacramento do Mosaismo" contra o qual muito lutaram os Apóstolos.

Em suas diversas Epístolas dirigidas às igrejas não cessa de bater essa prática que se ia introduzindo entre os cristãos como um estigma herdado do farisaísmo.

Escrevendo, por exemplo, aos Gálatas, cap. v. v. 6, ele diz: "Porque a circuncisão e a incircuncisão não têm virtude alguma em Cristo Jesus; mas sim a fé que obra por caridade".

O grifo é nosso, para chamar a atenção daqueles que fazem atualmente, muita questão do batismo, como faziam os judeus da circuncisão, mas esquecem da fé que obra por caridade.

Na 1ª aos Coríntios, Cap. VII, v. 19, diz: "A circuncisão nada é, e também a incircuncisão nada é, senão a guarda dos mandamentos de Deus".

Na sua exortação aos Colossenses, Cap. III, v. 5-11, ele lembra: "Mortificai os vossos membros que estão sobre a terra: a luxúria, a imundícia, a paixão, a má

concupiscência e a avareza, que é idolatria; pelas coisas vem a ira de Deus; nas quais também vós andastes noutro tempo, quando vivíeis nelas; mas agora deixai todas estas coisas: a ira, a cólera, a malícia e a calúnia, a palavra torpe da vossa boca; não mintais uns aos outros, tendo-vos despido do homem velho com os seus feitos, tendo-vos revestido do homem novo, que se renova para o pleno conhecimento segundo a imagem d'Aquele que o criou, onde não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, escravo, livre, mas Cristo é tudo e em todas as coisas".

De fato, o reino de Deus não é circuncisão, nem batismo, nem sacramento de espécie alguma, mas sim amor e sabedoria, devendo prevalecer, em vez de exterioridades que nada valem, o verdadeiro fruto do Espírito, que é: "Caridade, paz, longanimidade, bondade, fé, mansidão e temperança".

Na Epístola de Tiago, a que acima fizemos referência, se encontra a súmula da Religião que deve ser abraçada por todos. Recomendamo-la na íntegra aos estudiosos. Limitamo-nos a alguns trechos que esclarecem bem as nossas afirmações.

"De que serve, meus irmãos, se alguém disser que ; tem fé se não tiver obras? acaso pode essa fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e necessitarem de pão cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e saciai-vos e não lhes derdes o que é necessário para o corpo, que lhes aproveita? Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma. Mas alguém dirá: tu tens fé, eu tenho obras; mostra-me a tua fé sem as obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

"Crês tu que Deus é um só? Fazes bem; os demônios também o crêem e estremecem. Mas queres saber, ó homem vão, que a fé sem as suas obras é nada? Não foi pelas obras que Abraão, nosso pai, foi justificado quando f ofereceu o seu filho Isaac sobre o altar? Vês que a fé cooperou com as suas obras e que pelas suas obras a fé foi consumada, e cumpriu-se o que diz a escritura: E Abraão creu em Deus, e isto lhe foi imputado para justiça, e ele foi chamado amigo de Deus. Vedes que é pelas obras que o homem é justificado e não somente pela fé. Do mesmo modo também não foi Rahab, a meretriz, justificada pelas obras, quando recebeu os espias e os fez partir para outro caminho? Pois assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem as obras é morta". (Cap. II, v. v. 14-26).

Tratando da sabedoria ele diz:

"Quem dentre vós é sábio e instruído? Mostre pelo seu bom procedimento as suas obras em mansidão de sabedoria. Mas se tendes zelo amargo, e o espírito de contenda nos vossos corações, não vos glorieis e não mintais contra a verdade. Esta sabedoria não é sabedoria que vem de cima, mas é terrena, animal e diabólica; porque onde há zelo e espírito de contenda, ali também há confusão e toda a obra má. Mas a sabedoria que vem lá de cima é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, fácil de se conciliar, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e hipocrisia. Ora o fruto da justiça é semeado em paz para aqueles que são pacificadores". (Cap. III, 13 – 18).

Para aqueles que, cheios de dinheiro, julgam que estão na religião por concorrerem para construção das igrejas e aquisição de ídolos; aqueles que

geralmente enriquecem e não fazem uma obra boa de caridade, tendo ainda adquirido mal a sua fortuna, Tiago diz:

"Eis agora, vós ricos, chorai dando urros, por causa das desgraças que hão de vir sobre vós. As vossas riquezas estão apodreci das, as vossas vestes estão roídas pelas traças, o vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará a vossa carne, como um fogo. Entesourastes nos últimos dias. Eis que o salário que defraudastes aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e as vozes dos ceifadores têm chegado aos ouvidos do Senhor dos exércitos. Tendes vivido em delícias sobre a terra e vos tendes regalado; tendes cevado os vossos corações no dia do morticínio. Tendes condenado e matado o justo; ele não vos resiste". (Cap. v. 1 – 6). O resto da Epístola recomendamos aos leitores.

NOVA EXCURSÃO DE PAULO

Paulo, tendo escolhido Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. E passou pela Síria e Cilícia fortalecendo as igrejas. (Cap. XV, 40, 41) .

Chegou também a Derbe e a Lístra. Achava-se ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; dele davam bom testemunho os irmãos de Lístra e Icônio. Paulo quis que ele fosse em sua companhia e, tomando-o. circuncidou-o, por causa dos judeus naqueles lugares; pois, todos sabiam que seu pai era grego. Quando iam passando pelas cidades entregavam-lhes para serem observadas as decisões que haviam sido tomadas pelos Apóstolos e presbíteros em Jerusalém. Assim as igrejas eram fortifica das na fé e aumentavam em número cada dia. – Cap. XVI, 1 – 5.

Paulo nada fazia sem a inspiração do Espírito. Meigo, dócil e obediente às sugestões de Jesus, ele, de fato, se constituíra seu vaso de honra. Foi assim que deliberou a sua segunda excursão de propaganda do grande ideal da perfeição.

Em sua passagem por Derbe e Lystra, pregou contra a circuncisão, e entregou aos crentes daquela cidade a cópia da resolução tomada em Jerusalém pelos Apóstolos e presbíteros, sobre o referido assunto.

Ele devia prosseguir sua viagem e tendo encontrado um discípulo chamado Timóteo, homem muito benquisto não só em Derbe, como em Lystra, deliberou levá-lo consigo. Mas tinha de passar por uma região em que havia numerosos partidários da circuncisão, e para que não taxassem de suspeito o seu discípulo Timóteo, o Apóstolo circuncidou-o. Assim ele falaria com toda autoridade.

A autoridade é tudo para a pregação da Doutrina. Sem autoridade nada se pode fazer.

Timóteo, como se vê, nas Epístolas que Paulo dirigiu a este discípulo, se tornou uma das colunas da igreja. Foi um grande espírito que muito concorreu para a obra Cristã.

Em sua passagem por Derbe e Lystra, as pregações do Apóstolo Paulo muito agradaram aos discípulos que lá se achavam, dando-lhe fortaleza e fé.

A VISÃO EM TRÓADE

Atravessaram a região frigio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia; e tendo viajado na direção de Mísia. tentavam seguir para a Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu; e tendo passado ao lado de Mísia, desceram a Tróade. De noite apareceu a Paulo esta visão: Um homem da Macedônia achava-se em pé rogando-lhe: passa à Macedônia e ajuda-nos. Depois desta visão, procuramos logo partir para a Macedônia, concluindo que Deus nos havia chamado para aí pregarmos o Evangelho. – Cap. XVI, v. v. 6 – 10.

Os Apóstolos andavam sempre por visão. Em todos os seus atos e desde o início da sua carreira apostólica, a visão representava um papel predominante.

Na região frígio-gálata, o Espírito apareceu a Paulo e a Timóteo, impedindo-os de anunciar a palavra na Ásia, visto, certamente, nenhum proveito produzir, devido ao atraso daqueles povos, e para evitar maiores dissabores aos pegureiros da verdade. Eles se voltam em direção à Bitínia, e o Espírito de Jesus lhes aparece não permitindo também que eles seguissem para a Bitínia pelo que eles mudaram o seu itinerário seguindo por Mísia para Tróade.

Nesta cidade Paulo teve nova visão: Viu um homem da Macedônia em pé diante dele, rogando-lhe: "Passa à Macedônia e ajuda-nos".

O Apóstolo obedeceu às solicitações e seguiu com seu companheiro para a Macedônia, pois julgaram que aquela visão era uma ordem divina para que naquela cidade pregassem o Evangelho.

E tendo navegado de Tróade, diz o trecho seguinte, se dirigiram à Samotrácia, no dia seguinte à Neápolis e dali a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito e Colônia. Aí ficaram alguns dias. No primeiro sábado, eles saíram da porta da cidade, procuraram um lugar de calma, mais afastado, junto a um rio, onde encontraram um ermo silencioso para oração; aí sentaram-se e como muitas mulheres os seguissem, pois que haviam tido notícias deles, falaram anunciando o Evangelho. Por essa ocasião, uma mulher chamada Lídia, que era vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, recebeu com alegria, em seu coração a Palavra do Senhor, sendo "batizada", e ofereceu, em sua casa, hospedagem aos dois Apóstolos. Nessa cidade permaneceram por algum tempo (v. v. 8 – 15.)

E iam todos os dias em lugar mais retirado a fazer oração, pois, nesses momentos tinham sempre, ou visão, ou manifestação de Espírito.

O silêncio é tudo para o homem espiritual. O retiro, a calma, o afastamento das turbas é grande coisa para se conseguir grandes coisas. O filósofo disse: quanto mais me afasto dos homens, mais me aproximo de Deus; e o poeta acrescenta: Deus fala quando as turbas estão quietas, e as campinas em flor.

Numa dessas saídas para oração, foi-lhes ao encontro uma moça que tinha um espírito adivinhador (v. v. 16 – 18), a qual com suas adivinhações dava muito lucro aos amos. Ela seguindo a Paulo e os demais Apóstolos e crentes que lá se achavam, clamava: "Estes homens são servos do Deus Altíssimo, que vos anunciam o caminho da Salvação". Mas tanto repetia que Paulo, enfadado, virou-se para ela e disse ao espírito: "eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela: e na mesma hora saiu".

"Vendo os seus amos que se lhes havia acabado a esperança do lucro, pegaram em Paulo e Silas e arrastaram-nos para a praça à presença das autoridades e apresentando-os aos pretores, disseram: Estes judeus estão perturbando muito a nossa cidade e anunciam costumes que não nos é lícito receber nem praticar, sendo nós romanos, A multidão levantou-se a uma contra eles, e os pretores, rasgando-lhes os vestidos, mandaram açoitá-los com varas e, depois de lhes darem muitos açoites, lançaram-nos numa prisão, mandando o carcereiro que os guardasse com segurança; e ele tendo recebido tal ordem, lançou-os na prisão interior e apertou-lhes os pés no tronco".

O espírito da mercância está por toda a parte. Não é só nas igrejas que mercadejam, Existem muitos que fazem das graças do Céu mercadoria de tráfico: uns aplicam seus dons espirituais a troco de dinheiro, de bastardos interesses, e mesmo a serviço de interesses de terceiros; outros procuram indivíduos dotados de dons para com eles auferirem lucros. Enfim, antigamente como hoje, o dom da mediunidade se corrompia, e apareciam indivíduos tarifados, adivinhos, zíngaros que, conquanto afirmassem a missão dos Apóstolos em altas vozes, aplicavam a sua medi unidade para fins estranhos às demonstrações da imortalidade e às confirmações do Evangelho.

E o interessante é que os negociantes desse gênero, se exasperam de tal forma quando se vêem privados do seu tráfego, que não vacilam em abraçar as maiores infâmias, perseguindo tenazmente aqueles que reprimem sua ação nefasta.

Na vida dos Apóstolos, nós encontramos muitos desses casos, mutatis mutandis parecidos com o da moça que tinha o espírito adivinhador.

Uma coisa nós aprendemos ainda no gesto de Paulo. É o dom que Jesus deu a seus Apóstolos de ligar e desligar: "Tudo aquilo que ligardes na Terra será ligado no Céu; e tudo o que desligardes na Terra, será desligado no Céu".

Paulo, como Pedro, impunham as mãos sobre os convertidos e o Espírito ligava-se a eles, médiuns, e falavam várias línguas e produziam maravilhas; de outro lado, eles davam ordens, como aconteceu à voz de Paulo, que se retirasse o Espírito, e ele desligava, aos influxos de poderes superiores, perdendo o médium por certo tempo a mediunidade ou ficando o indivíduo impedido do exercício desta faculdade.

Não é preciso nos estendermos em considerações sobre as angústias que sofreram os dois Apóstolos, massacrados por uma turba inconsciente e perversa, como tolhidos na sua liberdade e acorrentados por autoridades que tinham obrigação de zelar da justiça. Mas não é de estranhar que acontecesse tudo isso naquele tempo, quando hoje, em pleno século XX nós vemos ordens de prisão e processos instaurados contra médiuns curadores e receitistas, pelo simples fato de curarem, quando no inverso são glorificados uns, divinizados outros pelo fato de ferirem e matarem.

O nosso mundo ainda está muito atrasado, é uma região de silvícolas, de cafres e hotentotes que só pensam no mal. Por mais que Deus envie seus mensageiros aos homens e lhes dê progresso e bem-estar material, comodidades e grandes novidades, eles aplicam todas essas inovações para o mal; materializam aquilo que deviam espiritualizar.

Mas vem chegando o tempo em que Deus fundará o seu reinado neste mundo e todos os dominadores da consciência e inimigos da liberdade serão exilados da Terra, convertida em Paraíso, onde a Árvore da Vida não mais cessará de oferecer a todos os seus frutos de Vida Eterna.

FENÔMENOS SURPREENDENTES NA PRISÃO DA MACEDÔNIA – CONVERSÃO DO CARCEREIRO – ATITUDE DOS APÓSTOLOS

Pela meia noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os presos escutavam-nos; e subitamente houve um grande terremoto, de modo que foram abalados os alicerces do cárcere; e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as correntes de todos. Tendo acordado o carcereiro, e vendo as portas da prisão abertas tirou da espada e ia suicidar-se, supondo que os presos haviam fugido. Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal porque todos estamos aqui. O carcereiro tendo pedido uma luz, saltou dentro da prisão e, tremendo, lançou-se aos pés de Paulo e Silas, e, tirando-os para fora, perguntou-lhes: Senhores, que me é necessário fazer para me salvar? Responderam eles: Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa. E anunciaram-lhe a palavra de Deus; e a todos os que estavam em sua casa. Ele, naquela mesma hora da noite, tomando-os consigo, lavou-lhes as feridas; e foi logo batizado, ele e todos os seus, e fazendo-os subir para a sua casa, deu-lhes de comer e alegrou-se muito com toda a sua casa, por haver crido em Deus. – Cap. XVI, v. v. 25 - 34.

Os fenômenos de tremores de terra, produzidos por espíritos, eram muitos comuns.

No tempo de Jesus, por ocasião da sua morte, nós vemos a produção desses fenômenos. Mateus diz, no capítulo XXII, 50-53 que: “Dando Jesus um alto brado, expirou. E o véu do santuário rasgou-se em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas, abriram-se os túmulos, e muitos corpos de santos já falecidos, foram ressuscitados; e saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos”.

No Cenáculo de Jerusalém, dia de Pentecoste, não houve tremor de terra, mas houve um fenômeno físico, que ficou registrado nos Atos: “Veio do Céu um ruído, como de um vento impetuoso que encheu toda a casa onde estavam sentados”. (Cap. II, v. 2)

No Cap. IV dos Atos, V. 31, após a oração de graças pela soltura de Pedro, diz o texto: “E tendo eles orado, tremeu o lugar onde eles estavam reunidos; e todos ficaram cheios do Espírito Santo e falavam várias línguas”.

Esse fenômeno tem se reproduzido também em algumas, embora raras, reuniões espíritas.

Por exemplo nas narrativas de “Jonatas Koons e sua Câmara Espírita”, esse fato se confirma como o leitor poderá verificar consultando a obra de Ernesto Bozzano “Remontando às Origens”.

Nós desconhecemos ainda os grandes poderes do Espírito e por isso nos tornamos cépticos diante de fatos dessa natureza, ou os alijamos para o sobrenatural e

o milagre. O homem medíocre não quer fatigar o cérebro com coisas que lhe parecem de nenhum valor.

Mas o fato descrito nos Atos é autêntico; ele se tem reproduzido por muitas vezes, e quando um fato é observado por pessoas insuspeitas por mais de uma vez, é que ele está na ordem natural das coisas, que a nossa fraca inteligência não pode explicar.

São esses fenômenos muito interessantes e produzem quase sempre a conversão dos incrédulos, porque afetam os sentidos físicos e lhes tocam o cérebro aterrorizando-os e sensibiliza-lhes o coração.

Temos a prova nos Atos: o carcereiro que era materialista, regozijou-se por haver crido em Deus perguntando logo a Paulo o que lhe era preciso fazer para se salvar. E não só fez o que o Apóstolo lhe recomendou, como também se esforçou, narrando o ocorrido à sua família, para que esta também cresse, o que aconteceu. E o carcereiro, como sua família, então novas criaturas, fizeram como o Samaritano da Parábola: lavaram as feridas que a pancadaria produziu nos Apóstolos e lhes deram de comer, aguardando a manhã, em que os lictores, [4] (segundo narram os versículos seguintes: 35 – 40) traziam ordem de soltura aos dois Apóstolos. O carcereiro narrou a estes o ocorrido; eles ordenaram a soltura imediata dos dois. "Mas Paulo disse aos lictores: Açoitaram-nos publicamente sem sermos condenados sendo nós romanos, e lançaram-nos na prisão e agora nos lançam fora secretamente? Pois não há de ser assim, mas venham eles mesmos e tirem-nos". Os lictores comunicaram isto aos pretores, e estes temeram ao saber que eram romanos e, vindo, procuraram conciliá-los; e tirando-os para fora, pediam-lhes que se retirassem da cidade. E eles, saindo da prisão, entraram na casa de Lídia e, vendo os irmãos, consolaram-nos e partiram."

O déspota é sempre covarde. Quando nada arranja pela força bruta, humilha-se, roga, pede, temendo as conseqüências de seus atos arbitrários. É assim que os pretores, ultrapassando os limites do seu poder, espancaram e prenderam dois cidadãos romanos, sem o saber, mas temendo o resultado de sua selvageria, caíram aos pés dos Apóstolos rogando-lhes que saíssem, porque senão eles responderiam pelo crime que cometeram.

Foi quando Paulo e Silas, após haverem consolado os irmãos, saíram para outras cidades.

PAULO E SILAS EM TESSALÔNICA

Tendo passado por Anfilópolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. Paulo, segundo o seu costume, ali entrou, e por três sábados discutiu com eles.. tirando argumento das Escrituras, expondo e demonstrando ser necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos, e este Jesus, que eu vos anuncio, dizia ele, é o Cristo. E alguns deles ficaram

[4] Lictores: oficiais que acompanhavam os magistrados romanos, levando na mão um molho de varas e uma machadinha para as execuções da justiça.

persuadidos e se associaram com Paulo e Silas, bem como uma grande multidão de gregos devotos e não poucas mulheres de qualidade. Porém, os judeus movidos de inveja, tomando consigo alguns homens maus dentre o vulgacho e, ajuntando a turba, amotinaram a cidade, e assaltando a. casa de Jason, procuravam-nos para os entregar ao povo. Porém.. não os achando, levaram a Jason e alguns irmãos à presença das autoridades da cidade, clamando: Estes que têm transtornado o mundo, chegaram também aqui, aos quais Jason recolheu; e todos eles vão de encontro aos decretos de Cesar, dizendo haver outro rei que é Judas. Ao ouvirem isto ficaram perturbadas, a multidão e as autoridades da cidade, e, tendo Jason e os mais prestado fiança, foram soltos. – Cap. XVII, 1 – 9.

Não há Apóstolo que cumpra a sua missão sem sofrer o batismo da perseguição que, em todos os tempos se opõe às luzes que vêm iluminar aos homens o caminho da Verdade.

Recebidos por muitos com grande satisfação, os Apóstolos Paulo e Silas, em Tessalônica experimentaram de quanto é capaz o espírito do obscuritismo. Caluniadores, falsários adúlteros que sempre se opõem ao bem e à justiça, essa horda de perseguidores da Religião, não se cansa de infelicitar os povos e paralisar o progresso moral das nações. Os obscurantistas são capazes dos maiores sacrifícios para o mal, tal como se observa nos nossos dias, mas quando se trata de um benefício que reverte não só em bem a uma pessoa, como à coletividade nenhuma ação aparece, e se mostram absolutamente alheios aos gestos nobres, às paixões elevadas que se assinalam pela caridade e pela fé, que distinguem as almas de escol.

Submissos diante dos poderosos que exploram a sua maldade, subservientes aos maiorais, sempre cheios de preconceitos, de respeitos humanos, debalde trazem o Senhor nos lábios, quando, na verdade, não o têm no coração.

Esses indivíduos não se envergonham de curvar-se aos ídolos mudos, de auxiliar e concorrer às festas do paganismo, mesmo que o boi Apis retornasse aos templos, para ser carregado em procissões; mas se acanham com as pregações apostólicas, revoltam-se contra os preceitos de amor a Deus e amor ao próximo, que o Cristo nos. legou e exemplificou. São homens porque se parecem com os homens, mas no seu coração se aninha a fera com todos os requintes de maldade e de astúcia.

Senão vejam bem os nossos leitores, como os tais judeus de Tessalônica, desnaturando as palavras dos dois Apóstolos foram acusá-los às autoridades, de faltas que não praticaram, e os ardis que conceberam para os intrigar perante o povo sem raciocínio e sempre propenso ao mal.

E o que fizeram as autoridades para o bem da justiça e manutenção da ordem? Fizeram o mesmo que costumavam fazer as autoridades doutrora, ignorantes, arbitrárias e más: não encontrando mais os Apóstolos, pois estes, cansados de sofrer injustiças, se ocultaram, prenderam aquele que lhes deu hospedagem e que naturalmente, devido ao seu progresso espiritual, acolheu com alegria, a Palavra de Jesus que eles pregavam.

Geralmente, as autoridades, e o nosso mundo, são constituídas de indivíduos que em vez de zelar da paz e do bem estar do povo, promovem os barulhos e

estabelecem a discórdia nas populações. Eles dizem representar a justiça e a Lei, mas são, em geral, os seus mais terríveis infratores.

E se assim não fosse teriam os Apóstolos sofrido humilhações como sofreram? Que males cometiam eles, que armas, carregavam, o que assaltavam? Só porque tinham uma convicção, um Ideal que lhes inflamava o coração do qual queriam tornar partícipes seus irmãos, seus semelhantes? Então, não se pode pensar? Temos que pensar pela cabeça dos outros? Somos escravos de sacerdotes, escravos de doutores, escravos de políticos, escravos de governos? — quando a própria Lei, tanto antiga, como moderna, nos permite a escolha da religião, a escolha da Sabedoria a escolha do princípio que havemos de abraçar!

Para que existiam então as sinagogas, onde era concedida palavra a todos os que, livremente, quisessem comentar as Escrituras?

É que os detentores da Lei não cumprem o seu dever, ultrapassam os limites da sua ação fazendo prevalecer o desacato, a injustiça, o dolo.

Enfim, em Tessalônica, a Palavra de Jesus, que tem .por base a Revelação, teve o seu início e a despeito das perseguições sofridas pelos dois intimoratos Apóstolos, um bom número de novos prosélitos se associaram a Paulo e a Silas, bem como uma multidão de gregos devotos.

E Jason, prestando fiança, se libertou.

OS SUCESSOS DE BERÉA

Logo pela noite os irmãos enviaram a Paulo e Silas para a Beréa, e tendo eles ali chegado foram à sinagoga dos judeus. Ora, estes eram mais nobres do que os de Tessalônica, porque receberam a palavra com toda a avidez, indagando diariamente nas Escrituras se estas coisas eram assim. De sorte que muitos deles creram, bem como não poucas mulheres gregas de boa posição, e homens. – Cap. XVII, v. v. 10 – 12.

De Tessalônica, Paulo e Silas foram para Beréa, onde os discípulos que se achavam na Tessalônica os aconselharam que seguissem.

Logo que chegaram à Beréa os dois ilustres missionários, sem temer o que poderia acontecer, entraram na Sinagoga dos judeus, onde pregaram a Doutrina de Jesus, e a supremacia deste como o Cristo enviado de Deus, para salvar o mundo. Respigando as Escrituras eles levavam a convicção naqueles que se achavam preparados para receberem a palavra, a Boa Nova da Redenção. E muitos prosélitos conseguiram, pois o povo de Beréa era muito mais adiantado que o de Tessalônica, e recebiam a palavra com o coração aberto, tanto homens como mulheres, judeus como gregos. E examinavam as Escrituras, verificando a concordância que havia entre as profecias, ensinamentos morais e a palavra dos Apóstolos.

Paulo e Silas demoraram-se uns dias em Beréa, dando explicações que lhes eram pedidas sobre pontos das Escrituras.

Tendo porém chegado de Tessalônica judeus comissionados pelos fariseus para excitar o povo contra os Apóstolos, os cristãos de Beréa preveniram-nos e os

aconselharam a que se retirassem, mas Silas e Timóteo ficaram ali; Paulo seguiu para Atenas, ordenando a estes últimos que fossem depois ter com ele.

Mas a despeito das perseguições e do pouco tempo que lhes era dado parar em cada cidade, os Apóstolos, e principalmente Paulo, faziam grande número de crentes, ao mesmo tempo que constituíam associações, estreitando-se os crentes por uma união indispensável e espírito de verdadeira solidariedade, que os fazia respeitados dos adversários,

Paulo, além de se dirigir pessoalmente às igrejas (reuniões dos fiéis), enviava, a umas e outras, cartas exortando-as a prosseguirem nos estudos e a guardarem as instruções recebidas com um bom procedimento, para que tivessem o auxílio de Jesus e a graça dos Santos Espíritos que se empenhavam em fazer prevalecer a palavra do Evangelho.

PAULO EM ATENAS – O DISCURSO NO AREÓPAGO

A chegada de Paulo em Atenas foi verdadeiro sucesso. Observando a cidade ilustre, com os seus majestosos monumentos, tais como o Areópago, o Prytâneo, o Odeon, a Academia, o Liceu, e muitos outros dos quais apenas se conserva a memória, as descrições dos antigos escritores: o Partenon, os templos de Júpiter Olímpico, de Teseu, da Vitória, a porta de Adriano, o teatro de Bachus e inúmeros deles, cujas ruínas os viajantes admiram, o Apóstolo revoltou-se dentro de si mesmo, vendo aquele centro de civilização cheio de ídolos que davam idéia de uma cidade fantástica.

O seu espírito de repulsa por essa religião aparente em que predominava uma ortodoxia severa, chegou ao auge, e ele nas ruas, nas praças, discutia com os judeus e com os que temiam a Deus, fazendo-lhes ver o modo errôneo de encarar a religião, materializando-a em seus fundamentos principais e fanatizando os crentes a ponto de desprezarem o verdadeiro Deus para se entregarem ao culto de estátuas.

A palavra do Apóstolo, como outrora a de Sócrates fazia-se ouvir de quebrada em quebrada e estava na ordem do dia em Atenas, era assunto em todas as rodas, de palpitante atualidade, mesmo porque, naquele tempo, os Atenienses e os estrangeiros que ali moravam não se ocupavam de outra coisa senão em contar ou em ouvir alguma novidade.

A fama de Paulo, em poucos dias, tornou-se tal, que filósofos epicúreus [5] e estóicos [6] contendiam com ele, sem poderem destruir a doutrina da Ressurreição dos Mortos e a Palavra de Jesus Cristo, que a todos anunciava.

Uns acolhiam suas palavras, com boa vontade, outros, menos inteligentes, diziam: “que quererá esse paroleiro?”.

Muitos lhe faziam perguntas, pediam-lhe que lhes explicasse que doutrina nova era aquela que ele pregava. Ansiosos, desejavam mesmo conhecer os fundamentos da

[5] Epicurismo: Doutrina sensualista, fundada por Epícuro.
[6] Estoicismo – Doutrina de Zenon: é um sistema filosófico que faz consistir a essência de tudo num fogo sutil que é, ao mesmo tempo, força e matéria. É uma doutrina racionalista.

excelsa filosofia, que manava como um jorro d'água dos lábios inflamados do novo Apóstolo, até que conseguiram levá-la ao Areópago, o célebre monumento de Atenas, que era a sede de reuniões de magistrados, sábios e filósofos.

Foi aí que Paulo, o Apóstolo da Luz, disse o seu grande discurso, peça oratória de verdadeira inspiração de uma forma belíssima, de um fundo admirável, que realça a mais pura espiritualidade.

O Areópago se achava repleto de assistentes, tanto de filósofos, como de crentes religiosos e judeus, quando o Emissário de Jesus, erguendo-se, disse:

"Atenienses, em tudo vos vejo muitíssimo tementes aos deuses. Pois, passando e observando os objetos do vosso culto, achei um altar, em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Aquele, pois, que vós honrais, não o conhecendo, vos anuncio.

"O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, este, sendo Senhor do Céu e da Terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem tão pouco é servido por mãos humanas, como que necessitando de alguma coisa; pois, é Ele só quem dá a todos vida, respiração, e todas as coisas.

"E de um sangue fez toda a geração de homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já d'antes ordenados e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura o pudessem apalpar e achar; ainda que não está longe de cada um de nós, porque nEle vivemos e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: porque somos também Sua geração.

"Sendo pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a Divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens.

"De sorte que Deus, dissimulando os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo com justiça por Aquele varão que destinou; dando certeza a todos ressuscitando-O dos mortos".

Paulo não pode prosseguir a sua oração. Tudo poderia ainda ser aceito em Atenas, menos a ressurreição dos mortos. É aí que está a pedra de tropeço para os: religiosos. A imortalidade da alma, a comunicação e aparição dos Espíritos, é difícil ser aceita por um povo materialista que julga tudo terminar com a morte.

A grande luta que Paulo sustentou, foi justamente quando proclamou estes princípios básicos da vida. As. perseguições que moveram ao grande Apóstolo foram justamente por ele sustentar estes princípios. É o próprio Paulo que o declara diante dos sacerdotes e de todo o Sinédrio, onde se achavam fariseus e saduceus: "por causa da esperança de uma outra vida e da ressurreição dos. mortos é que me querem condenar". (Atos XXIII, 6).

Não só pela palavra, como também em suas Epístolas, o Apóstolo fazia questão fechada da Imortalidade e. comunicação dos Espíritos. Na 1ª aos Coríntios, cap. XV ele é bem explícito, estendendo-se em considerações que atualmente o Espiritismo referenda e explica. Diz:

"Entreguei-vos primeiramente o que também recebi: que o Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que apareceu a Cefas e então aos doze; depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez; depois apareceu a Tiago, então a todos os Apóstolos; e por último de todos apareceu também a mim como a um abortivo. Pois eu sou o mínimo dos Apóstolos, que não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a igreja de Deus; mas pela graça de Deus sou o que sou".

Mais adiante ele diz:

"Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição de mortos, nem Cristo ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também é vã a vossa fé, e somos falsas testemunhas de Deus. Se os mortos não ressuscitam, nem Cristo ressuscitou, a vossa fé é vã. Se só nesta vida cremos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens.

"Mas prevalece que Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dos que dormem".

"O que farão então os que batizam pelos mortos, se realmente os mortos não ressuscitam?".

Falando do corpo dos "mortos", diz:

"Há corpo animal e corpo espiritual, e com este é que eles ressuscitam".

Esta Epístola é muito elucidativa e substanciosa. Recomendamo-la aos estudiosos.

Na 1ª aos Tessalonicenses Cap. IV, v. 13, diz:

"Não queremos que sejais ignorantes acerca dos que dormem, para que não vos entristeçais como fazem os demais que não têm esperança. Pois, se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, assim também Deus trará com Jesus os que nEle dormem".

Não será, certamente, necessário nos estendermos em maiores considerações para demonstrar que a base da crença é a imortalidade, a ressurreição, a vida eterna, tal como a pregavam os Apóstolos.

Finalmente, resumindo o discurso do Areópago, vemos nele a condenação à idolatria, ao culto das imagens, adotado hoje pela igreja de Roma, e a proclamação do Deus Vivo, único, onipotente, revelação dada a Abraão, confirmada no Decálogo a Moisés, referendada por Jesus, e proclamada aos quatro ventos, hoje, pelo Espiritismo.

E é só obedecendo esses preceitos que pode haver unidade de Espírito, pois, como diz o próprio Apóstolo: "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por todos e em todos". (Efésios, Cap. IV, v. v. 5-6).

Concluindo o capítulo vemos que o discurso do Apóstolo não deixou de produzir efeito, operando diversas conversões, entre as quais Dionízio, o areopagista, e família.

PAULO EM CORINTO

Depois disso Paulo partiu de Atenas e foi a Corinto. Achando um judeu por nome Aquila, natural do Ponto, recém-chegado da Itália, e Priscila sua mulher (por ter Cláudio decretado que todos os judeus saíssem de Roma), foi ter com eles e, por ser do mesmo ofício, com eles morava, e ali trabalhavam; pois, o oficio deles era fabricar tendas. Todos os sábados discutia ele na sinagoga e persuadia a judeus e gregos. – Cap. XVIII, v. v. 4.

Como já tivemos ocasião de ver, todos os doutores do farisaísmo eram obrigados a ter um ofício, pois, caso lhe fosse necessário para a subsistência, não lhes faltaria recurso.

O Apóstolo Paulo, desde o início de sua carreira apostólica, dedicou-se ao seu ofício, para se poder manter independente; e do que lhe sobrava ele repartia com os seus companheiros mais necessitados e os pobres.

Disto lhe veio um grande mérito e uma grande autoridade, pois dizia: "nunca fui pesado a nenhum de vós, e para a minha subsistência e a dos meus, estes braços me serviram".

A vida missionária é espinhosa, e aqueles que a exercem precisam precaver-se contra a emboscada dos interesses terrenos que têm prejudicado a muitos.

De fato, o trabalho material não é incompatível com o trabalho espiritual, como julgam os sacerdotes das religiões. Há tempo para tudo, e assim como há tempo para o trabalho espiritual, também o há para o trabalho material. Aquele mantém o espírito, mas este é indispensável para manter o corpo. O Apóstolo fazia tanta questão de que essa orientação fosse mantida entre os cristãos, que chegou a dizer: "Quem não trabalha não come".

Comer à custa alheia, vestir à custa alheia, viver à custa alheia, sob pretexto de exercício de uma missão divina, não está direito.

A independência do homem se revela também pela sua ação no trabalho. O trabalho é fonte de todo o bem estar e progresso. Pregar consolar, curar, mas dando tudo de graça, e trabalhar para manter a vida, é ótima orientação que todos devem adotar, e que Paulo nos ensinou.

O Apóstolo era muito feliz na fabricação de suas tendas de campo; utilizava-se de bom material, fazia serviço esmerado, por isso com facilidade seus produtos eram preferidos. E além dos seus afazeres, anunciava quotidianamente a Palavra de Jesus, trocando idéias com os que o procuravam.

Nos sábados, o Apóstolo não perdia as discussões na sinagoga, e tomando parte na exposição das Escrituras e suas interpretações, persuadia a judeus e a gregos.

"De modo que quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, Paulo estava ativamente ocupado com a Palavra, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo". (v. 5.)

Uma das maiores campanhas, que perdura até os tempos atuais, é justamente essa de negarem os judeus ser Jesus o Cristo.

Eles até agora esperam um Cristo (Enviado) que venha cercado de todos os poderes materiais, como César, Alexandre ou Napoleão e que funde um reinado para eles, aqui na Terra. Não podiam compreender que aquele que disse: "o meu reino não é deste mundo", seja o Cristo. Então, Paulo, como os outros Apóstolos tratavam

largamente de dissuadir os judeus de suas velhas crenças, pois, de fato, Jesus era Rei, mas não rei de uma nação ou de um povo; e o seu reinado era puramente Espiritual.

Mas eles blasfemavam e não aceitavam a palavra dos Apóstolos. Em virtude da repulsa, Paulo sacudindo as vestes, disse-lhes: "O sangue que derramastes venha sobre as vossas cabeças; eu estou limpo e desde já vou para os gentios". Refugiando-se na casa de um certo Tício Justo, que era contígua à sinagoga, evangelizou a muitos que se converteram, inclusive Crispo, chefe da sinagoga com toda sua família, bem como muitos Coríntios que viam em Cristo um homem direito.

O trabalho de Paulo estava produzindo muitos frutos, quando Jesus, o Senhor, lhe apareceu novamente, para animá-lo ainda mais e dizer-lhe: "Não temas, mais fala e não te cales; porque eu sou contigo e ninguém te porá a mão para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade". (v.v.8–10).

Paulo cumpriu fielmente as ordens do Divino Mestre, concorrendo para que as "ovelhas desgarradas de Israel, entrassem novamente no aprisco, pois, para isso viera o Senhor ao mundo, e permaneceu em Corinto um ano e seis meses, trabalhando sem cessar e ensinando a Palavra de Deus". (v. 11).

Por suas epístolas aos Coríntios vê-se que eram numerosos os crentes daquela cidade e circunvizinhanças.

PAULO NO TRIBUNAL DO PROCÔNCUL DE ACHAIA

Sendo Gálio procônsul de Achaia, levantaram-se os judeus de comum acordo contra Paulo e, levando-o ao tribunal, disseram: Este persuade os homens a adotar a Deus de um modo contrário à Lei. Estando Paulo para falar, disse Gálio aos judeus: Se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime perverso, ó judeus, de razão seria atender-vos; mas se são questões de palavras, de nomes da vossa Lei, cuidai vós, lá disso; eu não quero ser juiz destas coisas. E fê-las sair do tribunal. Todos pegaram em Sóstenes, chefe da sinagoga, e o espancavam diante do tribunal, e Gálio não se importava com nenhuma dessas coisas. – Cap. XVIII, v. v. 12 – 17.

Era chegado o momento de Paulo deixar aquela cidade e passar adiante e o aviso de perseguição apressou a sua partida.

Não havia dito o Cristo Jesus, Mestre do Apóstolo e nosso: "se vos perseguirem numa cidade, mudai-vos para outra: pois, na verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que venha o Filho do homem"? (Mateus, Cap. X, v. 23).

Felizmente, porém, não puderam lançar mão de Paulo, pois Jesus lhe havia garantido que nada lhe sucederia, e embora no Tribunal, o procônsul, homem inteligente e que não apreciava os judeus turbulentos, ordenou-lhes que se retirassem, pois, não queria ser juiz em questão de palavras, visto não ter Paulo cometido crime algum.

O infeliz Sóstenes, chefe da sinagoga, teve que suportar muitas pancadas visto ser participante das idéias de Paulo.

Quanta luta, quanto sacrifício para se divulgar uma Idéia Nova que vem fazer progredir a Humanidade!

Os Apóstolos precisavam mesmo ser heróis, mais do que heróis, estarem em contínua relação com os Espíritos Chefes da grande Revolução e serem por eles protegidos, senão não teriam cumprido a sua missão.

BREVE EXCURSÃO DE PAULO

Despedindo-se dos irmãos, Paulo navegou com Priscila e Áquila para a Síria, depois de haver mandado raspar a cabeça em Cenchrea; pois tinha voto. E chegados a Éfeso, deixou-os ali; mas ele entrando na sinagoga, discutiu com os judeus. Rogando-lhe estes que ficasse mais tempo, não anuiu, mas despediu-se dizendo: Se Deus permitir, de novo voltarei a vós; e navegou de Éfeso e, chegando a Cesaréia, depois de subir a Jerusalém e saudar a igreja, desceu a Antióquia. Havendo estado ali algum tempo, saiu, atravessando sucessivamente a região Gálata e a Frígia, fortalecendo a todos os discípulos. – Cap. XVIII, v. v. 18 – 23.

Retirando-se de Corinto, Paulo deliberou fazer uma ligeira excursão, na qual limitou muito a sua ação, pois, naturalmente, queria observar a situação dos discípulos pelas diversas regiões por onde andou. É bem possível que tivesse ele feito uma viagem de recreio para retemperar as forças, ao mesmo tempo que examinava o progresso que o Cristianismo ia fazendo.

Essas saídas são muito úteis, para se alcançar novo vigor. A mudança de ar, de panoramas, a troca de idéias que se vai fazendo durante a viagem, tudo concorre para um novo avanço no campo da propaganda. É ao mesmo tempo, uma conquista de novas energias que vem refazer as que se perderam, a fim de se receber mais influxos do Espírito para a tarefa que se empreendeu.

O trabalho espiritual de Paulo, nessa excursão, se limitou a encorajar os discípulos, fortalecer-lhes na fé para o bom cumprimento do dever.

APOLO CHEGA A ÉFESO

O capítulo XVIII dos Atos conclui com a notícia da chegada a Éfeso, de um judeu, natural da Alexandria, chamado Apoio.

Apolo era um homem eloqüente, muito versado nas Escrituras. Era instruído e fervoroso de espírito, falava e ensinava com precisão as coisas concernentes a Jesus, mas só conhecia o batismo de João.

Apolo era um homem ousado; logo após a sua chegada a Éfeso, falava na sinagoga expondo os princípios fundamentais do Cristianismo.

Mas Áquila e Priscila, que muito haviam aprendido com Paulo, vendo que ele não conhecia o batismo do Espírito Santo, levaram-no consigo para o instruírem a esse respeito, e expuseram com precisão o Caminho de Deus.

Logo depois desejando ele ir a Achaia, os irmãos animaram-no muito, pois era um bom elemento de propaganda, e deram-lhe cartas aos discípulos para que o recebessem.

Chegado em Achaia, Apolo auxiliou muito aos irmãos que, pela graça, haviam crido, pois com grande poder refutava publicamente os judeus mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo.

Apolo, pelo que se lê nas Epístolas de Paulo, era um grande e fervoroso propagandista, tendo chegado a conquistar grande número de prosélitos.

Na 1ª aos Coríntios, cap. III, vê-se a influência de Apolo, que chegou a arrebanhar partidários para si próprio.

Paulo nessa carta censura acremente aos Coríntios, fazendo-lhes ver que a Religião de Deus não está dividida. Assim diz o doutor dos gentios:

"Havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem? Pois quando um disser: Eu sou de Paulo outro porém: Eu de Apolo: não é que sois de homens? Que é Apolo, e que é Paulo? Servos por quem crestes, e isto conforme o Senhor deu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento; de modo que nem o que planta é coisa alguma. nem o que rega, mas sim Deus que dá o crescimento. Nós somos cooperadores de Deus e vós sois lavoura de Deus, edifício de Deus".

Nessa Epístola, o Apóstolo dá a entender que Apolo não tinha orientação firme, pois, isso se podia prever logo que ele começou a pregar, desconhecendo o Batismo do Espírito Santo.

Em referida Epístola, versos 10 a 15, o doutor das gentes, acrescenta:

"Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o. fundamento como sábio construtor, e outro edifica sobre ele. Porém veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi posto, que é Jesus Cristo. Contudo se alguém edifica sobre o fundamento um edifício de ouro, de prata, de pedras preciosas, de madeira, de ferro, de palha, manifesta se tornará a obra de cada um: pois o dia a demonstrará, porque ele é revelado em fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra do que a sobreedificou, esse receberá recompensa; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas o tal será salvo, todavia como através do fogo".

A única notícia sobre Apoio, é a que passamos para estas páginas. Depois da sua estada em Éfeso, Apoio seguiu para Corinto, onde naturalmente fez alguma pregação que Paulo não julgou de acordo e originou a referência na Epístola que lembramos acima.

PAULO EM ÉFESO – RECEPÇÃO DO ESPÍRITO

Já dissemos e não cansamos de repetir, para que fique bem esclarecido: "O Espírito Santo não foi dado unicamente aos Apóstolos no Cenáculo, no dia de Pentecoste". Inúmeros foram, nos primeiros tempos do Cristianismo, os crentes que receberam os Espíritos e transmitiram as suas mensagens.

É vezo da Igreja de Roma e da Protestante, quando fazemos referência sobre a "Vinda do Consolador — o Espírito da Verdade", que compõe a falange inumerável de Espíritos puros e purificados, que assumiram o Governo Espiritual do mundo e

nos transmitem seus Ensinos, é vezo desses homens dizerem que o Espírito Santo baixou só no dia de Pentecoste sobre os Apóstolos.

Pelas narrativas feitas até aqui, vemos que foram inúmeros os crentes que receberam os Espíritos. Eles nunca cessaram e nem cessarão a sua ação em todo o mundo, pois, a promessa de Joel, segundo afirma Pedra, pertence a todos: "filhos e filhas, mancebos, anciãos, servos e servas, todos os que ainda estão longe (os que naquele tempo não haviam nascido) e a todos os que Deus chamar". (Atos, Cap. II, v. v. 17-18-39).

Dentre os Apóstolos, alguns deles, como Pedra e Paulo, tinham o poder de desenvolver as mediunidades nos prosélitos, para que eles pudessem receber o Espírito.

No cap. XIX, v. v. 1-7 dos Atos, vemos a confirmação desta proposição:

"Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo atravessado as regiões mais altas, foi a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes o Espírito Santo, quando crestes? Responderam-lhe eles: Não, nem sequer ouvimos falar que o Espírito Santo é dado ou que há Espírito Santo. Que batismo, pois, recebestes? perguntou ele. Responderam eles: O batismo de João. Paulo, porém, disse: João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que havia de vir depois dele, isto é, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto foram batizados em nome do Senhor Jesus. Havendo-lhe Paulo imposto as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e falavam em diversas línguas e profetizavam. Eram todos cerca de doze homens".

Vê-se claramente que a Doutrina que os Apóstolos pregavam e pela qual viviam, era muito diferente dessas religiões que se têm imposto pela falsidade e pela violência, enganando os homens e extorquindo-lhes o seu direito de pensar, de estudar, de compreender.

A Doutrina de Jesus, que está sob a direção dos Espíritos Superiores, é absolutamente oposta a esses batismos exóticos dados aos recém-nascidos para lhes subjugar a razão e lhes proibir de receber, no futuro, a verdadeira crença.

O homem de boa vontade, que teme a Deus e quer encontrar a Verdade, não deve continuar a se deixar iludir pelos falsários que substituíram a verdadeira fé por uma fé incompreensível, esdrúxula, que não dá razão de coisa alguma e que é imposta pela força.

Os tempos chegaram, e a crise avassaladora por que passamos é um sinal característico de que essas religiões não podem permanecer. A aliança do sacerdotalismo com a política, a sua intromissão no estado de guerra, quando o preceito do decálogo é — "não matarás" — o seu apego às coisas do mundo, a sua fome sagrada de dinheiro (aura sacra fames), são os pródromos significativos do seu próximo desaparecimento, o prognóstico claro de sua morte próxima.

Onde se viu nas igrejas, tenham elas o nome que tiverem, o Espírito Santo? Onde se viu seus sacerdotes, já não dizemos imporem as mãos como fez Paulo e fazerem seus crentes receber o Espírito, mas eles próprios receberem o Espírito, falarem várias línguas, profetizarem, erguerem paralíticos e endireitarem coxos?

Onde se viu sacerdotes com ofício, por exemplo — fazendo tendas de campanha, como Paulo?

Temos visto muitos donos de fazendas, de grandes negócios e até capitalistas, com o dinheiro extorquido aos ignorantes, produtos de batizados, de casamentos, de missas, de festas e de outros negócios "religiosos" que enchem os templos de vendilhões, mas nenhum que exerça um ofício ou uma arte que lhes dê o pão à custa do suor do rosto.

Perdoem-nos os que se acharem filiados a essas igrejas, mas o nosso intuito é de esclarecer os homens que desejam aproximar-se de Deus e se arregimentar sob os auspícios de Jesus para a conquista da Vida Eterna.

Fazemos questão muito cerrada de demonstrar que o sacerdotalismo, absolutamente não representa o Apostolado, e até constitui a antítese do mesmo.

A obra do Apóstolo é uma obra santa, profícua, cheia de sabedoria e de virtudes, ao passo que a do sacerdote é uma obra destruidora, de ignorância, de vícios, antimoral que infelicita os povos e abate as nações.

PAULO NA ESCOLA DE TIRANO – OS PRODÍGIOS DA RELIGIÃO

Paulo, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, discutindo com os ouvintes e persuadindo-os" acerca do reino de Deus. Mas como alguns ficassem endurecidos e incrédulos, falando mal do Caminho diante da multidão, apartou-se deles e separou os discípulos, discutindo diariamente na escola de Tirano. Isto continuou por dois anos, de modo que todos os que habitavam na Ásia, tanto judeus como gregos, ouviram a palavra do Senhor. E Deus fazia milagres extraordinários por meio de Paulo, de sorte que eram do seu corpo levados lenços e aventais aos enfermos, e as enfermidades os deixavam, e deles saíam os espíritos malignos. – Cap. XIX, v. v. 8 – 12.

A Religião operou prodígios por meio dos Apóstolos. Paulo, sem dúvida alguma, foi para o Cristianismo nascente o maior expoente da Religião.

A Religião não é mesmo uma simples filosofia, mas uma grande ciência amparada por fatos.

Deus é a Sabedoria infinita e o Poder ilimitado; a sua Lei está estritamente ligada a essa Sabedoria e submissa a esse Poder.

Os intermediários entre a Terra e o Céu, não são aqueles que se arrogam tais títulos, mas sim os que dão testemunho do Céu, da grandeza e da Sabedoria Divina.

A estada de Paulo em Éfeso foi um sucesso inesperado.

Cheio de zelo pela Causa que havia esposado e vendo "edificadores" que entravam na sua Seara e construíam ou edificavam com materiais de terceira ordem, o Apóstolo resolveu voltar a Éfeso e erguer verdadeiros edifícios sobre os fundamentos, dos quais ele tinha sido sábio construtor.

A religião vulgar, que passa, não poderia permanecer em bases verdadeiras, tomando lugar das construções que devem abrigar milhares de almas. E Paulo não vacilou, pôs mãos à obra. Não sendo as suas palavras aceitas, durante três meses consecutivos, por incrédulos e endurecidos, ele não voltou mais à sinagoga, e passou

a falar no grande salão da Escola de Tirano, onde com toda a liberdade e poder do Espírito, por dois anos consecutivos, apregoou as novas da salvação.

Verdadeiras romarias, de todos os que habitavam a Ásia, tanto judeus como gregos, tiveram a felicidade de receber a Luz.

E a Luz iluminava de todos os modos; focos de todas as tensões fulgiam por aquela lâmpada sagrada a quem o Espírito do Nazareno acompanhava e que nós chamamos Doutor dos Gentios.

De fato, o antigo Saulo, poderoso só para o mal, tornou-se o doutor mensageiro da saúde que fortalece o corpo e da saúde que vivifica a alma. O seu poder tornou-se tão grande, as suas virtudes eram tão frementes que até a sua roupa, os seus lenços, os seus aventais, após estarem em contato com o seu corpo imaculado, curavam os enfermos, expeliam as enfermidades, expulsavam os espíritos malignos!

Aquilo que nós, entes dotados de uma alma racional, não podemos fazer; naquilo que os doutores, que freqüentaram academias, não tinham poder; as coisas inanimadas como o pano, o tecido, que pertenciam ao grande Apóstolo, esses "trapos" operavam maravilhas diante dos circunstantes que testemunhavam tão grandes coisas!

É assim mesmo. Deus escolhe as coisas fracas para confundir as fortes; e as humildes para confundir as engrandecidas pelas vaidades humanas.

Paulo é o grande capítulo da História do Cristianismo; não há homem de boa vontade que não o admire. Grande orador, divinamente inspirado, até suas Epístolas nos exaltam e elevam às celestes regiões. Alguém, referindo-se aos sermões do padre Antônio Vieira, disse: "Orador, ou Paulo ou Vieira"; parodiando, após ouvir os arroubos de eloqüência singela impregnada de inefável doçura do Humilde Filho de Deus, e dos belos discursos do Apóstolo dos gentios, afirmamos, sinceramente convictos, que de todos os oradores Evangélicos que têm pisado este solo ingrato, dois se elevam a incomensuráveis alturas: Jesus, o Cristo e Paulo, o Apóstolo.

Possam Eles nos ter em sua graça.

OS JUDEUS EXORCISTAS – OS FILHOS DE SCEVA

Alguns judeus exorcistas ambulantes tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que estavam possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. E os que faziam isto eram sete filhos de um judeu chamado Sceva, um dos principais sacerdotes. Mas o espírito maligno respondeu-lhes: Conheço a Jesus, e sei quem é Paulo; mas vós quem sois? O homem, no qual estava o espírito maligno, saltando sobre eles, apoderou-se de dois e prevaleceu contra eles, de tal modo que, nus e feridos, fugiram daquela casa. E isto tornou-se conhecido de todos os judeus e gregos, que moravam em Éfeso e veio o temor sobre todos e o nome do Senhor Jesus era engrandecido; e muito dos que haviam crido, vinham confessando e declarando os seus atos. Muitos também que tinham exercido artes mágicas ajuntaram os seus livros e queimaram-nos na presença de todos; e calculando o seu valor, acharam que montava a cinqüenta mil dracmas de prata. Assim crescia e prevalecia em poder a palavra do Senhor. – Cap. XIX, v. v. 13 – 20.

As esconjurações aos Espíritos malignos vêm de tempos imemoriais.

Vários eram os meios empregados para que se conseguisse o fim almejado. Ora aplicavam "processos mágicos", como sói acontecer ainda hoje, ora ditavam diante do obsediado orações mais ou menos esdrúxulas e ininteligíveis.

Ainda hoje a igreja romana se utiliza do crucifixo, dos rosários, da água benta e da oração para expelir os demônios (espíritos maus). No ritual existe um capítulo especial sobre os energúmenos ou possessos, que instrui o padre a esse respeito.

Mesmo no tempo de Jesus, segundo narra Lucas, havia muitos indivíduos que se entregavam a esse mister, aplicando meios que lhes pareciam eficientes e experimentando novas fórmulas que julgavam proveitosas. No cap. XI, v. v. 49 – 50, lê-se que João disse: "Mestre, vimos um homem expelir demônios em Teu nome e lho proibimos, porque não Te segue conosco", ao que Jesus lhe respondeu: "Não lho proibais, pois quem não é contra vós é por vós".

Correndo a fama em toda a Judéia que sob as ordens de Jesus, os espíritos malignos eram expelidos, diversos exorcistas começaram a se utilizar do nome do Senhor chegando mesmo a obter sucesso.

O mesmo aconteceu quando Paulo predicava. Os filhos de Sceva, que eram exorcistas ambulantes, naturalmente viviam disso, vendo as maravilhas operadas pelo doutor dos gentios, que em todos os seus discursos e atos nunca se esqueceu do nome de Jesus, deliberaram também aplicar um novo processo de cura, invocando o nome de Jesus sobre os que estavam possessos de espíritos.

Mas como não basta ter Jesus nos lábios, para que o resultado nesse como em outros casos seja satisfatório, é preciso também tê-lo no coração, os moços de Sceva saíram-se mal com a experiência. O Espírito maligno, embora reconhecendo em Jesus e em Paulo autoridade para o que quer que fosse, não reconheceu neles o poder para se utilizarem desses nomes no exercício de sua tarefa de exorcistas. E o resultado foi desautorá-los investindo contra eles fisicamente e maltratando-os.

O dom espiritual de curar, para produzir resultado satisfatório, precisa estar aliado ao desinteresse e a humildade, e estas virtudes no seu mais alto grau só podemos conquistá-las aliando-nos de coração, de entendimento, de alma, e com todas as nossas forças a Jesus Cristo.

Nesta passagem dos Atos se aprende mais, que, como disse Jesus, nada vale dizer — "Senhor, Senhor!" É preciso que de fato, estejamos aliados ao Senhor, guardando unidade de espírito pelo amor, que é o vínculo da perfeição.

DEMÉTRIO E A DIANA DOS EFÉSIOS

Julgando concluir o seu trabalho em Éfeso, Paulo estava projetando ir a Jerusalém, passando por Macedônia e Achaia. Em sua nova viagem ele tencionava chegar até Roma, e mandaria os seus auxiliares Timóteo e Erasto à Macedônia.

Nesse ínterim, houve em Éfeso um grande alvoroço "acerca do caminho", quer dizer — a respeito da religião, visto que um "homem chamado Demétrio, ourives,

que, de prata fazia santuários de Diana, [7] dava muito lucro aos artífices; e ele reunindo-os com os oficiais de obras semelhantes, disse: Senhores, sabeis que deste ofício vem é nossa riqueza, e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, dizendo não serem deuses os que são feitos por mãos de homens. E não somente há perigo de que esta nossa profissão caia em descrédito, como também que o templo da grande deusa Diana seja desconsiderado, e que venha mesmo a ser privada da sua grandeza aquela a quem toda a Ásia e o mundo adora. Ouvindo isto se encheram de ira, e clamavam: Grande é a Diana dos Efésios!" (23-29).

Esta narrativa, por si só, encerra o quanto pode a "religião do interesse" que ainda hoje movimenta toda essa mola humana.

E um caso que precisava ficar gravado na história e que estereotipa perfeitamente o "espírito religioso", não só de então, mas com muito mais razão, de hoje, em que os mercenários se encontram aos milhões, sufocando todos os influxos da fé, todas as cintilações de esperança, todos os arroubos de caridade.

O que era a "deusa Diana, a Diana dos Efésios?" Não equivaleria ela às estátuas e imagens que se ostentam hoje nos altares? O que era o templo dos Efésios? Não seria semelhante aos templos em que os sacerdotes atuais pontificam?

O caso de ontem com o Cristianismo, assim como o de hoje com o Espiritismo, mutatis mutandis, é sempre o mesmo; "corre perigo a profissão dos religiosos de cair em descrédito, bem como os templos das Dianas de serem desconsiderados".

O que tem prevalecido e está prevalecendo, não é o amor à Religião com suas prerrogativas de Paz, de Fé, de Caridade, de Fraternidade, de Amor e adoração a Deus, mas sim os templos, os altares, os ídolos, os sacerdotes e seus sacramentos.

Essa é a infelicidade do nosso planeta; é a causa das grandes calamidades, das quais a maior de todas é a guerra.

Se prevalecesse a Religião, no verdadeiro sentido da palavra, haveria essas dissensões, esses crimes, essa falta de amor, essa falta de fé que se nota em toda a parte?

Mas prossigamos na transcrição dos Atos, que vínhamos fazendo, versos 29-41:

"A cidade encheu-se de confusão e todos correram ao teatro arrebatando os macedônios, Gaio e Aristarcho, companheiros de viagem de Paulo. Querendo Paulo apresentar-se ao povo, os discípulos não lho permitiram; também alguns principais da Ásia, que eram seus amigos, mandaram rogar-lhe que não se aventurasse a ir ao teatro. Uns, pois, gritavam de um modo, outros de outro; porque a assembléia estava em confusão, e a maior parte não sabia por que causa se havia reunido. E eles tiraram Alexandre do meio da turba, e os judeus impeliram-no à frente. E Alexandre, acenando com a mão, queria apresentar uma defesa ao povo. Mas quando perceberam que ele era judeu, todos a uma voz gritaram por espaço de Quase duas horas: Grande

[7] Diana – deusa mitológica, filha de Júpiter e de Latona. Era patrona dos caçadores, e a grande deusa dos Efesios.

é a Diana dos Efésios? E o secretário, tendo apaziguado a multidão, disse: Efésios, que homem há que não saiba que a cidade de Éfeso é zeladora do templo da grande Diana, e da imagem que caiu de Júpiter. De sorte que não podendo ser isto contestado, convém que fiqueis quietos e nada façais precipitadamente. Porque estes homens, que trouxestes aqui, não são sacrílegos nem blasfema dores da nossa deusa. Se, pois, Demétrio e os artífices que estão com ele, têm alguma queixa contra alguém, os tribunais estão abertos, e há procônsules; acusem-se uns aos outros. Mas se alguma coisa requer eis, será resolvida em assembléia regular. Porque nos arriscamos a ser acusados pela sedição de hoje, não havendo motivo algum que nos permita justificar este ajuntamento. Dito, isto, despediu a assembléia."

Os comentários que poderíamos fazer já estão plenamente justificados pelo secretário, cujo bom senso não poderia, naqueles tempos, resolver a questão de melhor forma.

Corroborando O que acima dissemos, a "Grande Diana dos Efésios", tem sido e é até hoje a religião da turba que os Demétrios açulam contra todos os que não participam dos seus bastardos interesses e não se rendem às injunções sectárias que dividem a Humanidade.

Tomem nota desta lição, para ajuizarem com reta justiça o motivo pelo qual o sacerdotalismo e artífices de ídolos perseguem os pioneiros que compõem a falange que trabalha pela Espiritualização da Humanidade.

PAULO VAI DE NOVO À MACEDÔNIA E À GRECIA – O SONO DE EUTICO

Conforme havia projetado, depois de haver cessado o tumulto promovido por Demétrio, Paulo mandou chamar os discípulos, exortou-os, despediu-se deles, e partiu para a Macedônia. Atravessando as regiões da Macedônia foi à Grécia, e três meses depois, voltou novamente à Macedônia, visto os judeus terem armado uma cilada quando ele ia embarcar para a Síria. Acompanharam Paulo, Sopater de Berea, filho de Pirro, os de Tessalônica, Aristarco e Segundo, Gaio de Derbe, Timóteo, e da Ásia, Tichico e Trofino; estes foram adiante e esperavam-nos em Tróade, e Paulo com Lucas, depois dos dias dos pães ázimos navegaram para Filipos e em cinco dias foram a Tróade, onde se encontraram com os outros, demorando-se aí sete dias. (Cap. XX, v. v. 1-6).

Nessa viagem é possível que tivessem feito alguma propaganda; entretanto, nada consta dos Atos a respeito.

Dizem os versos seguintes:

"No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para partir o pão, Paulo, que havia de sair no dia seguinte, discutia com eles, e prolongou o seu discurso até meia noite. Havia muitas lâmpadas no Cenáculo onde nos achávamos reunidos. E um moço chamado Eutico, que estava sentado na janela, adormecendo profundamente enquanto Paulo prolongava mais o seu discurso, vencido pelo sono caiu do terceiro andar abaixo, e foi levado morto. Descendo, Paulo debruçou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não façais alvoroço; pois, a sua alma está nele. Então, subiu,

partiu o pão e comeu, e falou-lhes largamente até o romper do dia; e assim se retirou. E levaram o moço vivo e ficaram muito consolados". – Cap. XX, v. v. 7 – 12.

A estada de Paulo em Tróade se tornou memorável na história. Lucas não quis deixar de lembrar a quanto chegava o fervor do apóstolo. No cenáculo onde se reuniu com os discípulos, falou até meia noite, parando para fazer uma ligeira refeição, e continuando depois até o romper do dia.

Paulo tinha pouco tempo para se demorar nessa cidade e precisava aproveitá-lo e também a boa vontade daqueles que queriam melhor conhecer a Doutrina de Jesus. Embora fizesse trabalho estafante, ele não vacilaria em passar a noite em vigília para levar aos homens a luz que deveria extinguir neles a noite da alma. E assim aconteceu.

Infelizmente, dentre os que Deus envia para receber a palavra, diversos existem que, em vez de vigiar, adormecem; adormecem e caem, a ponto de se julgá-los mortos.

Foi o que sucedeu ao moço Eutico. Sentado ao batente da janela, em vez de ficar alerta, ouvir e se esforçar para estar de atenção viva, a fim de ser esclarecido pela palavra, no caminho da Vida, adormeceu, adormeceu e caiu, sendo preciso depois o auxílio de seus companheiros para ser transportado para a sua casa.

Mas, o interessante é que o Apóstolo não perdeu a fleugma — examinou o paciente: "sua alma está nele". Não se incomodou mais por que precisava transmitir aos circunstantes o ensino recebido; e o fez com alegria, como o bom servo que faz a vontade de seu Senhor.

A VIAGEM DE PAULO A MILETO

Nós, porém, indo adiante a tomar a embarcação, navegamos para Assôs, com intuito de ali receber a Paulo; pois, assim tinha disposto., tencionando ele mesmo ir por terra. Quando nos alcançou em Assôs, recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene; e navegando dali, chegamos no dia seguinte em frente a Chio, no outro tocamos em Samos, e um dia depois viemos a Milite, porque Paulo havia determinado não tocar em Éfeso, para não se demorar na Ásia; pois. apressava-se para estar em Jerusalém no dia de Pentecostes, se possível lhe fosse. De Mileto mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja. – Cap. XX, v. v. 13 – 17.

Tendo deliberado estar em Jerusalém no dia de Pentecostes, Paulo pôs-se a caminho passando por várias cidades, onde diria algo aos discípulos. Os seus discípulos foram também, mas em vez de empreenderem a viagem por terra, alguns seguiram por mar até Assôs, onde Paulo tomou a embarcação em que iam alguns deles, como Lucas e outros.

Ele não tinha tempo para pregar nas cidades em que passava visto se aproximar a festa de Pentecostes e ter necessidade nesse dia de estar em Jerusalém. Mas em Mileto, parou um pouco e reuniu os presbíteros, os discípulos encarregados de dirigir as associações cristãs.

Reunidos todos os de Mileto e de Éfeso, que contava grande número de cristãos, resolveu fazer-lhes uma exortação, que foi transcrita em ata especial para ser rememorada e que Lucas incluiu nos Atos.

É uma peça substanciosa e emocionante ao mesmo tempo. Nesse escrito Paulo resume a sua vida evangélica, e previne-o contra as ciladas dos mistificadores e mercenários, que já naqueles tempos tentavam perverter os chamados do Senhor: Vamos transcrevê-la:

"Vós sabeis como me tenho portado convosco sempre, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, servindo ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas e com provações que me sobrevieram pelas ciladas dos judeus; como não me esquivei de vos anunciar coisa alguma que era proveitosa e de vô-la ensinar publicamente, e de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus.

"Agora eis que, constrangido no meu espírito, vou a Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo me testifica de cidade em cidade que me esperam cadeias e tribulações. Porém não tenho a minha vida como coisa. preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus. E agora eu sei que todos vós, por entre os quais passei proclamando o reino, não vereis mais a minha face. Portanto, vos protesto hoje que estou limpo do sangue de todos; pois não me esquivei de anunciar todo o conselho de Deus. Atendei por vós, e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, a qual ele adquiriu com seu próprio sangue.

"Eu sei que depois da minha partida virão a vós lobos vorazes que não pouparão o rebanho, e que dentre vós mesmos surgirão homens, falando coisas perversas para atrair os discípulos após si.

"Portanto, vigiais, lembrando-vos que por três anos não cessei dia e noite de admoestar a cada um de vós com lágrimas. E agora vos encomendo a Deus e à palavra da sua graça Aquele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.

"De ninguém cobicei prata nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos proveram as minhas necessidades e as dos que estavam comigo. Em tudo vos dei o exemplo de que, assim trabalhando, é necessário socorrer os fracos e vos lembrar das palavras do Senhor Jesus, porquanto Ele mesmo disse: Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber.

"Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se orou com todos eles. E houve um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, beijavam-no, entristecendo-se, sobretudo, por haver ele dito que não veriam mais a sua face. E eles o acompanharam até o navio. – Cap. XX, v. v. 18 - 38.

Todo o comentário que fizéssemos desta cena tocante não teria o colorido preciso para deixar ver a humildade, o desapego que ela encerra, e o espírito do dever que ressalta como uma luz cintilante neste magnífico quadro que retrata o puro Cristianismo do Nazareno.

É de notar que Paulo, apresentando-se como o exemplo vivo da Fé e do Amor cristãos, fazia muita questão de salientar a seus discípulos a sua vida, absolutamente livre das injunções do ouro.

Nessa bela exposição, que ele fez aos presbíteros de Éfeso e de Mileto, não esqueceu de dizer que o seu ministério esteve sempre isento das influências monetárias, que tanto prejudicam a Palavra de Deus: "Estas mãos proveram as minhas necessidades e as dos que estavam comigo. Em tudo vos dei o exemplo de que, trabalhando, é necessário socorrer os fracos e vos lembrar das palavras do Senhor Jesus, porquanto Ele mesmo disse — Coisa mais bem-aventurada é dar do que receber".

Em suas Epístolas não cessava de aconselhar a todos o desapego. Na II, Tessalonicenses, III, 7-12, diz:

"Pois vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos, .porque não andamos desordenadamente entre vós, nem comemos de graça o pão de homem algum, antes em trabalho e fadiga, trabalhando de noite e de dia, para não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos o direito, mas para vos oferecer em nós um modelo que imitásseis. Pois, ainda quando estávamos convosco, isto vos mandamos, que, se alguém não quer trabalhar não coma. Porquanto temos ouvido que alguns andam desordenadamente, que nada fazem, antes se intrometem nos negócios alheios; a estes tais porém, ordenamos e rogamos no Senhor Jesus Cristo que, trabalhando sossegadamente, comam o seu pão".

PAULO E SEUS COMPANHEIROS EM TIRO E CESARÉIA – QUATRO PROFETISAS, FILHAS DE FILIPE

Depois de nos apartarmos deles, fizemo-nos à vela e, indo em direitura, chegamos a Cós, no dia seguinte a Rodes e dali a Patara; e tendo encontrado um navio que passava para a Fenícia, embarcando nele seguimos viagem. Tendo avistado a Chipre, deixando-a à esquerda, navegamos para a gíria, e desembarcamos em Tiro; pois aí se devia descarregar o navio. E tendo achado os discípulos, permanecemos aí sete dias; e eles pelo Espírito diziam a Paulo que não entrasse em Jerusalém. Quando findaram estes dias, partimos e seguimos a nossa viagem, acompanhados por todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade; e ajoelhados na praia, oramos e, despedindo-nos uns dos outros, embarcamos, e eles voltaram para suas casas.

Concluída a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida; depois de saudarmos os irmãos, passamos um dia com eles. Partindo no dia seguinte, fomos à Cesaréia; e entrando na casa de Felipe o Evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. Este tinha quatro filhas que profetizavam. – Cap. XXI, v. v. 1 - 9.

Em cada lugar que chegava, Paulo recebia, por outros médiuns locais, mensagens dos Espíritos sobre os acontecimentos de Jerusalém, e alguns aconselhavam-no a não ir àquela cidade. Pararam os apóstolos em Tiro sete dias e os discípulos dessa cidade avisaram ao Apóstolo para não entrar em Jerusalém. Em Ptolemaida pararam unicamente um dia, que passaram com os companheiros daquela região, seguindo no dia seguinte para Cesaréia, a terra de Filipe.

A despedida de Tiro foi tocante o Que belo quadro daria executado por hábil pintor: todos ajoelhados na praia, as ondas a beijarem as areias prateadas, sob a cúpula de um céu de anil, eternizando aquela emotiva despedida numa prece sincera ao Deus de Amor, todos eles aureolados com as bênçãos do Bom e Humilde Nazareno!

Os apóstolos em Cesaréia hospedaram-se em casa de outro grande apóstolo, que era Filipe, o célebre Filipe que converteu o eunuco de Candace e a quem o Espírito arrebatou da estrada de Jerusalém a Azoto Era o chefe dos cristãos de Cesaréia que muito lhe deviam pelos grandes serviços que havia prestado a essa cidade; e ainda mais pelo sagrado apostolado exercido com a máxima boa vontade e renúncia.

Dizem os Atos, nos seguintes versos, que nos fornecem o título para este comentário, que Filipe tinha quatro filhas profetisas (médiuns) o Com certeza magníficos colóquios com o Céu teve Paulo por intermédio dessas moças.

"E como se demorassem ali muitos dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo e vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo, ligou com ela seus próprios pés e mãos e disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim os judeus em Jerusalém ligarão o homem a quem pertence esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios" (v. v. 9 – 11) .

Quando os apóstolos ouviram isso, creram logo que a mensagem premonitória realizar-se-ia, e insistiram com Paulo para que não subisse a Jerusalém o Mas Paulo, cheio de coragem, de fé e de resignação respondeu: "Que fazeis chorando e magoando o meu coração? pois eu estou pronto, não só para ser ligado, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus".

Não podendo os discípulos persuadi-lo, desistiram e disseram: "que se faça a vontade do Senhor".

"Então, fizeram os preparativos e foram a Jerusalém; alguns discípulos de Cesaréia acompanharam-nos e também levaram um certo Mnason, de Chipre, antigo discípulo com quem eles deveriam se hospedar v. v. 12-16).

Paulo é, verdadeiramente, o intimorato Apóstolo do Cristianismo. As suas resoluções, quando se tratava de :lar testemunho de Jesus Cristo, eram inabaláveis.

E como não ser assim se ele estava absolutamente convencido da imortalidade, da vida eterna, e cientificamente certo da Verdade que pregava e havia recebido do Senhor Jesus, em Espírito!

No cap. XV, 1ª aos Coríntios, 32-33, ele diz: "Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita, se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos que amanhã morreremos. Não vos enganeis, as más conversações corrompem os bons costumes."

E firme no seu propósito, acontecesse o que acontecesse, o apóstolo seguiu para Jerusalém, acompanhado dos seus discípulos.

As profecias, como já se tem visto e se verá, representam papel saliente na vida de Paulo.

A CHEGADA DE PAULO A JERUSALÉM

Tendo nós chegado à Jerusalém, os irmãos nos receberam alegremente. No dia seguinte Paulo foi em nossa companhia ter com Tiago, e estavam presentes todos os presbíteros, Paulo, tendo-os saudado, contou uma por uma as coisas que Deus fizera entre os gentios pelo seu ministério. Eles, depois de o ouvir glorificaram a Deus, e disseram-lhe: Bem vês, irmão, quantos milhares há que têm crido entre os judeus, e todos são zelozos da Lei; e têm sido informados a teu respeito de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apostarem em Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem seus filhos nem andem segundo os nossos ritos. Que se há de fazer, pois? certamente saberão que tu és chegado. Faze, pois, isto que te vamos. dizer: Temos quatro homens que fizeram votos; toma-os, purifica-te com eles e faze a despesa necessária para raparem a cabeça; e saberão todos que não é verdade aquilo de que têm sido informados a teu respeito, mas que andas também retamente, guardando a Lei. Mas quanto aos gentios que têm crido, já escrevemos, ordenando que se abstenham do que é sacrificado aos ídolos, de sangue, de animais sufocados e da lascívia. Então Paulo tomando aqueles homens, no dia seguinte purificou-se com eles e entrou no templo, notificando o cumprimento dos dias da purificação, em que cada um deles deveria trazer a oferenda. – Cap. XXI, v. v. 17 – 26.

Os Apóstolos, pelo que se nota da descrição nos Atos, sofriam as maiores humilhações do sacerdotalismo hebreu unido ao governo daquela época.

Não podiam entrar no templo de Jerusalém, sem se purificarem e ainda levarem alguns companheiros que haviam passado pelo processo da tal “purificação” segundo o rito judáico.

E eles tinham precisão de ir ao templo, pois, nessas ocasiões de festas era justamente o momento propício de ,pregarem a Doutrina!

Paulo teve de ceder às injunções dos demais Apóstolos domiciliados em Jerusalém, embora contra a vontade. Mas também não cessava de pregar a purificação do Espírito, que era justamente do que precisavam todos para se aproximarem de Deus.

Paulo sabia que tinha de passar por grandes sofrimentos em Jerusalém, mas não se acovardou; ele queria que a sua estada nessa grande cidade que apedrejava os crentes e matava os profetas que lhe eram enviados, ouvisse em todos os recantos o eco de suas palavras, a verdade que salva e nos conduz, como sublime e veloz ascensor aos pés de Jesus, o autor e consumador da Fé.

De fato, como se vai ver, a estada de Paulo em Jerusalém, embora causasse dores e agonias para o escolhido de Jesus, foi fértil em sucessos; tão grandes foram que depois Jesus lhe apareceu ordenando-lhe seguisse para Roma, onde também teria muito que sofrer, mas ao lado .desses espinhos que brotariam das sementes que levava, floresceriam rosas que serviriam de remédio para abrir os olhos aos cegos que caminhavam na estrada da vida.

PAULO ARRASTADO DO TEMPLO E PRESO

Quando os sete dias estavam findando, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e agarraram-no gritando: Israelitas, acudi;

este é o homem que por toda a parte prega a todos contra o Povo, contra a Lei e contra este lugar; e além disso, introduziu gregos no templo, e tem profanado este lugar santo. Porque antes tinham visto com ele na cidade Trofino de Éfeso, e julgavam que Paulo o introduzira no templo. Alvoroçou-se toda a cidade e houve ajuntamento de povo; e agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo; e imediatamente foram fechadas as portas. E procurando eles matá-lo, o tribuno da corte foi avisado de que toda Jerusalém estava amotinada; e este, levando logo soldados e centuriões consigo, correu a eles; os quais, tendo visto aos tribunos e aos soldados, cessaram de espancar a Paulo. Então, chegando-se o tribuno, prendeu-o e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias, e perguntou-lhe quem era e o que tinha feito. E na multidão uns gritavam de um modo, outros de outro; e não podendo por causa do tumulto saber a verdade, mandou que Paulo fosse recolhido à cidadela. Ao chegar às escadas, foi ele carregado pelos soldados por causa da violência do povo; pois, a multidão o seguia, gritando: Mata-o. Quando Paulo estava para ser recolhido à cidadela perguntou ao tribuno: É-me permitido dizer-te alguma coisa? Respondeu ele: Sabes grego? Porventura não és tu o egípcio que há tempos sublevou e conduziu ao deserto os quatro mil sicários? Paulo, porém, replicou: Eu sou judeu, cidadão de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia; e rogo-te que me permitas falar ao povo. Tendo-lhe permitido, Paulo, em pé, na escada, fez sinal ao povo com a mão e feito um grande silêncio falou em língua hebraica". – Cap. XXI, v. v. 27 – 40.

Os turbulentos e amotinadores quando não podem saciar seus instintos perversos numa cidade, embora caminhem léguas passam-se para outra.

Um grupo de turbulentos e sicários, naturalmente sugestionados pelo sacerdotalismo, saiu da Ásia, ao encontro de Paulo, para satisfazer seu desejo de maldade. Era a festa comemorativa do Pentecostes; melhor ocasião não podiam achar os "judeus devotos" para alevantarem o povo com intrigas e astúcias nefastas contra o grande Apóstolo que tinha por pecado, pregar a ressurreição dos mortos e a palavra de Jesus Cristo.

O plano foi bem concebido e deu magnífico resultado, mas os discípulos já conheciam antecipadamente a agressão projetada. O próprio Paulo fora avisado que o atariam, como anunciou o profeta Ágabo. Mas não se incomodou. Era preciso que assim acontecesse para que Jesus fosse glorificado e seu nome e sua doutrina repercutissem em Jerusalém.

As grandes idéias só se difundem e se erguem ao influxo das perseguições e após receberem os idealistas o batismo de sangue. Mas a perseguição passa e os perseguidores de hoje serão os perseguidos de amanhã e as idéias nobres triunfarão sempre como têm triunfado para fazerem progredir a Humanidade.

A ORAÇÃO DE PAULO E SUA DEFESA

Vemos no fim do cap. anterior que foi concedida a palavra a Paulo. Em pé na escada, o Apóstolo fez sinal com a mão ao povo para que se mantivesse em silêncio. Eis a sua oração, inserta no cap. XXII, 1-21.

“Irmãos e pais, ouvi a minha defesa. Eu sou judeu nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e instruí-me aos pés de Gamaliel conforme o rigor da Lei de nossos pais, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje; e persegui este Caminho até a morte, acorrentando e entregando à prisão, não só homens mas também mulheres, como são testemunhas o sumo sacerdote e todo o conselho dos anciãos, dos quais recebi cartas para os irmãos e segui para Damasco com o fim de trazer algemados a Jerusalém os que também ali se achassem, para que fossem punidos.

“Quando eu ia no caminho e me aproximava de Damasco, quase ao meio dia me rodeou uma grande luz do Céu.

“E caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, porque me persegues?

“E eu respondi: Quem és Senhor? E disse-me: Eu sou Jesus Nazareno a quem tu persegues.

“E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo.

Então, disse eu: Senhor, que farei? E o Senhor disse-me: Levanta-te e vai a Damasco, e ali se dirá tudo o que te é ordenado fazer. E como eu não via por causa do esplendor daquela luz, fui levado pela mão dos que estavam comigo e cheguei a Damasco.

“E um certo Ananias, varão pio conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que ali moravam, vindo ter comigo, e apresentando-se disse-me: Saulo, irmão, recobra a vista. E naquela mesma hora o vi. E ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te ordenou para que conheças a sua vontade e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca. Porque hás de ser testemunha para com todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido. E agora porque te detens? Levanta-te, e batiza-te e lava os teus pecados invocando o nome do Senhor.

“E aconteceu que tornado eu a Jerusalém e orando no templo, fui arrebatado fora de mim. E vi o que me dizia: dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém porque não receberão o teu testemunho acerca de mim. E eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. E quando o sangue de Estevam, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte guardava os vestidos dos que o matavam.

“E disse-me: Vai porque hei de enviar-te aos gentios de longe”.

A defesa de Paulo não produziu efeito naquela gente amotinada por paixões subalternas.

O espírito turbulento não quer o bem e a justiça; a razão para ele nada vale, a humildade é covardia, a luz ofusca e o amor não palpita no seu coração. Está sempre pronto a libertar Barrabás e a crucificar o Cristo.

Condena Galileu e Copérnico, dá cicuta a Sócrates, queima Bruno e Savanarola, mas se curva genuflexo pelas praças e esquinas ante a imagem de Júpiter, de Netuno, acende velas aos ídolos de todos os “santos”, queima incenso nos altares dos sacrifícios. É capaz de matar o justo e de sacrificar-se pelo celerado.

Por isso as razões de Paulo não foram ouvidas pelo povo devoto de Jerusalém. Quando ele disse que havia recebido ordens de Jesus para sair de Jerusalém e acrescentou que o Senhor lhe havia dito que o enviaria aos gentios, vozes de todos os lados se fizeram ouvir: "Tira este homem do mundo, pois não convém que ele viva!" E, alucinados, arrojavam de si suas capas e lançando pó para o ar, fizeram com que o tribuno mandasse recolher Paulo à cidadela, e fosse interrogado debaixo de açoites, a fim de verificar o motivo daquele clamor". Diz o trecho que: Depois de estendido para receber os açoites, perguntou Paulo ao centurião que estava presente: É permitido açoitardes um romano e que não foi condenado? O centurião tendo ouvido isto foi ter com o tribuno e disse-lhe: Que vais fazer? pois esse homem é romano. Vindo o tribuno perguntou a Paulo: Dize-me, és tu romano? Respondeu ele: sou. O tribuno disse: eu adquiri esse título de cidadão por grande soma de dinheiro. Paulo declarou então: Pois eu sou de nascimento. Aqueles, pois, que o iam interrogar, apartaram-se logo dele; o tribuno também ficou receoso, quando soube que Paulo era romano e porque o mandara acorrentar. No dia seguinte, querendo saber com certeza a causa por que ele era acusado pelos judeus, soltou-o e ordenou que se reunissem os principais sacerdotes e todo o Sinédrio e mandando trazer Paulo, apresentou-o diante deles". (v. v. 22 – 30) .

PAULO PERANTE O SINÉDRIO

O nome de Jesus, sua doutrina de imortalidade e amor, não podia deixar de ser anunciada aos grandes nos Tribunais.

Os pequenos ouviam-na em toda a parte: nas praças, nas ruas, nas sinagogas; os grandes, que a condenavam sem conhecê-la precisavam, também, ouvi-la, e nos mesmos tribunais onde ela e seus Apóstolos eram condenados, ela também aparecia com seus revérberos e cintilações que eram a frisante condenação do farisaísmo sacerdotal e da plutocracia dominante, cuja alma e coração imersos em tesouros mal adquiridos, nada queriam das coisas do Céu. E para que entrasse nos palácios e nos tribunais fazia-se mister que seus Apóstolos fossem arrastados a essas casas de poder e de justiça e sofressem os maiores vilipêndios.

Deus a ninguém deixa desamparado, nem àquele, que julgam nada precisar d'Ele, os quais são sempre os mais miseráveis de todos os homens.

Paulo subiu ao Sinédrio, para que, com o concurso da Palavra Divina, fosse extraída a peçonha daquelas víboras pontificantes e um dia, também eles se tornassem dignos da entrada no Reino dos Céus.

A reunião revestiu-se de toda a solenidade. Recostados em cômodas poltronas, os principais dos sacerdotes e os membros do supremo conselho que dirigiam os negócios do Estado, deram a palavra a Paulo para expor os motivos da sua prisão.

"Paulo fixando os olhos no Sinédrio, disse: Irmãos, eu me tenho portado diante de Deus com toda a boa consciência até o dia de hoje". (Atos XXIII, 1).

"Ananias, que era o sumo sacerdote daquele ano, mandou aos que estavam ao lado de Paulo que lhe dessem na boca.

"Então, Paulo lhe disse: Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui sentado para me julgar segundo a Lei, e contra a Lei mandas que eu seja ferido?

"Os que estavam ali perguntaram: injurias tu o sumo sacerdote de Deus?

"Paulo respondeu: Eu não sabia, irmãos, que ele era sumo sacerdote; porque escrito está: não falarás mal do chefe do teu povo".

O Apóstolo ficou logo compreendendo que lhe iam privar da liberdade de falar e de fazer a sua exposição; deliberou atacar o ponto principal da sua ida ao tribunal. E sabendo que uma parte dos que ali se achavam pertencia aos saduceus e a outra aos fariseus, clamou no Sinédrio; Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus; por causa da esperança na outra vida e da ressurreição dos mortos, é que eu estou sendo julgado".

Essa lembrança do Apóstolo foi uma bomba que caiu no Sinédrio: houve logo grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu.

Para os fariseus havia anjos e espíritos e, portanto ressurreição.

Mas os saduceus negavam tanto uma como outra coisa.

Houve, então, grande clamor e alguns escribas dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: "Não achamos neste homem mal algum, e quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo?"

"E tornando-se grande a dissensão, o tribuno temendo que Paulo fosse despedaçado pelo povo, mandou que os soldados descessem e levassem a Paulo para a cidadela (castelo forte que defende a cidade, espécie de fortaleza)".

Paulo fazia tudo, sofria tudo e tudo operava nele por amor a Jesus e à sua Palavra o Homem extraordinário, valente, dedicado, sincero, ele narrava como sendo uma grande honra para si o haver padecido por exercer a alta missão que lhe fora confiada pelo Nazareno.

Ele não ocultava suas humilhações, não escondia suas feridas, que julgava outras tantas coroas e condecorações com que deveria celebrar a vitória contra os seus inimigos tigrinos.

Lembrando aqueles que se gloriavam pessoalmente por haverem feito alguma coisa pela pregação do Evangelho, e a outros que oprimiam a liberdade, ele escreve aos Coríntios, II Epist. Cap. 11, v. 22 e seguintes: Naquilo em que alguém se faz ousado, com insensatez falo, também sou ousado. São hebreus? Também eu. São israelitas? também eu o São descendentes de Abraão? também eu o São ministros de Cristo? falo como fora de mim, ou ainda mais; em trabalhos muito mais, muito mais em prisões, em açoites sem medida, em mortes muitas vezes. Dos Judeus, muitas vezes recebi quarenta açoites menos um, três vezes fui açoitado com varas, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, um dia e uma noite passei no abismo; e muitas vezes estive em jornadas, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos da minha raça, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos na solidão, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalho e fadiga, em vigílias muitas vezes, com fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez; além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, o cuidado de todas as igrejas. Quem enfraquece que eu não enfraqueça? Quem é levado a tropeçar que eu não abraze? Se é necessário gloriar-me, gloriar-me-ei das coisas da minha fraqueza. O Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito para sempre, sabe que não

minto. Em Damasco o tetrarca do rei Aretas guardava a cidade dos damascenos, para me prender; e num cesto me desceram por uma janela da muralha abaixo, assim escapei das suas mãos".

No cap. XII ele narra as suas visões e diz:

"É necessário que me glorie, ainda que não convém, mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há quatorze anos (se no corpo não sei; se fora do corpo não sei, Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro Céu. E conheço o tal homem (se no corpo ou separado do corpo, não sei; Deus o sabe) que foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras indizíveis, as quais não é lícito ao homem referir. De tal me gloriarei; de mim, porém, não me gloriarei senão nas minhas fraquezas. Pois se desejar gloriar-me não serei insensato, porque falarei a verdade; mas abstenho-me para que ninguém julgue de mim fora do que se vê em mim ou do que ouve em mim, e por causa da extraordinária grandeza das revelações. Porquanto, para que eu não me engrandecesse demais, foi-me dado um espinho na carne, mensageiro de Satanaz para me esbofetear, a fim de eu não me engrandecer demais. Acerca disto, três vezes implorei ao Senhor que o Espinho se apartasse de mim. Mas ele disse-me: a minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Portanto, de boa vontade, antes me gloriarei nas minhas fraquezas para que a força de Cristo repouse sobre mim. Pelo que folgo em fraquezas, em afrontas, em necessidades, em perseguições, em angústias por amor do Cristo; pois quando estou fraco, então estou forte".

A vida de Paulo é uma epopéia de luz, não pelo sofrimento em si, mas pela difusão do Ideal Cristão no meio de grandes tribulações.

Enfim, como se depara na passagem dos Atos acima referida, Paulo contou mais uma vitória entre os seus perseguidores, e como recompensa a tão grandes feitos, Espírito de Jesus lhe apareceu felicitando-o e incumbindo-lhe de uma nova empresa, conforme veremos no próximo capítulo.

O SENHOR APARECE A PAULO

Na noite seguinte o Senhor, pondo-se ao lado dele disse: Tem bom ânimo, pois assim como deste testemunho de Mim em Jerusalém, assim importa também que os dês em Roma. – Cap. XXIII, v. 11.

Jesus Cristo estava em íntima relação com Paulo. Poderoso médium de todos os efeitos, o Apóstolo dos Gentios recebia diretamente as ordens de Jesus a quem via e ouvia.

Nos momentos difíceis o Mestre não abandonava o discípulo querido a quem tinha constituído "vaso de honra" para levar aos gentios as flores perfumadas do Cristianismo, árvore bendita que Ele havia plantado para sarar as nações e alimentar os povos que se abrigassem à sua sombra.

"Tende bom ânimo, disse Ele ao Apóstolo; já deste de Mim bom testemunho, assim importa que também o dês em Roma".

Esta frase não representa só uma mensagem auditiva vulgar, mas um aviso, uma previsão da partida de Paulo para Roma, ordem que, longe de sair do Sinédrio, vinha das alturas, dos conselhos divinos.

O grande embaixador do Céu, que já havia escalado o seu terceiro plano, e ouvira no Paraíso palavras indizíveis, de glória à Verdade, tinha que partir para levar também aos tribunais romanos a palavra de ordem recebida de Jesus.

E ele como nenhum outro soube levar até o fim a empresa que lhe havia sido concedida, nunca retendo a Palavra de Deus, nem a prendendo entre os seus lábios, assim como, em todos os seus discursos, glorificando o nome de Jesus Cristo.

No correr dos estudos que estamos fazendo, vemos bem saliente o esforço divino para que os homens se salvem e as ovelhas que desgarraram do aprisco voltem, para bem guardadas e pastoreadas, encontrarem a liberdade de que ficaram privadas sob o domínio dos mercenários e vendilhões.

A CILADA DOS JUDEUS – DENÚNCIA DO SOBRINHO DE PAULO

No Capítulo XXIII, v. v. 12 a 35, diz que no dia seguinte, ao amanhecer, os judeus coligaram-se e juraram que não comeriam, nem beberiam, enquanto não matassem a Paulo. Eram eles, ao todo, mais de quarenta.

Foram, então, ter com os principais sacerdotes e os anciãos e disseram: "Juramos não provar coisa alguma enquanto não matarmos a Paulo. Notificai, com o Sinédrio, ao tribuno que vô-lo apresente, como se necessitásseis investigar alguma coisa com mais precisão, e nós, antes que ele chegue, estamos prontos para o matar.

Mas o filho da irmã de Paulo, sabendo da cilada, entrou na cidadela e avisou a Paulo. Paulo, chamando um dos centuriões, disse: Leva este moço ao tribuno, porque tem algo a comunicar-lhe. Ele levou-o ao tribuno e narrou o que o moço lhe dissera. O tribuno, chamou-o em particular e lhe perguntou o que desejava comunicar-lhe. Ele respondeu: Os judeus combinaram rogar-te que amanhã apresentes a Paulo ao Sinédrio, como se o houvesses de inquirir com mais precisão; não te deixes levar pelo que eles dizem, porque mais de quarenta homens lhe armam ciladas e juraram não comer nem beber enquanto não o matarem e agora estão esperando a tua promessa".

O tribuno despediu o moço e lhe recomendou que a ninguém contasse coisa alguma. E chamando dois centuriões ordenou: Tende pronto, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados de infantaria, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros, para irem à Cesaréia; ordenou-lhes que aprontassem animais para Paulo e que o levassem salvo ao governador Felix, a quem escreveu esta carta:

"Cláudio Lysias ao potentíssimo governador Felix, saúde.

Este homem foi preso pelos judeus e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevindo com a tropa, o livrei, ao saber que era romano. Querendo saber a causa por que o acusavam, levei-o ao Sinédrio; e achei que, era acusado de questões da lei deles, mas que não havia, acusação alguma que merecesse prisão ou morte. Sendo eu informado de que haveria uma cilada contra este homem, envio-to sem demora, intimando também os acusadores que digam perante ti o que há contra ele".

"Os soldados, pois, conforme lhes fora ordenado, tomaram a Paulo e o conduziram de noite a Antipatris; e no dia seguinte voltaram para a cidadela, deixando os soldados de cavalaria para o acompanhar, os quais chegando a Cesaréia, entregaram a carta ao governador, e apresentaram-lhe também Paulo. Ele depois de a ler e perguntar de que província ele era, e sabendo que era da Cilícia, disse: Ouvir-te-ei, quando chegarem os teus acusadores; e mandou que fosse retido no Pretório de Herodes".

A missão de Paulo, como dissemos, não se limitava entre os gentios, ele não era somente ministro da incircuncisão, mas também da circuncisão, mas circuncisão do coração, para que adviesse em todos uma boa consciência para com Deus, o nosso Criador e uma verdadeira obediência aos Preceitos do Mestre e Senhor Jesus.

Ele era o representante geral do Cristo Nazareno e seu vaso escolhido, predileto, para levar a Palavra a todos, inclusive às forças armadas, aos centuriões, aos tribunos, aos sacerdotes e sumos pontífices, aos escribas, aos fariseus, como aos saduceus; aos tetrarcas, aos governadores, aos reis, aos imperadores, e até a Cesar. E a sua missão só poderia ser cumprida, como foi, sem deixar a desejar coisa alguma, se ele passasse pelos quartéis e pelas prisões, pelos pretórios e pelos Sinédrios, pelas sinagogas, pelos templos, pelos palácios.

Daí vemos a razão da prisão de Paulo. Ele não sofreu as injunções arbitrárias daqueles déspotas que se apoderando da justiça, sufocaram-na sob a mais degradante perseguição, a mais torpe injustiça que praticavam contra os discípulos do Senhor; ele passou por entre as sombras de homens que o perseguiram, para pregar a vinda do Reino de Deus, a nova Doutrina da Redenção, o Evangelho da salvação que o Cristo trouxera para libertar o homem do pecado e da morte e lhe garantir a Vida Eterna com o valoroso testemunho da Ressurreição dos Mortos.

Paulo estava consciente da sua missão, estava compenetrado da sua tarefa. Ele não saía a esmo pelas praças a pregar, sendo preso de sopetão pela turba, mas os desígnios de Jesus, de que era prevenido pelo seu Mestre, o encaminhavam para todos os postos civis e militares, com plena garantia de vida e auxílio espiritual, para que a Palavra do Senhor se fizesse ouvir em toda a parte.

E esses maus e ingratos que só poderiam ouvir a Palavra fazendo sofrer os Apóstolos, recebiam assim antecipadamente a doutrina que deveriam abraçar, embora em longínquos tempos futuros, pela lei sábia da pluralidade das existências corpóreas, porque também eles eram filhos de Deus.

Foi isso que Paulo deixou entrever na sua Epístola aos Romanos, cap. XI, 28-36:

"Quanto ao Evangelho, eles são inimigos por vossa causa; mas quanto à eleição, são amados por causa de seus pais; porque dos dons e da sua vocação Deus não se arrepende. Porque assim como vós em outro tempo fostes desobedientes a Deus, mas agora haveis alcançado misericórdia pela desobediência deles; assim também estes agora foram desobedientes, para que, pela vossa misericórdia, eles agora também alcancem misericórdia. Porque Deus encerrou a todos na desobediência, para usar com todos de misericórdia. Ó profundidade das riquezas, da sabedoria e da ciência de Deus! quão inescrutáveis são os seus juízos e quão

impenetráveis os seus caminhos. Porque quem conheceu a mente do Senhor? ou quem se fez o seu conselheiro? ou quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas; a Ele seja dada glória para sempre".

Este trecho vem precedido de uma alegoria do enxerto do zambujeiro feito na oliveira, símbolo da reencarnação, para o qual pedimos a atenção dos leitores, para maior esclarecimento.

Conclui-se deste capítulo que, embora fosse grande o plano dos judeus para matar a Paulo, eles não conseguiram o seu intento, mas serviram-se de intermediários inconscientes para que o Apóstolo cumprisse a sua missão entre os dirigentes do povo.

PAULO NO PRETÓRIO DE HERODES – ACUSAÇÃO DE ANANIAS E TERTULO

Cinco dias depois desceu o sumo sacerdote Ananias com alguns anciões e com um orador chamado Tertulo, os quais acusaram Paulo perante o governador. Sendo ele chamado, começou Tertulo a acusá-lo, dizendo:

Visto que por ti gozamos de muita paz, e pela tua providência têm-se feito reformas nesta nação, em tudo e em todo o lugar reconhecemos com toda a gratidão, potentíssimo Felix. Mas para não te enfadar por mais tempo, rogo-te que na tua bondade nos ouça por um momento. Porque temos achado que este homem é um homem pestífero e que em todo o mundo promove sedições entre os judeus, e é chefe da seita dos nazarenos; o qual também tentou profanar o templo, e nós o prendemos, e tu mesmo examinando, poderás tomar conhecimento de tudo aquilo de que nós o acusamos. Os judeus também concordaram na acusação, afirmando que estas coisas eram assim. – Cap. XXIV, v. v. 1 – 9.

As acusações sacerdotais proferidas contra os apóstolos são bem semelhantes às atuais dos sacerdotes romanos e protestantes proferidas hoje contra os espíritas.

É o terrível espírito de seita revoltando-se contra as idéias novas, são as trevas revoltando-se contra a Luz, é o erro, a falsidade, o dolo fugindo da Verdade que se esforça para impor-se às consciências.

Esses escravocratas que inutilizam a razão e sufocam as nobres aspirações do coração, pretendem, como faziam antigamente, eternizar a escravidão da razão, dote sagrado que o Criador nos concedeu para que progridamos e concorramos com as nossas forças para o progresso do nosso semelhante.

Mas o sacerdotalismo, preso ao dogma e ao mistério, assim não entende. Pretenciosos, fazendo-se sábios tornaram-se loucos pretendendo enclausurar numa jaula de ferro o espírito, para que creia firmemente nos seus dogmas arcaicos, no seu ritual, nos seus formalismos, enfim, na superioridade ilimitada da sua razão, completamente desviada da lógica e do bom senso.

O crime de Paulo, é o nosso crime: fazer o homem pensar e, como o paralítico da piscina, se erguer e caminhar para Deus, pondo de lado a classe sacerdotal que nos oprime.

Aos romanos, cap. XII, 1-2, ele diz: “Rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que proveis qual é a boa agradável e perfeita vontade de Deus”.

Aos Coríntios II Cap. III, v. 17 diz: “O Senhor é Espírito e onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade”.

Aos Tessalonicenses 1º Cap. v. v. 21, diz: “Examinai todas as coisas e abraçai só o que for bom”.

Na 1ª a Timóteo, Cap. IV, v. v. 1-8, ele aponta as doutrinas errôneas que prejudicam as almas e esclarece o verdadeiro sentido da Religião.

“Porém, o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, mediante a hipocrisia de homens mentirosos, que têm a consciência cauterizada, que proíbem o casamento e ordenam a abstinência de alimentos, que Deus criou para serem usados com gratidão pelos que crêem e conhecem bem a verdade. Pois toda a criatura de Deus é boa, e nada deve ser rejeitado, se é recebido com ação de graças; porque é santificado pela palavra de Deus e pela oração. Expondo essas coisas aos irmãos, serás um bom ministro de Jesus Cristo, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido; mas rejeita as fábulas profanas e de velhas. Exercita-te na piedade. Pois o exercício corporal para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é útil, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser”.

Não é preciso nos estendermos em maiores considerações para que se compreenda o motivo que movia os sacerdotes e judeus submissos ao clero hebreu a perseguirem a Paulo.

A própria acusação é uma defesa dos princípios cristãos que o Apóstolo pregava e deixa ver o quanto pode o farisaísmo de mãos dadas com os governos despóticos.

A DEFESA DE PAULO – A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

Tendo o governador feito sinal a Paulo que falasse, disse:

Sabendo que há muitos anos és juiz nesta nação, com bom ânimo faço a minha defesa, visto poderes verificar que não há mais de doze dias subi a Jerusalém para adorar; e que não me acharam no templo! disputando com alguém ou fazendo ajuntamento de povo, quer nas sinagogas, quer na cidade, nem te podem provar as coisas de que agora me acusam. Porém, confesso-te isto que, segundo o Caminho a que eles chamam seita, sirvo ao Deus de nossos pais, crendo todas as coisas que são conformes à Lei e estão escritas nos Profetas, tendo esperança em Deus como também eles esperam, de que “há de haver uma ressurreição tanto de justos como de injustos”. Por isso também me esforço para ter sempre uma consciência limpa para com Deus e para com os homens. Depois de alguns anos vim trazer esmolas à minha nação, e fazer oferendas, e neste exercício acharam-me purificado no templo, não com turba nem com tumulto; mas alguns judeus vindos da Ásia — e estes deviam

comparecer diante de ti e acusar-me, se tivessem alguma coisa contra mim. Ou estes aqui digam que iniqüidade acharam, quando estive perante o Sinédrio, a não ser acerca desta única frase que proferi em alta voz, estando no meio deles: "Por causa da ressurreição dos mortos é que eu estou sendo julgado por vós".

Mas Felix que sabia muito bem dessas coisas acerca do Caminho, adiou a causa, dizendo: Quando descer o tribuno Lísias, decidirei a vossa questão; e ordenou ao centurião que Paulo fosse detido e tratado com brandura, sem impedir que os seus o servissem. – Cap. XXIV, v. v. 10 – 23.

A Ressurreição dos Mortos tem servido de escândalo para os sacerdotes de todas as épocas. Essas palavras do doutor dos gentios justificam plenamente a nossa afirmação.

Condenar um indivíduo por crença na demonstração da Vida Eterna, é a cousa mais estulta que pode haver.

Se a religião é o laço que nos une a Deus, esse laço forçosamente se perpetua na Vida Eterna por inúmeros degraus ascendentes de perfeição espiritual, manifestados pela ressurreição, sem o que não teríamos conhecimento deles.

A prevalecer a morte, se extingue toda a perfeição, toda a felicidade. A não vigorar a ressurreição dos mortos, os laços que nos unem a Deus ficam destruídos, e a fé; se torna vã, o amor fraterno não pode prevalecer.

Porque Cristo ressuscitou? Para demonstrar a Imortalidade. A Maria Madalena Ele diz: "Vai a meus irmãos e dize-lhes que subo ao meu Pai e vosso Pai". A Tomé disse: "Chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente".

No Evangelho de Lucas, Cap. XXIV, v. v. 38-39: "Porque vos turbais? e porque se levantam dúvidas nos vossos corações? Olhai para as minhas mãos e meus pés, pois sou eu mesmo".

O que quer dizer tudo isso? não é a demonstração da Imortalidade pela ressurreição?

Paulo fazia Rocha-Viva da sua Doutrina, a Ressurreição dos Mortos, de que Jesus Cristo tem as primícias, isto é, ao primazia, o direito de se manifestar e de falar primeiro.

Tendo Jesus declarado que vinha fazer cumprir a Lei e os Profetas, parece claro e lógico que deve prevalecer a Imortalidade e a ressurreição dos mortos, sem o que a Lei é inútil e os Profetas não têm de ser.

É por isso que vemos na Vida dos Apóstolos uma série contínua de manifestações genuinamente espíritas.

Muito especialmente sublinhamos no capítulo que transcrevemos dos Atos, os trechos pelos quais se compreende o motivo dos judeus, e mormente dos sacerdotes, condenarem a Paulo.

De fato, não tendo ele crime algum, conforme declarou o tribuno, como se justifica a acusação dos judeus, a ponto de exigirem o decreto de morte para o Apóstolo?

Não se pode compreender o sentimento religioso sem imortalidade. E não se pode compreender, repetimos, imortalidade sem ressurreição dos mortos, ou seja, reaparição dos mortos.

No encontro de Jesus com os saduceus (Lucas, Cap. XX, v. v. 27-40) o Mestre diz: "Mas que os mortos ressuscitam, Moisés o indicou na passagem a respeito da sarça, onde se diz que o Senhor é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob. Ora, Deus não é Deus de mortos, mas de vivos; pois todos vivem para Ele".

Enfim, Felix, que havia compreendido tudo, adiou a causa, até a chegada do tribuno Lísias, mas ordenou ao centurião que Paulo ficasse detido, porém fosse bem tratado, e lhe fossem facultadas certas regalias.

AÇÃO DE PAULO ANTE FELIX E DRUSILA

Passados alguns dias, vindo Felix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar a Paulo, e ouviu-o acerca da fé em Jesus Cristo. Discorrendo Paulo sobre a justiça, a temperança e o juízo vindouro, Felix ficou atemorizado e disse: Por ora vai-te e, quando eu tiver ocasião e oportunidade, mandar-te-ei chamar; esperando também ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro; pelo que, mandando-o chamar com mais freqüência, conversava com ele. Passados, porém, dois anos, teve Felix por sucessor Pórcio Festo; e querendo alcançar o favor dos judeus, Felix deixou a Paulo na prisão. – Cap. XXIV, v. v. 24 – 27.

Pelo que se lê no relato de Lucas, Paulo permaneceu preso em Cesaréia dois anos. Embora gozasse de regalias que Felix lhe havia concedido, o Apóstolo era, de fato, um prisioneiro do governo daquela cidade. Nem para um lado nem para outro. Ele tinha que seguir para Roma, mas não podia fazê-lo por ter sido constrangido em sua liberdade.

Havia talvez, necessidade de ficar dois anos em Cesaréia? Com certeza, do contrário, os Espíritos que o seguiam e Jesus que agia nele, não permitiriam que tal acontecesse.

Nós já vimos como Pedro foi liberto da prisão pelos Espíritos do Senhor, e como o próprio Paulo, por vezes, fora liberto das mãos dos seus inimigos. Se tal permanência do Apóstolo se deu em Cesaréia, era que havia necessidade espiritual para a conversão de muitos, pois o próprio Felix já havia recebido a palavra com sua mulher Drusila. Foi pena que este governador, que era potentíssimo, se tivesse deixado levar por interesses subalternos. Ele estava, com certeza, pronto a soltar a Paulo, mas o faria só por certa quantia, como se depreende da narrativa.

Nota-se que o Apóstolo não quis submeter o representante da justiça ao vilipêndio do suborno, pois, tão criminoso é o que suborna os seus semelhantes, como os que são passivos ao suborno, e Paulo não desejava participar da obra infrutuosa das trevas. Deixou-se ficar prisioneiro e, tanto quanto lhe era possível, exercia seu ministério dentro dos estreitos limites das concessões que lhe faziam, a todos pregava aquela doutrina fundada por Jesus Cristo e contra a qual não podiam prevalecer a falsidade e a impostura.

Nós não sabemos a influência que teve Drusila no ânimo de Felix, em face da prisão do Apóstolo, mas cremos “, que ela concorreu para que fossem amenizados os sofrimentos de Paulo, e teria talvez, dado a sua opinião complacente ao prisioneiro.

As mulheres, quando não são fanáticas e supersticiosas e chegam a libertar-se das garras sacerdotais, se esforçam para se colocarem ao lado da reta justiça, além do que recebem dos Espíritos bons, intuição que as encaminham para a verdade e o bem.

Nós vemos, segundo refere Mateus, cap. XXVI, 19, que por ocasião do julgamento de Jesus, a esposa de Pilatos enviou especialmente um portador a este, recomendando-lhe a não se envolver na questão desse Justo, pois havia tido sonhos naquela noite em que ela tinha padecido muito por causa do Senhor.

A ação espiritual da mulher, sob o influxo da Revelação, é muito comum nas páginas da história. Infelizmente, essa ação tem sido nulificada pelo sacerdócio ganancioso e venal, que se obstina a permanecer numa materialidade degradante.

Felix, como se nota da narração de Lucas, embora de posse já da Verdade, fez-se campo de espinhos, sufocando a palavra com os cuidados do mundo, pois queria alcançar favor dos judeus, até que Pórcio Festa veio substituí-la, tomou as resoluções que se vão ler no capítulo que segue.

PAULO PERANTE FESTO APELA PARA CESAR

Tendo entrado Festo na província, depois de três dias subiu de Cesaréia a Jerusalém, e os principais sacerdotes e os mais eminentes judeus deram-lhe informações contra Paulo, e em detrimento dele pediram a Festo como um favor que o mandas-se vir a Jerusalém, armando-lhe uma cilada para o matarem no caminho. Festo, porém, respondeu que Paulo se achava detido em Cesaréia; portanto, disse ele, os que entre vós têm prestígio, desçam comigo, e se há naquele homem algum crime, acusem-no.

Tendo-se demorado entre eles cerca de oito ou dez dias, desceu a Cesaréia; e no dia seguinte sentando-se no tribunal mandou trazer a Paulo. Comparecendo este, rodearam-no os judeus que tinham descido de Jerusalém, trazendo contra ele muitas graves acusações, que não podiam provar; então Paulo, defendendo-se, disse: Não tenho pecado em coisa alguma, nem contra a Lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra Cesaro Festo, querendo alcançar favor dos judeus, perguntou a Paulo: Queres subir a Jerusalém e ser aí julgado destas coisas perante mim? Mas Paulo respondeu: Estou perante o tribunal de Cesar onde devo ser julgado. Não tenho feito mal algum aos judeus, como tu bem sabes. Se, pois, sou malfeitor, e tenho praticado alguma coisa que mereça a morte não recuso morrer; mas se não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém pode entregar-me a eles; apelo para Cesar. Então Festo, tendo conferenciado com o Conselho, respondeu: Para Cesar .apelaste, a Cesar irás. – Cap. XXV, v. v. 1 – 12.

“Ódio velho não cansa”, diz o rifão. O que não se pode arranjar, como se quer, de um modo, tenta-se fazer por outro.

A retirada de Felix deveria ter alegrado os judeus pois embora este não satisfizesse inteiramente os seus desejos, havia, entretanto, conservado a Paulo na

prisão sem nada poderem eles conseguir, e com o substituto se tentaria ação mais categórica. Foi o que aconteceu.

Festo, homem venal, havia se prontificado a satisfazer a vontade dos sacerdotes e dos anciãos dos judeus, velhos perversos, com aparência de honradez e seriedade, mas a quem o Cristo já havia denominado como sepulcros caiados, que pareciam belos aos olhos dos homens, mas que estavam cheios de rapina e de podridão.

Festo, pois, como se depara do texto, não era mais nobre de consciência que Felix; "queria alcançar o favor dos judeus" e não vacilou em pôr em prática as sugestões recebidas.

Mas Paulo, além de ser um homem sábio que discernia os corações, contava com a assistência de Jesus, e como havia recebido do Senhor ordens para dar testemunho de sua Palavra em Roma, manteve-se na sua decisão anterior: "Estou perante o tribunal de Cesar, onde devo ser julgado" .

Cidadão romano, tinha ele o direito de apelar para Cesar, e tomada a resolução ninguém poderia revogar a decisão resolvida em juízo. Mas Paulo permaneceu ainda por um pouco em Cesaréia, como vamos ver.

A EXPOSIÇÃO DE FESTO AO REI AGRIPA

E passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia, para saudar a Festo. Como se demorassem ali muitos dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: Felix deixou aqui um homem preso, a respeito do qual, quando estive em Jerusalém, os principais sacerdotes e os anciã os dos judeus deram-me informações, pedindo-me que o condenasse; aos quais respondi que não é costume dos romanos condenar homem algum antes de o acusado ter presentes os acusadores, e ter tido oportunidade de se defender do que lhe é imputado. Portanto, tendo-se eles reunido aqui, sem me demorar, no dia seguinte sentei-me no tribunal e mandei trazer o homem; e, levantando-se os acusadores, não apresentaram contra ele alguma acusação dos crimes que eu supunha, mas tinham com ele certas questões sobre a sua religião, e sobre um Jesus defunto, que Paulo afirmava estar vivo. E eu, perplexo, quanto ao modo de investigar estas coisas, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém e ser ali julgado sobre estas questões. Mas havendo Paulo apelado, para que o reservassem ao julgamento do imperador, mandei que fosse detido até que eu o enviasse a Cesar. Disse Agripa a Festo: Eu também desejava ouvir esse homem. Amanhã, respondeu ele, o ouvirás. – Cap. XXV, v. v. 13 – 22.

O rei Agripa deliberou fazer uma viagem de recreio a Cesaréia, onde se demorou vários dias. Foi justamente quando o novo governador daquela importante cidade, Pórcio Festo, em conversa com o rei, expôs o caso de Paulo, o perseguido dos sacerdotes e dos principais anciãos, mas em quem Festo não via crime algum, mas somente havia contra ele queixas originadas por questões religiosas, a respeito de um Jesus defunto que Paulo afirmava estar vivo".

Paulo viu a Jesus depois dos judeus O haverem crucificado e matado; e eles achavam que isso era impossível. Para essa gente a morte era a destruição de tudo,

mas para Paulo assim não era, pois tinha não só o testemunho pessoal de que Jesus vivia, como também o testemunho alheio que corroborava o seu testemunho.

Em todos os seus discursos ele repetia sempre o que escreveu aos Coríntios, na sua Epístola, Cap. XV, v. v. 3 – 8:

"Porque vos entreguei primeiro o que recebi, que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou no Terceiro dia, segundo as Escrituras; e que apareceu a Cefas e então aos doze; depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez; depois apareceu a Tiago, e então a todos os Apóstolos; e, por último de todos, como por um abortivo, apareceu também a mim".

Na sua Epístola aos Romanos, Cap. XI, v. 16 – tratando da rejeição de Israel, e dirigindo-se aos gentios, ele acha que a admissão dos Israelitas não se pode efetuar, negando-se a "Vida dentre os mortos".

Enfim, o rei Agripa, respondendo a Festo, manifestou o desejo que alimentava de ouvir a sua palavra. Festo prometeu ao rei satisfazer a sua curiosidade, e mesmo no dia seguinte, tal como diz a narrativa de Lucas, nos Atos Cap. XXV, v. v. 23 - 27:

Vindo Agripa e Berenice, com grande pompa e, depois de entrarem em audiência com os tribunos e homens principais da cidade, foi Paulo ali trazido por ordem de Festo. Então disse Festo: Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a comunidade dos judeus recorreu a mim, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. Porém, eu achei que ele nada havia praticado que merecesse a morte, mas tendo ele apelado para o imperador, determinei remeter-lho. Do qual nada tenho de positivo que escreva ao soberano; pelo que vô-lo tenho apresentado a vós e mormente a ti ó rei Agripa, para que, depois de feito o interrogatório, tenha eu alguma coisa que escrever; porque não me parece razoável remeter um preso, sem mencionar também as acusações que há contra ele".

Festo, pelo que se vê, quis guardar uma certa compostura, embora tivesse desejo de agradar e servir aos judeus. Talvez os Espíritos, que auxiliavam a Paulo, não permitiram que palavras más fossem assacadas contra o Apóstolo, naquele tribunal.

E como vamos ver adiante, foi concedida a palavra ao doutor dos gentios para apresentar a sua exposição.

PAULO FALA AO REI AGRIPA

Concedendo o rei Agripa a palavra a Paulo para fazer a sua defesa, segundo refere Lucas Cap. XXVI, Atos, o Apóstolo estendendo a mão, começou a falar:

"Julgo-me feliz, ó rei Agripa, por ter de fazer hoje perante ti a minha defesa de tudo o que me acusam os judeus, mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre eles; pelo que te rogo que me ouças com paciência.

"Quanto à minha vida durante a mocidade que passei desde o princípio entre o meu povo e Jerusalém, sabem-na todos os judeus; conhecendo-me desde o princípio (se quiserem dar testemunho), como vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião.

"E agora estou aqui para ser julgado pela esperança da promessa feita por Deus a nossos pais, a qual as doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, esperam alcançar; por causa dessa esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado.

"Porque é que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

"Eu na verdade, entendia que devia fazer toda a oposição ao nome de Jesus, o Nazareno; e assim o fiz em Jerusalém; e tendo recebido autoridade dos principais sacerdotes, eu não somente encarcerei muitos santos, como também dei o meu voto contra estes quando os matavam; e muitas vezes castigando-os por todas as sinagogas, obrigava-os a blasfemar; enfurecido cada vez mais contra eles, perseguia-os até nas cidades estrangeiras. Neste intuito indo a Damasco com autoridade e comissão dos principais sacerdotes, ao meio dia, ó rei, vi no caminho uma luz do Céu que excedia o esplendor do sol, a qual me rodeou, a mim e aos que iam comigo, com a sua claridade.

"E caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: Saulo, Saulo, porque me persegues? Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões.

"E disse eu: Quem és, Senhor? E Ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci para isto, para te por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto, como daquelas pelas quais te aparecerei; livrando-te deste povo e dos gentios a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus, para que recebam a remissão dos pecados e herança entre os santificados pela fé em Mim".

"Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. Antes anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judéia, e aos gentios que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.

"Por causa disto os judeus lançaram mão de mim no templo e procuraram matar-me.

"Porém alcançando o socorro de Deus, até o dia de hoje permaneço, testificando tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer; isto é, que Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios.

"E, dizendo isto em sua defesa, disse Festo em alta voz: Deliras, Paulo; as muitas letras te fazem delirar.

"Mas ele disse: Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes falo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas; pois não creio que nada disto se lhe oculte; porque não se faz às escondidas. Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas. E Agripa disse a Paulo: Por pouco me persuades a me fazer cristão. Paulo respondeu: Prouvera a Deus que com pouco ou com muito não somente tu, mas ainda todos os que hoje me ouvem, se tornassem, tais qual eu sou, menos estas cadeias.

"E o rei levantou-se, e também o Governador e Berenice, e os que estavam sentados com eles; e havendo-se retirado, falavam uns com os outros dizendo: este

homem nada tem feito que mereça morte ou prisão. Agripa disse a Festo: Ele podia ser solto se não tivesse apelado para Cesar".

VIAGEM PARA A ITÁLIA – PREVISÕES DE PAULO – O AVISO DE JESUS

Como era dos desígnios de Jesus que Paulo seguisse para Roma, onde teria que dar testemunho da sua Palavra, após a visita do rei Agripa a Cesaréia, o Governador Festo fê-lo seguir para a Itália.

Diz Lucas, o qual também fez parte do comitê de viagem, que Paulo e alguns outros presos foram entregues a um centurião da coorte Augusta, chamados Júlio, o qual tratou muito bem o Apóstolo, permitindo-lhe em Sidon ir ver os seus amigos e receber deles bom acolhimento.

"Eles embarcaram em Cesaréia, num navio de Adramitio, que seguia a costear as terras da Ásia. Aristarcho, macedônio de Tessalônica os acompanhou. Aportaram em Sidon, dali seguiram a sotavento de Chipre, por serem contrários os ventos, e tendo atravessado o mar que banha a Cilícia e a Panfília, chegaram a Mirra, cidade da Lícia. Aí o centurião, encontrando um navio de Alexandria que estava de viagem para a Itália, fê-los embarcar. Navegaram mui vagarosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade à altura de Cnido, não permitindo o vento seguirem, navegaram a sotavento de Greta, na altura de Salmone; e costeando com dificuldade, chegaram a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséa".

Essa viagem, como se vê, foi muito demorada, os ventos não eram favoráveis e tudo parecia difícil.

"A navegação era perigosa e Paulo, prevendo transtornos, avisou ao centurião e aos demais, dizendo: "Vejo que a viagem vai ser com muita avaria e muita perda, não somente da carga e do navio, mas também das nossas vidas". Entretanto, eles davam mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia. E não sendo o porto próprio para invernar, os mais deles foram de parecer que se fizesse dali ao mar, a ver se de algum modo podiam chegar a Fenix, e aí passar o Inverno, visto ser Fenix um porto de Greta que olha para o nordeste e para o sudoeste.

Tendo soprado brandamente o vento Sul e julgando eles ter alcançado o que desejavam, depois de levantarem âncora, iam muito de perto costeando Greta.

"Mas, pouco tempo depois, desencadeou-se do lado da ilha um tufão de vento apelidado Euroaquilão, sendo arrebatado o navio e não podendo resistir ao vento cessaram a manobra e foram se deixando levar pelo vento. Passando a sotavento duma ilhota chamada Clauda, mal puderam recolher o bote, e tendo-o içado, valiam-se de todos os meios, cingindo com cabos o navio; e temendo que dessem na Syrte, arrearam todos os aparelhos e iam levados pelo vento. Agitados por violenta tempestade, no dia seguinte começaram a alijar a carga ao mar e ao terceiro dia lançaram ao mar os aparelhos do navio. O Sol não aparecia por muitos dias, nem as estrelas; batidos ainda por grande tempestade, todos perderam a esperança de serem salvos".

A previsão de Paulo estava em seu mais alto grau de cumprimento. Mas o Apóstolo não desanimou; quando os viu entregues, Paulo ergue-se no navio e diz-lhe:

“Senhores, na verdade, devíeis ter-me atendido, e não ter partido de Greta e sofrido esta avaria e perda. Mas agora vos exorto que tenhais coragem; pois nenhuma vida se perderá entre vós, mas somente o navio. Porque esta noite me apareceu o anjo de Deus (Jesus), a quem pertenço e a quem também sirvo, dizendo: Não temas Paulo; é necessário que compareças perante Cesar e Deus te há dado todos os que navegam contigo. Pelo que tende coragem, varões, porque creio em Deus que assim sucederá, como me foi dito. Mas é necessário que vamos dar a uma ilha”.

Na décima parte da noite, tendo sido eles impelidos de uma banda para outra do mar Adriático, pela meia noite suspeitaram os marinheiros que se avizinhavam de terra. E lançando a sonda acharam vinte braças. Passando um pouco mais adiante e lançando a sonda outra vez, acharam quinze: e temendo que, talvez, fossem dar em praias pedregosas, lançaram da popa quatro âncoras e estavam ansiosos que amanhecesse. Procurando os marinheiros fugir do navio, e tendo arriado o bote ao mar com o pretexto de irem largar âncoras da proa, disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos. Então, os soldados cortaram as cordas do bote e deixaram-no ir.

Enquanto amanhecia, rogava Paulo a todos que tomassem alimento, dizendo: “Hoje é o décimo quarto dia em que esperando, estais em jejum, sem nada comer. Pelo que vos rogo que comais alguma coisa; porque disso depende a vossa segurança, pois nenhum de vós perderá um Só cabelo da cabeça”.

Tendo dito isto e, tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer. E estavam no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo. E saciados com a comida começaram a aliviar o navio lançando trigo ao mar.

Quando amanheceu, não conheciam a terra, mas avistaram uma enseada com uma praia, e consultaram se poderiam encalhar ali o navio. Desprendendo as âncoras abandonaram-nas no mar, soltando ao mesmo tempo os cabos dos lemes; e içando ao vento o traquete, foram se dirigindo para a praia. Porém, indo ter a um lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam o navio; e a proa arrastada sobre a terra ficou imóvel, mas a popa desfazia-se com a violência das ondas.

O parecer dos soldados era que se matassem os presos, para que nenhum deles se lançasse a nado e fugisse; mas o centurião querendo salvar a Paulo, impediu-lhes que fizessem isto e mandou que os que soubessem nadar, fossem os primeiros a se lançar ao mar e alcançar a terra; e aos demais que se salvassem, uns em tábuas, e outros em destroços do navio. E assim todos escaparam à terra, salvos”.

Não foi, portanto, sem razão que o Apóstolo, numa de suas Epístolas enumerou os perigos por que passou, sem esquecer o naufrágio de que foi vítima.

Longe, porém, de desfalecer, ele serviu ainda de arrimo àquela população flutuante, a quem não cessou de aconselhar, encorajar e encher de fé e esperança. E se o centurião e o comandante o tivessem ouvido, livres estariam todos de passar as tribulações por que passaram. Mas o espírito cego não obedece às injunções do Alto deixa-se levar pela “sabedoria terrena” cheia de dúvidas e vacilações; e o resultado é sempre prejudicial.

No dia em que o homem obedecer às instituições superiores e tiver se voltado para Deus, será feliz, estará livre de muitos males que o afligem e de grandes prejuízos e aborrecimentos que o fazem sofrer.

Enfim, chegados àquela ilha, sem saber onde se achavam, é certo que ainda muito teriam que sofrer, mas podiam considerar-se salvos. Atos – Cap. XXVII, v. v. 1-26.

NA ILHA DE MALTA – PAULO E A VÍBORA – O ACOLHIMENTO DOS INDÍGENAS

Estando salvos, soubemos então que a ilha se chamava Malta. Os indígenas trataram-nos com muita humanidade, porque, acendendo uma fogueira, acolheram-nos a toldos por causa da chuva que caía e por causa do frio.

Tendo Paulo ajuntado e posto sobre a fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo por causa do calor, mordeu-lhe a mão.

Quando os indígenas viram o réptil pendente na mão de Paulo, diziam uns para os outros: Certamente este homem é homicida, pois embora salvo do mar, a Justiça não o deixou viver.

Mas ele, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal algum; mas eles esperavam que ele viesse a inchar ou a cair morto de repente. Porém, tendo esperado muito tempo e vendo que nada de anormal lhe sucedia, mudando de parecer, diziam que era ele um deus. – Cap. XXVIII, v. v. 1 – 6.

A Ilha de Malta é, atualmente, uma possessão inglesa; acha-se no Mediterrâneo, entre a Sicília e a África, e conta 185.000 habitantes. [8]

Nos tempos apostólicos era habitada por uma população que, apesar da falta de cultivo intelectual, se mostrou mais humana para com os Apóstolos do que os civilizados de burel e capelo. Tudo quanto se pode fazer pelos náufragos, foi feito. Não havia roupas para lhes dar, mas os seus corpos enregelados foram aquecidos ao lume de uma fogueira para tal preparada.

Parece incrível, entretanto é uma verdade, mormente nos tempos atuais; quanto maior é a ilustração do indivíduo, pior ele é, sem sentimentos afetivos, egoísta, orgulhoso, desleal e mau. É que a falsa educação afasta os homens de Deus, privando-os das intuições superiores que excitam as paixões nobres.

Mas os naturais da região, segundo o seu costume de julgar os homens pelas tormentas que sofriam, logo que Paulo foi mordido pela serpente, pensaram ser ele um homicida. Vendo, porém, que o veneno nada produzira no Apóstolo, julgaram-no um deus, pois só os deuses eram imunes das serpentes.

---

[8] Estimativa atual: Estado independente do Sul da Europa, membro da Comunidade Britânica, situado no Mediterrâneo, entre a Tunísia e a Sicilia. Compõe de quatro ilhas: Comino ou Kemuna, Gozo ou Ghawdex, Filola e Malta. A população, de raça maltesa (de origem semita) é de 322.000 habitantes (estimativa de 1974) .

Nota da Editora

Paulo, como Jesus, tinha poder para pisar os escorpiões e neutralizar o veneno das serpentes, poder esse que o Divino Mestre deu a seus Apóstolos, como se depara nos Evangelhos.

Não será uma forma de mediunidade, essa imunidade aos venenos? É provável.

Mas continuemos a ouvir Lucas, o grande discípulo de Paulo, que descreve como Públio os hospedou:

"Ora, na vizinhança daquele lugar, havia algumas terras pertencentes ao homem principal da ilha, chamado Públio, o qual nos recebeu e hospedou com muita bondade por três dias.

"Estando doente de cama com febre e disenteria o pai de Públio, Paulo foi visitá-lo, e, tendo feito oração, impôs-lhe as mãos e o curou.

"Feito isso, os outros doentes da ilha vinham também e eram curados, e estes nos distinguiram com muitas honras, e ao partirmos puseram a bordo o que nos era necessário."

Vê-se que a estada de Paulo e de seus discípulos na ilha de Malta por espaço de três meses, foi providencial, e certamente eles deixaram nessa ilha do Mediterrâneo muitos adeptos que renderam graças ao Senhor, por ter permitido o naufrágio, a fim de receberem a luz de que precisavam para percorrerem a estrada da vida.

As curas de Paulo, lembradas por Lucas, nesse pequeno território banhado de todos os lados pelo mar, foram edificantes.

Grande médium, o Apóstolo dos gentios, com o auxílio de Jesus, trazia em si mesmo o remédio para fazer desaparecer os males que oprimiam os infelizes.

E todos eles lhe deram provas de sua gratidão, oferecendo o necessário à pequena caravana que se destinava a Roma, onde Paulo, comissionado por Jesus, levaria a Boa Nova da Redenção.

PROSSEGUIMENTO DA VIAGEM – SIRACUSA PUTEOLI E ROMA

No fim de três meses fizemo-nos ao mar em um navio de Alexandria, que havia invernado na ilha, o qual tinha por insígnia Castor e Poloux. E tocando em Siracusa, ficamos aí três dias, donde bordejando, chegamos a Régio. No dia seguinte soprou o vento Sul e chegamos em dois dias a Puteoli; onde tendo achado alguns irmãos, estes nos rogaram que ficássemos com eles sete dias; e assim fomos a Roma. E tendo aí os irmãos sabido notícias nossas, vieram ao nosso encontro até a Praça de Ápio e as Três Vendas, e Paulo, quando os viu, deu graças a. Deus e cobrou ânimo.

Quando chegamos a Roma, o centurião entregou os presos ao general dos exércitos; porém a Paulo se lhe permitiu mover sobre si à parte com o soldado que o guardava. Cap. XXVIII. v. v. 11 – 16.

Após uma estadia de três meses, na ilha de Malta, Paulo e seus companheiros tomaram um navio de Alexandria e, com o centurião e soldados, seguiram para Roma, onde desejava ser julgado, sob o juízo de César.

Passaram por Siracusa, onde ficaram três dias, depois aportaram em Régio e dai a dois dias a Puteoli.

Em Puteoli já existiam muitos crentes, que fizeram com que os apóstolos lá ficassem sete dias. Certamente nessa santa intimidade, onde se procura cultivar a fraternidade, muitas idéias foram trocadas acerca da Doutrina de Jesus e o necessário para torná-la conhecida.

Talvez por falta de tempo, Lucas deixou de fazer referências sobre o que ocorreu em Puteoli.

Chegados à Roma, Paulo e seus companheiros foram recebidos por muitos apóstolos e cristãos que formavam em redor dele, enchendo-se de alegria, não só por abraçar seus irmãos em crença, mas também por haver concluído sua viagem que tinha por motivo principal obedecer: às ordens de Jesus para a pregação da Palavra da Vida.

O Centurião, certamente já de posse das novas idéias cristãs, foi de uma generosidade admirável para com o Apóstolo, permitindo-lhe liberdade em aposento particular, embora em companhia do soldado que o guardava, que deveria ser, sem dúvida, já muito ligado ao Apóstolo pelos seus dotes de coração.

Não há quem não ceda às sugestões do bem. A bondade domina e apaixona aqueles que dela se aproximam.

Vamos ver no capítulo seguinte a estréia de Paulo em Roma.

PAULO CONVOCA OS JUDEUS E PREGA EM ROMA

Estamos concluindo a exegese dos "Atos dos Apóstolos". Lamentamos profundamente que o autor deixasse à margem o fim da carreira apostólica das duas grandes figuras do Cristianismo: Pedro e Paulo.

Nenhuma referência nesse sentido encontramos nos "Atos", por isso não queremos aventurar hipóteses sobre o término da existência terrena desses dois grandes representantes de Jesus. Uns dizem que Pedro foi supliciado em Roma com a cabeça para baixo, a seu próprio pedido, visto julgar-se indigno de ser posto na cruz, como Jesus o fora; outros dizem que essa versão não passa de uma lenda e que Pedro nunca esteve em Roma.

Seja como for, não nos interessa o gênero de morte por que passou o Apóstolo, mas sim o gênero de vida de que ele deu tão bom testemunho da Verdade Cristã.

Sobre Paulo também referência alguma faz Lucas, que conclui a sua notícia nos "Atos dos Apóstolos" como se vai ler:

"Decorridos três dias convocou ele os judeus principais; e havendo se reunido eles, disse-lhes: Eu irmãos, apesar de nada ter feito contra o nosso povo ou contra o rito de nossos pais, desde Jerusalém fui entregue preso nas mãos dos romanos, que tendo me interrogado, queriam soltar-me, por não haver em mim crime algum que merecesse a morte; mas opondo-se a isso os judeus, fui obrigado a apelar para Cesar, não tendo, contudo, coisa alguma de que acusar a minha nação. Por este motivo mandei chamar-vos, para vos ver e falar; pois pela esperança de Israel estou preso com esta corrente. Porém eles lhe disseram: Não recebemos carta da Judéia a teu respeito, nem veio de lá irmão algum que contasse ou dissesse mal de ti o Mas

desejaríamos ouvir de ti o que pensas; pois relativamente a esta seita sabemos que por toda a parte é ela impugnada.

Tendo-lhe marcado um dia, foram em grande número ter com ele à sua morada; aos quais, desde a manhã até a noite, dando testemunho, expunha o Reino de Deus, persuadindo-os acerca de Jesus pela lei de Moisés e pelos profetas o Uns se deixavam persuadir por suas palavras, e outros permaneciam incrédulos; e não estando entre si concordes retiravam-se, quando Paulo lhes disse estas palavras. Bem falou o Espírito Santo a vossos pais pelo Profeta Isaías: Vai a este povo e diz: Certamente ouvireis, e de nenhum modo entendereis. Certamente vereis, e de nenhum modo percebereis. Porque o coração deste povo se fez pesado, e os seus ouvidos se fizeram tardos e eles fecharam os olhos; para não suceder que, vendo com os olhos e ouvindo com os ouvidos, eu os sare. E havendo dito isto, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda.

E acrescenta para concluir: "E durante dois anos inteiros, permaneceu no seu aposento alugado, e recebia todos os que vinham ter com ele, pregando o reino de Deus e ensinando as coisas concernentes ao Senhor Jesus Cristo com toda a liberdade e sem impedimento" (Cap. XXVIII. v. v. 17 a 31).

O nosso principal escopo, escrevendo esta obra, não foi salientar a morte de Paulo, como também não é lembrar a dos Apóstolos que divulgaram a fé cristã, mas esclarecer, tanto quanto possível, a vida e os atos desses homens humildes e bons, que renunciando às suas próprias pessoas, viveram para Cristo, isto é, cumprindo os desígnios que por Jesus lhes foram confiados.

E, quanto a Paulo, se examinarmos circunstanciadamente o último trecho de Lucas, havemos forçosamente de concluir, que o Apóstolo dos gentios, tendo apelado para César, o fez conscientemente com o firme propósito de obedecer à risca a ordem de Jesus, dada em manifestação de espírito, conforme se depara do v. 19, cap. XXIII dos Atos: "Tem bom ânimo, pois assim como deste testemunho de Mim em Jerusalém, assim importa também que o dê em Roma."

O Apóstolo permaneceu dois anos em Roma, recebendo todos os dias, a todos os que iam ter com ele, a quem pregava a genuína Doutrina do Cristo, sob as bases indestrutíveis da Revelação, com as suas prerrogativas de imortalidade, aparição e comunicação dos Espíritos.

E o fazia com toda a liberdade e sem impedimento, isto é, com aquiescência direta ou indireta, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente de Nero, que era o César do seu tempo.

As suas epístolas aos Coríntios, mormente a 1ª, capítulos XII, XIII e XIV, esclarecem muito bem o pensamento íntimo da religião do grande Apóstolo. Se nos basearmos por elas, não podemos deixar de receber a luz que esclarece o entendimento e o amor que alegra o coração, para nos encaminharmos para a Verdade, para Deus.

OS APÓSTOLOS DE JESUS

Logo após haver iniciado a sua vida pública, no desempenho da singular missão que o Supremo Senhor lhe concedera, Jesus deliberou escolher entre os homens que eram do seu conhecimento, doze discípulos, para o acompanharem, de cidade em cidade, onde teria que anunciar a Vinda do Reino de Deus.

Eram muitos os que O seguiam, para ouvir as suas sublimes parábolas, as suas prédicas cheias de amor e de doçura.

Certa noite Ele afastou-se deles para descansar e, bem cedo, subiu ao monte para orar, orar fora do bulício humano e pôr-se em íntima comunicação com o Alto, cujos mensageiros o auxiliavam na sua tarefa. De volta, os discípulos esperavam receber, todos eles, aquele pão do Céu que tanto saciava a sua fome de entendimento, justamente numa época semelhante à que atravessamos, em que a fé se havia retirado dos corações.

O Mestre, após lhes haver dado a Paz, como era do seu costume, chamou-os e julgou por bem segundo diz o Evangelista Lucas, nomear definitivamente os doze que O teriam de seguir.

E deu-lhes o nome de Apóstolos que quer dizer — pregadores exemplificadores da Fé. Foram eles:

Simão, a quem deu o nome de Pedro, e André seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu; e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariote.

Após isso, desceu com eles e os demais discípulos a certo lugar, onde uma multidão de pessoas vindas da Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidon, ali se achavam para ouvi-lo e serem curados de suas enfermidades. Subiu com os doze a um pequeno monte e lhes anunciou as bem-aventuranças reservadas aos que buscam a Deus; curou os enfermos que ali se achavam e expeliu os Espíritos malignos que atormentavam os obsediados.

O Mestre lhes quis dar uma lição de como eles, apóstolos, deveriam agir, para bem cumprirem a sua tarefa.

O trabalho dos apóstolos durante a vida corpórea de Jesus, foi nulo. Só depois de haverem recebido o Espírito, após, a explosão de Pentecostes, é que eles entraram em ação para o desempenho de grande tarefa.

É que o homem, por si mesmo nada pode fazer. Sem o auxílio de Deus, que constitui sua Igreja Triunfante, que paira nas alturas para dirigir à altas regiões e ministrar luzes e forças à Igreja Militante. Pessoa alguma deste mundo, em que ainda predominam as trevas e o desamor, tem poder para fazer ou desfazer, ou guiar as massas à Espiritualidade.

Temos exemplos frisantes desta Verdade, e o próprio Jesus a referendou quando Ele, o maior Espírito que baixou à Terra, disse: “Por Mim mesmo nada posso fazer; é o Pai que faz em Mim as obras que vedes; a minha Palavra não é minha, mas do Pai que me enviou.”

Mas passado o Pentecostes todos os escolhidos pelo Mestre, com exceção de Judas Iscariote que faliu em sua missão, cedendo num momento de fraqueza, às injunções inferiores, todos os demais fizeram o que lhes foi possível para a difusão do grande Ideal a eles outorgado.

E por falar em Judas Iscariote, não deixemos passar em branco essa individualidade que seguiu a Jesus, com os outros onze, por três anos consecutivos.

No Evangelho não se encontra a sua genealogia, certamente porque, tendo ele procedido tal como procedeu, com deslealdade e traição deixou de merecer a consideração dos Evangelistas.

O historiador Josepho diz que o seu apelido, Iscariote, vem da cidade donde ele era natural — Carioth ou Keriote. Foi um fraco, mas não era um Atila, um Nero que foram cortejados pelo sacerdotalismo do seu tempo. E como o progresso é infinito, longe de pensarmos na condenação perene de Judas, cremos antes que, restabelecido agora das suas enfermidades morais, esteja reintegrado no Apostolado, batalhando pela grande Causa, já muito conhecida, e pela qual também ele deu a sua vida num momento de arrependimento extremo do mal que havia praticado.

Lancemos um olhar de simpatia para esse Apóstolo, não nos esqueçamos que Jesus o tem amparado com o manto do seu perdão, e que apesar de prever a tragédia que se ia desenrolar e na qual seria a vítima cruenta, nunca negou a Judas o pão e o vinho.

A época em que nos achamos é de grandes cometimentos e Judas não pode deixar de ser um arauto nessa grande luta em que a Luz se empenha em extinguir as trevas que empanam o nosso planeta.

E a prova da nossa asserção se não viesse pela lógica da Doutrina que o Nazareno nos anunciou, viria pela Mensagem belíssima de Judas, recebida na Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, no dia 12 de setembro de 1916, por um médium bem desenvolvido, mensagem comprovada por um vidente, que viu no momento de ser escrita a comunicação, um homem de barbas e cabelos pretos, trajando vestes brancas, muito alvas. O Espírito apresentou-se circundado de um grande halo de luz azul-claro que contornava outra luz de um azul-escuro aveludado. Em torno do Espírito, espalhados, flutuavam flocos de luz verde, sendo deslumbrante o efeito da aparição.

Eis a Mensagem:

Judas, meus bons amigos, volta hoje ao mundo para declarar perante os homens as verdades que lhe foram c inspiradas por Nosso Senhor Jesus Cristo — o grande e amado Mestre — a quem, num momento de cegueira, de trevas e extrema fraqueza traiu, vendendo-O aos inimigos.

Jesus, meus bons amigos, o Messias, aquele que foi enviado por DEUS para salvar o Mundo onde viveis hoje, já perdoou a Judas Iscariote a sua fraqueza e cegueira. DEUS, em sua misericórdia infinita, concedeu, pela boca de seu Filho amado, o perdão àquele que foi outrora infiel, traidor, perjuro, falso e criminoso discípulo do Messias, que jamais deixou de lamentar e compadecer-se da fraqueza e miséria de seu discípulo.

Venho, meus bons amigos, em nome do meu Querido Mestre — o Salvador do Mundo — dizer-vos alguma coisa que vos interessa.

Compareço à vossa presença, a fim de restabelecer a verdade desvirtuada, falseada pelos homens interessados em se conservar no caminho do erro e da mentira.

Estou diante de vós, meus bons amigos, para me confessar agradecido pelas imensas provas de amor que me foram dispensadas por DEUS e por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Apareço aqui, perante vós, meus companheiros e amados irmãos, para penitenciar-me dos erros que pratiquei e, ao mesmo tempo, entoar hinos à Infinita Sabedoria e à pureza imaculada desse Mestre admirável, à incomparável bondade desse coração todo feito de doçuras e de amor!

Venho cantar hosanas à sublime sabedoria do Criador e erguer uma prece, na qual todos vós deveis acompanhar-me, pois, nesta oração subiremos até junto do Pai Celestial e de Jesus, que, nesta hora, estendem as vistas misericordiosas sobre este planeta atrasado, mundo de expiações e sofrimentos, de lágrimas e de dores.

Dizei comigo, meus queridos irmãos:

"Jesus, nosso Salvador, Filho de DEUS e luz sublime que clareia o nosso caminho, que nos guia na Terra e na Eternidade! Senhor, aqui estão os teus filhos, tendo à frente aquele que no Mundo errou profundamente, o maior de todos os criminosos que pisaram a superfície deste planeta; aqui estamos todos nós, Senhor! tendo à nossa frente o mais pérfido e infiel dos teus discípulos; aqui nos achamos todos nós, de pé, junto do mais fraco criminoso dos teus filhos — Judas Iscariote!

Nós, Senhor, somos também fracos, praticamos grandes erros, pesam sobre nós imensas culpas, grandes pecados nos obrigam a curvar a fronte diante de Ti, Senhor! Temos, Jesus, a nossa alma coberta de chagas, o nosso coração envenenado pelos mais impuros sentimentos que nele temos alimentado; sentimos o nosso espírito combalido ao rever o nosso passado espiritual, cheio de crimes e faltas graves; somos, Senhor, ainda escravos da matéria, sentindo as entranhas devoradas pelos desejos pecaminosos, a alma presa, agrilhoada à matéria que a retém na superfície da Terra, de onde não poderá desprender-se para as luminosas regiões, sem primeiro expurgar-se das impurezas e das máculas que os pecados deixaram sobre ela e onde os vícios produziram sulcos profundos, as misérias da carne lançaram vestígios que dificilmente se apagarão!!

Temos, bom Jesus! as mãos tintas do sangue dos nossos irmãos, os pés cheios de lama pútrida dos antros e dos monturos por onde caminhamos durante longo tempo; conservamos também nas mãos o azinhavre da moeda a troco da qual vendemos a nossa consciência, atraiçoamos os nossos irmãos; guardamos ainda nos lábios os sinais das nossas abjeções, da impureza das paixões que alimentamos em nossos corações; trazemos estampados na fronte os estigmas das nossas baixezas, das podridões, misérias e devassidões a que nos entregamos na vida; conservamos nos olhos os traços das nossas crueldades, o brilho das volúpias e prazeres criminosos que durante esta existência terrena temos desfrutado.

O nosso corpo, Senhor, é o livro onde e acha escrita a história dos nossos abusos e das nossas transgressões; a nossa alma, Jesus! é o espelho onde neste instante se refletem todos os nossos atentados às leis de DEUS, todas as violações do Teu Evangelho; a nossa consciência é, nesta hora, sudário onde se acha estampada a tua efígie, mas tão apagada que dificilmente a reconhecemos.

Senhor! Jesus! Querido e adorado Mestre! Todos os nossos pecados se acham gravados em nosso espírito; todas as nossas culpas estão desenhadas na nossa consciência, que nos acusa diante de Ti e de Teu Pai!

São grandes as nossas faltas, imensos os nossos pecados, infinitos os nossos erros, mas na Tua bondade há sempre lugar para todos os perdões; em Tua Alma existem grandes reservas de misericórdia e tolerância no Teu incomensurável coração há um transbordar constante de piedade e de amor para os que sofrem, que gemem e choram, os fracos, os infelizes e os pecadores, como nós!

Recebe, portanto, bom Jesus, esta prece que te oferecemos e que é pronunciada pelos lábios mais impuros que já existiram sobre a Terra, ditada pela consciência mais sombria que palpitou num ser humano, traçada pela mão mais criminosa que já existiu neste planeta; prece nascida da alma mais culpada que este mundo conheceu até hoje, o espírito mais fraco e criminoso dos que se têm encarnado na Terra.

Aceita, Senhor, bom Jesus, a prece que Judas, o traidor de ontem, o falso e o pérfido de outros tempos nos faz recitar neste momento na Tua presença para que possamos, como ele, alcançar o nosso perdão, merecer da Tua bondade a graça de recebermos do Teu Pai a mesma luz e a mesma paz que Ele concedeu ao mais cruel, ao mais criminoso e infame dos seus filhos!

Ouve, Jesus! a nossa prece e dá-nos o que deste a Judas pelo mal que ele Te fez, pela traição que praticou contra a Tua pessoa divina, pelo ultraje que infligiu a Ti, no momento mais doloroso da Tua vida de Missionário, de Redentor, de Salvador do Mundo e Filho de DEUS!

Tu, que tiveste em Tua Alma a grandeza, a doçura e o amor para perdoar a esse falso e perjuro discípulo, Senhor! Perdoa-nos também a nós, cujos erros, cujas faltas, crimes e pecados estão mui distantes do crime e do pecado daquele que se acha à nossa frente, nesta hora de luto e de dor, para render graças à infinita misericórdia de DEUS e o imenso e inesgotável manancial de doçuras, carinhos, afetos, pureza e imenso amor — o coração de Jesus!

Perdoa-nos, Senhor! Salva-nos, Jesus!

Eu direi também:

"Meu Jesus! meu Salvador! se mereci o Teu perdão e a Tua misericórdia, os meus irmãos podem também merecê-lo, pois diante de Judas, a Humanidade inteira, com todos os seus crimes, os seus pecados e as suas misérias, é santa, inocente como a mais inocente das criancinhas que brincam na superfície da Terra!

Perdoa, portanto, Senhor! a Humanidade, como perdoaste ao maior dos traidores!".

Dissemos que a Igreja Triunfante é que opera por intermédio da Igreja Militante aqui na Terra, e narramos os nomes dos doze Apóstolos escolhidos por Jesus!

Mas é preciso compreender que, após a descida do Espírito, esses Apóstolos se multiplicaram e substituíram-se com o desaparecimento de uns e a velhice de outros. Foram, depois, muitos os que formaram o grande Colégio Apostólico.

É difícil dar os nomes de todos eles, mas deixaremos registrados nesta despretensiosa obra aqueles que mais se salientaram e cuja fé de ofício chegou ao nosso conhecimento.

Por enquanto relembraremos, numa breve notícia biográfica, os que compuseram os doze, como representantes das Doze Tribos de Israel.

MATEUS

Mateus foi um dos doze Apóstolo e um dos quatro evangelistas. Nasceu na Galiléia. Chamava-se Levi e era publicano (coletor dos dinheiros públicos, entre os antigos romanos).

"Um dia estava ele no exercício de suas funções, na coletoria, quando Jesus ao passar com uma grande multidão, viu-o sentado na recebedoria, e disse-lhe: segue-me.

"E ele, deixando tudo, levantou-se e O seguiu. Logo após, Levi ofereceu a Jesus um grande banquete em sua casa".

Os sacerdotes não viram com bons olhos a conversão daquele homem que representava um cargo oficial. E sabendo que no banquete havia muitos publicanos e ainda outras pessoas, enviaram escribas e fariseus, que inquiriam do Mestre: "Por que comeis e bebeis com publicanos e pecadores?"

Jesus respondeu-lhes: "Não precisam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores ao arrependimento".

Os publicanos, conquanto gente de representação oficial, eram mal vistos pelo povo, pois julgavam que extorquiam dinheiro dos, contribuintes. Por isso se enriqueciam.

Daí vem a resposta de João Batista aos publicanos que foram a ele para receberem o batismo do arrependimento. Perguntando eles a João o que precisavam fazer para aparelharem o caminho do Senhor e darem frutos de arrependimento, a "Voz do Deserto" lhes respondeu: Não cobreis mais do que aquilo que vos está prescrito.

É para lembrar também o caso de Zaqueu, o publicano. Era ele chefe dos publicanos e rico. Vindo Jesus com a multidão, ele procurava ver quem era Jesus, mas como era de baixa estatura subiu a um sicômoro. Ao chegar Jesus àquele lugar, olhou para cima e disse: Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que hoje eu fique na tua casa. Ele desceu a toda pressa e recebeu a Jesus com alegria. Os que estavam ali, escribas e fariseus, murmuravam logo: como vai esse homem se hospedar na casa de um pecador. Mas Zaqueu volta-se para Jesus e diz: Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres, e se em alguma coisa defraudei a alguém, lho restituirei quadruplicado.

Jesus disse a todos que ali se achavam: Hoje entrou a salvação nesta casa, porquanto este também é filho de Abraão; pois, o Filho do homem veio buscar e achar o que se havia perdido.

Parecia ser muito fácil para Jesus a conversão dos publicanos e dos pecadores. O que parecia ser impossível para Jesus era a conversão dos doutores da lei, dos rabinos, dos sacerdotes, escribas e fariseus, a quem o Mestre nunca deixou de apostrofar. Certa vez Ele disse aos representantes dessas classes magnas da sociedade: "Em verdade vos digo que os publicanos, os pecadores e as meretrizes, vos precederão no Reino dos Céus".

Mateus era publicano e se tornou um dos doze Apóstolos, mas se conservou na obscuridade enquanto o Cristo estava na Terra. Só depois da ascensão e descida do Espírito no Cenáculo, ele entrou em ação: pregava na Judéia e nos países vizinhos, até a dispersão dos Apóstolos, aproveitando os momentos de folga para escrever o seu Evangelho. Depois, dizem haver partido para o Oriente, pregando a nova Doutrina na Pérsia e na Etiópia.

ANDRÉ E BARTOLOMEU

André foi um dos doze Apóstolos; era irmão de Pedro. A sua atitude, durante toda a vida de Jesus, foi de ouvir o Mestre, observar seus atos, estudar os seus preceitos, seguindo-O sempre por toda a parte.

A não ser certa vez que saiu com mais outro companheiro a pregar a Boa Nova ao mundo, segundo ordem que o Mestre deu aos doze, nenhuma outra ação aparece de André, enquanto Jesus se achava na Terra. E com certeza dessa vez fez algo de verdade pela difusão do Cristianismo nascente, pois o Senhor, segundo diz Lucas, havendo reunido os doze mandou-os, dois a dois, por todas as cidades, dando-lhes as seguintes instruções e poderes: "Tendes autoridade sobre os demônios (Espíritos maus) e para curar as doenças; pregai o Reino de Deus e fazei curas; nada leveis convosco, nem bordão, nem alforje, nem pão, nem dinheiro, nem deveis possuir duas túnicas. Em qualquer casa em que entrardes nela ficai e dali partireis. Em qualquer cidade em que vos não receberem, saindo dela, sacudi o pó dos vossos pés em testemunho contra eles. Tendo eles partido, percorreram as aldeias, anunciando as boas novas e fazendo curas em toda a parte". (Lucas, Cap. IX, v. v. 1-6).

Há uma tradição que André, após a difusão do Espírito, pregou em Patras, cidade da Grécia, e em Achaia.

De Bartolomeu, a seu turno, a notícia biográfica é resumida.

Dizem ter ele nascido em Caná, na Galiléia, e haver depois pregado o Evangelho na Arábia, na Pérsia, na Etiópias e depois na Índia, donde regressou para a Liacônia passando depois a outros países.

Seja como for, é interessante saber que estes, como os demais Apóstolos, limitavam a sua missão a pregar o Evangelho e às curas e recepção de instruções espirituais para o bom andamento da sua tarefa. Nem cultos, nem ritos, nem exterioridades eram adotados pelo Cristianismo nascente.

FILIPE E TOMÉ

Filipe nasceu em Betsaida, na Galiléia, era pescador, e depois da conversão de Pedro e André, entrou também para o número dos que haviam de compor o Apostolado da primeira hora, Dai em diante sempre acompanhou a Jesus.

Depois do desencarne do Mestre ficou em Jerusalém até a dispersão dos Apóstolos, indo, segundo a tradição, pregar o Evangelho na Frígia, recanto da Ásia Menor ao sul da Bitinia.

Foi Felipe que apresentou Jesus a Natanael, um homem ilustre e de caráter lapidado que residia na Galiléia.

O encontro de Natanael com Jesus, por intermédio de Felipe, e muito interessante.

"Estando Filipe com Natanael (João Cap. I, v. v. 45- 51) disse-lhe: Temos achado aquele, de quem escreveu Moisés na Lei, e de quem falaram os Profetas, Jesus de Nazaré, filho de José, Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair coisa que seja boa? Respondeu Filipe: Vem e vê. Jesus, vendo aproximar-se Natanael, disse: Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! Natanael disse-lhe: Donde me conheces? Respondeu Jesus: Antes de Filipe chamar-te, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira, Replicou-lhe Natanael: Mestre, Tu és o Filho de

Deus, Tu és o Rei de Israel. Disse-lhe Jesus: Por eu te dizer que te vi debaixo da figueira, crês? maiores coisas do que estas verás, E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem".

Natanael, após esse encontro com o Mestre, O seguia, tornando-se um dos seus discípulos.

Filipe morreu já muito velho, dizem que em Hierápolis.

Teodureto, na sua História Eclesiástica faz referência a uma visão que Teodósio, o Grande, teve de Filipe. Diz Teodureto que: "na batalha de Teodósio contra Eugênio apareceram àquele dois homens vestidos de branco e exortaram-no a ter ânimo, acrescentando que eram enviados em seu auxílio; um deles era João Evangelista, outro era Filipe; avisaram-no que ele teria vitória sobre o inimigo; e com efeito, essa vitória se realizou no dia seguinte. Um soldado do exército de Teodósio tivera a mesma visão.

Tomé, ou Dídimo [9] foi um dos doze Apóstolos; nasceu na Galiléia de uma família de pescadores. Acompanhou a Jesus durante os três anos de sua prédica, mostrando-se-lhe muito afeiçoado.

Quando Jesus, no segundo dia da ressurreição, apareceu de súbito aos seus discípulos e os saudou, como de costume: "A paz seja convosco", Tomé estava ausente. Quando Tomé chegou os discípulos contaram-lhe que o Senhor havia aparecido, mas ele recusou-se a dar-lhes crédito.

Oito dias depois, Jesus apareceu novamente aos discípulos, e dirigindo-se a Tomé, o convenceu da sua sobrevivência, mostrando-lhe as cicatrizes dos pés e das mãos, e a chaga do lado.

[9] Este nome quer dizer gêmeo.

Julga-se que Tomé foi pregar, após a dispersão, o Evangelho aos persas, hindus e árabes, ignorando-se as particularidades que salientariam o ministério desse Apóstolo.

SIMÃO – JUDAS E MATIAS

Simão também foi um dos doze; era galileu, parece que nascido em Caná, onde Jesus, nas bodas transformou a água em vinho. Lucas chama-o Zelote, o Zeloso, significação essa que, em grego, segundo observa Jerônimo nos seus comentários sobre Mateus, exprime a mesma idéia que "cananeu".

Nos Evangelhos não há outra referência a Simão. Sabe-se, por dedução, que Simão após o Pentecostes tomou parte no trabalho dos demais Apóstolos, indo, certamente pregar o Evangelho em algum lugar.

O historiador grego Nicéforo diz que ele percorreu o Egito, a Cirenaica e a África; que anunciou a Boa Nova na Mauritânia e em toda a Líbia e depois nas ilhas Britânicas que fez muitos milagres, isto é, que era dotado de faculdades psíquicas, com o auxílio das quais produzia curas e outros fenômenos, que apoiavam suas prédicas.

Judas, apelidado Tadeu, era filho de Tiago e nascido também na Galiléia.

É interessante que todos os discípulos, ou quase todos, eram galileus.

A Galiléia, antiga província da Palestina tem, por confronto, o Mediterrâneo e a Fenícia; de um lado o monte Líbano e o rio Leontes; de outro o Jordão e o lago Genesaré; a torrente de Keseu ao sul. Os seus montes eram o Carmelo, o Tabor, e Gelboe; as suas cidades principais são: Aco, Seforis, Nazaré, Caná, Betúlia, Cafarnaum. Compreende o território das tribos de Neftali, de Aser, de Zabulon e de Issachar.

A Galiléia foi o refúgio de muitas famílias que se conservaram fiéis à crença judaica. Antes disso era considerada uma terra de maldição pelos profetas. Primeiramente fazia parte do território das tribos revoltadas contra o herdeiro de Salomão, depois a invasão assíria despovoara o país e substituíra-se às populações deportadas para as margens do Eufrates. Acabada a dominação assíria, e devastada a Judéia, as antigas populações voltaram, misturando-se assim as raças e os cultos e dando à Galiléia uma espécie de liberdade de pensamento, estranha no Oriente.

Foi nesse ambiente livre que nasceu o Cristianismo, que viveram os Apóstolos, os mártires da nova Religião, onde nasceu Jesus, que aí viveu mais de trinta anos; foi nela que se estabeleceu o núcleo de cristãos que havia de trazer ao mundo a nova da Redenção e bater com o azorrague da Luz o mundo grego e romano. Quando Jesus nasceu, a Galiléia era o paraíso da Síria e principalmente Nazaré era célebre pela sua beleza e seu clima.

Os Galileus formaram uma seita antes de Jesus, que tinha por chefe Judas da Galiléia.

Quando o imperador impôs um senso a todos os seus vassalos, os galileus levantaram-se, porque achavam que era uma vergonha para os filhos de Israel pagar tributo a um príncipe estrangeiro.

Enfim, parece que os galileus foram os primeiros a se converterem à nova fé, aliando-se ao Mestre querido.

Judas Tadeu, diz Necéforo e Isidoro, após a difusão do Espírito, anunciou o Cristianismo aos povos da Líbia, aos da Pérsia e Armênia. Deixou uma epístola exortativa, que faz parte do Novo Testamento, em que convida seus discípulos a pelejarem pela fé e se armarem de obras boas que dêem sinal de purificação.

Matias foi o substituto de Judas Iscariote no Apostolado.

Nada sabemos nos primeiros tempos sobre Matias, senão que ele foi um dos setenta e dois discípulos que o Senhor designou e enviou, dois a dois, adiante de si a todas as cidades e lugares que pretendia visitar.

É muito interessante a credencial que o Mestre lhes deu para o cumprimento da tarefa que iam desempenhar. Vale a pena transcrever.

"Ide, eu vos envio como cordeiros no meio de lobos. Não leveis bolsa nem alforge, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa. E se ali houver algum filho da paz, repousará sobre ele a vossa paz; e se não houver, ela tornará para vós. Permanecei naquela mesma casa, comendo e bebendo o que vos oferecerem, pois digno é o trabalhador do seu salário. Não vos mudeis de casa em casa. Em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei o que vos oferecerem; curai os enfermos que nela houver e dizei: Está próximo a vós o Reino de Deus. Mas na cidade em que entrardes, e não vos receberem, saindo pelas ruas, dizei: Até o pó da vossa cidade que se nos pegou nos pés sacudimos contra vós. Todavia, sabei que está próximo o Reino de Deus".

E estes discípulos foram e grande sucesso obtiveram, excedendo muito à sua expectativa. Pois, quando voltaram a dar conta ao Senhor, do resultado da incumbência que Lhes fora confiada, cheios de alegria, lhe disseram: Senhor, até os espíritos malignos se submeteram a nós em Teu nome. Ao que Jesus respondeu: Eu via a Satanás cair do céu como relâmpago. Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões e sobre todo o poder do inimigo, e nada de modo algum vos fará mal. Mas não vos regozijeis em que os espíritos se vos submetem, antes regozijai-vos em que os vossos nomes estão escritos nos Céus".

Esta última revelação de Jesus, parece confirmar que os missionários da sua Doutrina não se fazem aqui na Terra, já vêm feitos do Mundo Espiritual, têm os seus nomes escritos "no Céu", como pegureiros da Verdade que vêm libertar o homem das trevas e da ignorância.

Matias foi, portanto, um dos setenta e dois e daqueles que não se escandalizaram depois, mas sempre seguiu o Mestre.

Uma tradição, confirmada entre os gregos, refere que, após o Pentecostes, ele pregou o Evangelho na Capadocia e para o lado do Ponto Euxino.

OS APÓSTOLOS MARCOS E BARNABÉ

Quem será o Apóstolo Marcos? Para nós é uma grande personalidade, uma figura saliente no Cristianismo; saliente e humilde, humilde e cheio de energia, de poder e de vontade.

Nos Evangelhos nada poderemos recolher de Marcos, a não ser o Evangelho de sua autoria. Sua genealogia é desconhecida! Parece um desses indivíduos que, ligados estreitamente às coisas do Céu, timbram em se mostrar sem títulos, sem estirpe e até sem nome, ou com um nome que lhe é peculiar, mas que não é o nome dado por sua família.

Ele quer ser um anônimo, um desconhecido, mas que somente seja conhecido por suas obras para que não lhe pertença a verdadeira honra e glória, mas sim ao seu e nosso Mestre Jesus.

Os livros sagrados, as enciclopédias, tratam Marcos como um indivíduo quase desconhecido, e, entretanto, até hoje, as suas Mensagens espíritas repercutem aos quatro cantos do globo, como clarins a anunciar a alvorada do grande Dia do Senhor.

Não será Marcos, aquele João Marcos a quem se referem Os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de Paulo?

O nome Marcos aparece nos Atos como sendo um judeu de Jerusalém, chamado João, que tinha adotado o sobrenome romano, Marcos. Na primeira menção que dele se faz, vem o seu nome em relação com o de Pedro, quando este, ao lhe serem abertas as portas do cárcere, pelo anjo, "foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam". (Atos, Cap. XII, v. 12).

Interessante ainda é que essa casa foi, quando vivo o pai de Marcos, aquela em que se celebrou a Ceia do Senhor, sendo também o pai de Marcos o proprietário do jardim de Getsêmani. Não seria Marcos, o tal moço narrado no Evangelho de Marcos, que seguia a Jesus, coberto unicamente com um lençol, e o agarraram, mas ele, largando o lençol, fugiu nu?". (Cap. XIV, v. v. 51 - 52).

Nós cremos que sim.

Marcos trabalhou muito, após a difusão do Espírito no Cenáculo.

Quando Barnabé e Paulo voltaram de Jerusalém à Antióquia, depois de haverem cumprido sua missão de portadores de socorros aos que se achavam famintos, Marcos os acompanhou (Atos, Cap. XII, v, 25) ficando depois como auxiliar deles. Em Perga ele deixou Paulo e Barnabé e seguiu para Jerusalém, onde, provavelmente, tinha certas obrigações de sua casa a cumprir.

Noutra viagem, ele fez companhia a Barnabé, navegou para Chipre, donde este era natural. (Cap. XV, v. v. 36 – 40). Pensa-se que Marcos exerceu o seu ministério no Egito, tendo fundado em Alexandria o primeiro núcleo Cristão.

Pelas Epistolas de Paulo, vê-se que Marcos foi um grande. Quando Paulo, da sua prisão em Roma, expediu epístolas aos Colossenses e a Filemon, lembra que Marcos é seu companheiro. Paulo diz que somente três judeus em Roma lhe eram fiéis, sendo Marcos um deles, não mais como ajudante, mas como cooperador do Evangelho.

Na carta dirigida a Timóteo, Paulo diz que Marco é seu leal companheiro.

Enfim, Marcos cooperou também com Pedro no trabalho espiritual. Muitos escritores chamam a Marcos, o intérprete de Pedro.

Eis em ligeiras notas o que podemos colher do ilustre Evangelista.

Barnabé, como Marcos, não foi um dos Doze; entretanto, a sua grande atividade, após a ressurreição de Jesus, fez com que fosse contado no número dos Apóstolos.

Ele era da tribo de Levi, e a sua família, que era oriunda de Chipre, possuía muitos bens. Ele era letrado, estudou em Jerusalém com Gamaliel, foi só depois de haver abraçado e ter entrado no trabalho do Evangelho, que recebeu o nome de Barnabé, que quer dizer — filho da consolação. Assim como Marcos, ele tem o emblema do leão. O nome primitivo de Barnabé era José. Era um homem simples e bom. Quando abraçou o Cristianismo vendeu seus bens e entregou o produto aos apóstolos. Foi ele que apresentou Paulo a Pedro e a Tiago Menor.

Barnabé esteve em Antióquia, depois em Tarso quando Paulo lá estava; acompanhou o doutor dos gentios na viagem à ilha de Chipre e à Liacônia, e quando andava com Paulo tinha a humildade de, por ocasião das prédicas, dar preferência sempre à palavra de Paulo.

É para lembrar o caso de Listre, em que os convertidos ovacionavam a Paulo e a Barnabé como sendo Mercúrio e Júpiter.

Foi, como os demais apóstolos, um grande obreiro.

CONCLUSÃO

A Vida dos Apóstolos foi uma vida de trabalhos, de incessante luta pela difusão do Evangelho; foi uma vida de abnegação e ingentes sacrifícios; de verdadeiro desapego às coisas do mundo; de dores, de sofrimentos, mas também de glória que não se extingue, de aquisição de tesouros que não perecem, de luzes que não se apagam, de verdades que nos conduzem às alturas, onde melhor compreenderemos a Deus e sua infinita sabedoria.

Basta passar uma vista de olhos no Novo Testamento para distinguirmos os Apóstolos que ministraram a Palavra do Cristo, daqueles que falsamente se dizem representantes do Messias Divino.

O que caracteriza a vida dos Discípulos são seus atos de amor e de sabedoria, sua tolerância para com os ignorantes, sua humildade, sua renúncia, sua compaixão para com os infelizes, sua extraordinária dedicação à difusão dos Ensinos que receberam do Mestre, sua fé firme, inabalável na continuidade da vida, sua submissão, seu singular devotamento num culto de verdade e de amor às coisas divinas, pondo absolutamente de lado todos os interesses materiais.

Lendo-se, por exemplo, a Epístola aos Gálatas, chega-se à conclusão que os Apóstolos trabalhavam exclusivamente para a moralização e espiritualização do homem e não para arrastá-lo a cultos sibilinos e a crenças dogmáticas que não têm acesso à razão e nem melhoram o coração.

No capítulo V, v.v. 18-25, lê-se: “Se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da Lei. Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: o adultério, a

impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, contra as quais vos previno como já preveni, que os que tais cousas praticam, não herdarão o Reino de Deus.

"Mas o fruto do Espírito é a Caridade, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, a temperança; contra tais cousas não há lei. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito".

Aos Efésios, cap. VI, v.v. 14-20, Paulo escreve:

"Estais firmes, tendo os vossos lombos cingidos com a verdade, e sendo vestidos da couraça da justiça e calçados os pés com a preparação do Evangelho da paz, em tudo tomando o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno; e tomai o capacete da salvação e a Espada do Espírito, que é a palavra de Deus, com toda a oração e súplica, orando em todo o tempo ao Espírito, e, para isto, vigiando com toda a perseverança e súplica por todos os santos e por mim, para que me seja dado, no abrir da minha boca, a palavra, para com ousadia, fazer conhecido o mistério do Evangelho, por amor do qual sou embaixador em cadeias, para que nele tenha coragem para falar como devo falar".

Aos Felipenses cap. II, vv. 1 e 2, diz:

"Se há, pois, alguma exortação em Cristo, se há alguma consolação de amor, se há alguma comunicação de Espírito, se há alguma misericórdia e compaixão, completai o meu gozo, de modo que tenhais o mesmo sentimento, tendo o mesmo amor, acordes no mesmo Espírito, cuidando numa só coisa; nada fazendo por porfia ou por vanglória, mas com humildade, considerando uns aos outros como superiores a si mesmos; não atendendo cada um para o que é seu, mas para o que é dos outros. Tende em vós esse sentimento que houve também em Cristo Jesus" .

Falando da devoção por meio de cultos e exterioridades, ele diz aos Colossenses – cap. II, vv. 16-19.

"Ninguém vos julgue pelo comer, nem pelo beber, nem a respeito de um dia de festa ou de Lua nova ou de sábado, as quais coisas são sombras das vindouras, mas o corpo é de Cristo. Ninguém à sua vontade vos tire o vosso prêmio com humildade e culto aos anjos, firmando-se nas coisas que têm visto, inchado vãmente pelo seu entendimento carnal e não retendo a cabeça de quem todo o corpo, suprido e unido por meio de juntas e ligamentos, cresce com o crescimento de Deus".

Referindo-se ao trabalho e ao amor fraternal, bases da religião, diz aos Tessalonicenses 1ª, cap. IV, vv. 9-12:

"Acerca do amor fraternal, não tendes necessidade de que se vos escreva; visto que vós mesmos estais instruídos por Deus em amar-vos uns aos outros; pois é certo que o fazeis para com todos os irmãos em toda a Macedônia. Mas vos exortamos, irmãos, a que nisto abundeis cada vez mais, e procureis viver sossegados, tratar dos vossos negócios e trabalhar com as vossas mãos, como vô-lo mandamos; a fim de que andeis dignamente para com os que estão de fora e não tenhais necessidade de coisa alguma".

Na II Epístola, cap. III, vv. 7-9 ele acrescentou: "Pois, vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos, porque não andamos desordenadamente entre vós, nem

comemos de graça o pão de homem algum, antes em trabalho e fadiga, trabalhando de noite e de dia para não sermos pesados a nenhum de vós".

Referindo-se ainda ao batismo, na 1ª Epístola aos Coríntios, cap. I, vv. 14-17, diz:

"Dou graças que a nenhum de vós batizei senão a Cristo e a Gaio: para que ninguém diga que fostes batizado em meu nome. E batizei também a família de Stéfanas: além deste não sei se batizei algum outro: pois não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o Evangelho, não em sabedoria de palavras".

Aos Romanos, cap. XII, vv. 9-21, diz: "O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegai-vos ao bem; em amor fraternal sede afeiçoados; na honra cada um dê preferência aos outros; no zelo não sejais remissos; no Espírito, sede fervorosos; Servi ao Senhor; na esperança sede alegres; na tribulação, pacientes; na oração, perseverantes; socorrei as necessidades dos santos; exercitai a hospitalidade. Abençoai aos que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai com os que se alegram, chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; não cuideis das coisas altivas, mas acomodai-vos às humildes. Não sejais sábios aos vossos olhos. Não tomeis a ninguém mal por mal; cuidai em coisas dignas diante dos homens; se for possível, quando depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, porque está escrito: Minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor. Antes, se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer, se tiver sede, dá-lhe de beber; porque fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a tua cabeça. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem".

Não é preciso mais citações. Os Apóstolos não poderiam compreender a Doutrina de Jesus de modo diverso do que Ele a pregou, tanto mais que se achavam assistidos pelo Espírito que o Mestre lhes havia prometido para a boa orientação no trabalho que com tanta dedicação desempenharam.

Eles compreenderam muito bem que o Senhor havia trazido ao mundo uma nova concepção da Religião, muito diversa daquela que era obedecida pelos povos de então e pelo sacerdotalismo ignorante e orgulhoso.

A começar pela revelação de Deus: Ele excluiu da tela religiosa aquele "deus", cioso e vingativo, cujo caráter é um m de caprichos, virtudes e paixões humanas, para proclamar o Deus único, indivisível, ao qua1 está sujeito o Universo, um Ente perfeito que faz nascer seu Sol e vir sua chuva sobre os bons e maus, justos e injustos. Não é aquele "deus", cuja justiça é vingança, nem aquela Providência, cuja interposição arbitrária, faz da sua Revelação um segredo confiado a poucos, mas sim o Pai do Céu, o Pai de nós todos, e nós, a sua família. Com a Paternidade, de Deus, Jesus, revelou a igualdade humana e sua conseqüente Fraternidade.

Para esclarecer ainda mais o seu pensamento, o Mestre nos mostra Deus como um Pai amoroso, justo, carinhoso, a quem devemos dirigir as nossas solicitações para que Seu Nome seja santificado por nós, pois é Ele que nos dá o pão necessário e não quer que nos conturbemos pelo alimento e vestuário, que dá até aos passarinhos e às flores do campo. É o Pai que sabe de todas as nossas necessidades antes de lhas expormos, que perdoa as nossas dívidas e nos livra das tentações e do mal; é o dono

do rebanho e das cem ovelhas, que manda procurar a que se extraviou para que todas fiquem resguardadas no aprisco. Por isso é indispensável que O amemos de todo o nosso coração, entendimento e alma e com todas as nossas forças.

A Doutrina de Jesus é a Religião da Perfeição pelo trabalho, pelo estudo, pelo esforço em progredir: "Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celestial".

Enfim, a Doutrina do Nazareno, como bem a resume o seu Sermão do Monte, é o progresso para a Sabedoria e para o Amor, pela humildade e esforço pessoal para o Bem.

Como admitir que esse Ensino, que Spinosa chamou — "o melhor e o mais verdadeiro símbolo da sabedoria celeste", consiste em cultos sectários, em práticas exteriores de um ritual complicado? Como admitir que essa Religião que Kant denominou — "a perfeição ideal", consista em sacramentos desta ou daquela igreja? Como pensar que essa extraordinária filosofia religiosa, que Renan chamou — "incomparável" se compare aos formalismos dos sacerdotes, práticas absolutamente avessas à razão e ao coração? Hegel disse que a Religião de Jesus "é a mais completa união do divino e do humano", e essa união só se pode fazer pela razão e pelo coração, crescendo sempre no conhecimento da Verdade, da Imortalidade, de Deus.

A constituição do Apostolado não podia ter, pois, outro intuito que despertar a razão e o coração, para o homem receber a Boa Nova, que lhes daria elementos indispensáveis a esse progresso, a essa perfeição que nos aproxima do Supremo Senhor. E o trabalho dos Apóstolos foi justamente esse: ensinar, instruir, iluminar os homens, tirá-los das trevas para a luz, da material idade para a espiritualidade, da escravidão do sacerdotalismo para a conquista de crescentes liberdades, em busca da Verdade, dos seus destinos imortais, enfim, de novas terras e novos céus, onde a felicidade está guardada para os que buscam a Palavra de Deus e se esforçam para pô-la em prática.

O Cristianismo veio, como disse Paulo, "restaurare omnia", renovar o espírito, o caráter, renovar o amor, renovar os costumes; e os seus Apóstolos, no cumprimento de sua alta missão, não fizeram outra coisa senão trabalhar para que essa renovação se efetuasse com a possível presteza, para que o Reino de Deus venha a nós, e Jesus Cristo possa verdadeiramente ser por nós compreendido e continue a nos auxiliar em nossa ascensão espiritual.

Fim.